

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

CAMILA DOS REIS SILVA

**DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO E SEXUALIDADE À ARQUEOLOGIA PÚBLICA:
SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DAS ROMANAS**

Alfenas/MG
2018

CAMILA DOS REIS SILVA

**DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO E SEXUALIDADE À ARQUEOLOGIA PÚBLICA:
SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DAS ROMANAS**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em História pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica. Orientador: Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan

Alfenas/MG

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas

S586a Silva, Camila dos Reis.
Da arqueologia de gênero e sexualidade à arqueologia pública: sobre as representações das romanas / Camila dos Reis Silva -- Alfenas/MG, 2018.
108 f.: il. --

Orientador: Cláudio Umpierre Carlan.
Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, 2018.
Bibliografia.

1. Numismática. 2. Arqueologia -- Gênero. 3. Romanas. 4. Arqueologia e estado. 5. RPG (Linguagem de programação de computador). I. Carlan, Cláudio Umpierre. II. Título.

CDD-930.1

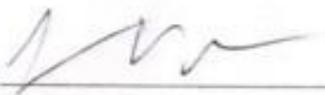
CAMILA DOS REIS SILVA

**“DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO E SEXUALIDADE À ARQUEOLOGIA
PÚBLICA: DAS REPRESENTAÇÕES DAS ROMANAS”.**

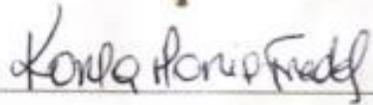
A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Dissertação apresentada como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Mestra em
História Ibérica pela Universidade Federal de
Alfenas. Área de concentração: Ensino e
Pesquisa de História Ibérica

Aprovado em: 28,09,2018

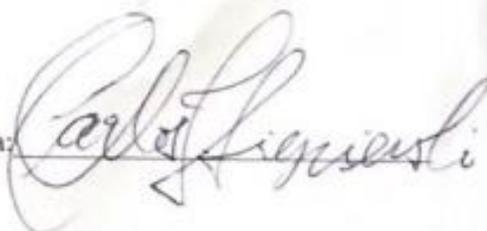
Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan
Instituição: Universidade Federal de Alfenas
UNIFAL-MG

Assinatura: 

Profa. Dra. Karla Freddel
Instituição: Universidade Federal de Pelotas
UFPEL-RS

Assinatura: 

Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski
Instituição: Universidade Estadual de Campinas
UNICAMP-SP

Assinatura: 

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos meus familiares, namorada e amigos, que sempre me apoiaram a estudar e acreditaram no meu potencial, que nos dias difíceis estiveram ao meu lado: vocês foram fundamentais para que este momento se tornasse possível. Destino o sucesso desta pesquisa a todos que participaram da minha caminhada durante o mestrado, aos meus professores, por ter me ensinado e colaborado para meu desenvolvimento acadêmico; aos meus colegas de sala, que pela troca de conhecimentos e pontos de vista durante as aulas (e fora dela), contribuíram para meu desenvolvimento profissional e pessoal. Agradecimento especial à empresa Singularity Games, pela parceria realizada, responsável pela produção técnica do objeto de aprendizagem. Muito obrigada a todos vocês! E claro, dedico principalmente este trabalho ao meu orientador Cláudio Umpierre Carlan, sempre presente, atencioso, encorajando-me para que eu desenvolvesse o meu melhor. Sou grata, Carlan, pela paciência, pelo incentivo e estímulos acadêmicos.

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa historiográfica que tem por objetivo refletir como as mulheres eram representadas em culturas materiais romanas. Por isto, estabeleceremos um diálogo com a Arqueologia. Pretendemos, através da utilização das moedas *spintriae*, que possuem cunhagens de práticas sexuais, provenientes do principado romano, analisar as representações imagéticas das mulheres realizadas pelos romanos. Empregaremos uma abordagem multidisciplinar, na qual a iconografia e Arqueologia serão instrumentos analíticos das acunhações, e a Historiografia para contextualizar a temporalidade e os personagens estudados. Após os dados coletados, tentaremos compreender os sentidos das apresentações imagéticas femininas pelos homens romanos e seus possíveis indícios sociais. Embasados na Arqueologia Pública, como objeto de aprendizagem, através do programa RPG Maker, elaboraremos um jogo de escape ambientado em um museu virtual. O objetivo é fazer o personagem escapar do museu. Para passar de cada etapa/sala do jogo/museu, o jogador/estudante deverá resolver atividades pedagógicas que remetam ao tema da pesquisa.

Palavras-chave: Numismática. Arqueologia de Gênero. Romanas. Arqueologia Pública. RPG

ABSTRACT

The present work is a historiographical research whose objective is to reflect how the women were represented in Roman material cultures. Therefore, we will establish a dialogue with Archeology. We intend, through the use of the *spintriae* coins, that they have coinage of sexual practices, originating from the roman principality, to analyze the imagery representations of the women realized by the male romans. We will employ an interdisciplinary approach, in which iconography and Archeology will be analytical instruments of the coins, and Historiography to contextualize the temporality and the characters studied. After the data collected, we will try to understand the senses of the feminine imagery presentations by the Roman men and their possible social indications. Based on the Public Archeology, as an object of learning, through the RPG Maker program, we will create an escape game set in a virtual museum. The objective is to make the characters escape from the museum. To pass from each stage / game room / museum, the player / student must solve pedagogical activities that refer to the research theme.

Keywords: Numismatics. Gender Archeology. Female romans. Public Archeology. RPG

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	13
2.1	Numismática e Iconografia	17
2.2	Gênero, Sexualidade e Educação.....	22
2.3	Da Arqueologia Histórica à Arqueologia Pública.....	27
3	<i>SPINTRIAE</i>- O SEXO UNE.....	32
3.1	<i>As spintriae</i> no contexto do sistema monetário romano.....	32
3.2	“Kama sutra” epistemológico- As múltiplas posições sobre as <i>spintriae</i>	35
3.3	A Pax romana intrínseca na práxi sexual das <i>spintriae</i>	47
4	GÊNERO E SEXUALIDADE NA ANTIGUIDADE ROMANA.....	51
4.1	Das representações nas relações de gêneros e sexualidade.....	51
4.2	Relações de gênero e mentalidade romana sobre práticas sexuais.....	55
4.3	As mulheres nas culturas materiais romanas.....	63
5	O FEMININO SOB O OLHAR MASCULINO: RELAÇÕES DE GÊNEROS A PARTIR DAS SPINTRIAE.....	67
	Moeda 1.....	68
	Moeda 2.....	69
	Moeda 3.....	74
	Moeda 4.....	77
	Moeda 5.....	80
6	NUMMI, O JOGO VIRTUAL: ENSINO DE HISTÓRIA, DISCUSSÕES DE GÊNEROS E SEXUALIDADE EM SALA DE AULA.....	83
6.1	O porquê dos jogos (de entretenimento)	84
6.2	A metodologia empregada.....	87
6.3	A seleção dos conteúdos.....	89
6.4	O Jogo Nummi.....	90
7	CONCLUSÃO	99
	REFERÊNCIAS	102

ANEXO108

1 INTRODUÇÃO

Na Antiguidade a sexualidade foi exercida com relativa autonomia e flexibilidade entre a população. Exercê-las não significava restringir o sexo somente à intenção de procriação, nem tampouco o ato sexual era limitado apenas ao mero prazer: nelas havia também uma conotação política, religiosa e social, que inclusive permitia a relação entre pessoas do mesmo sexo.

A representação sexual remonta a tempos pré-históricos, como em cenas encontradas na serra da capivara no estado do Piauí, Brasil. Em culturas diversas e de temporalidades distintas, expressões corporais e sexuais -especialmente o culto ao falo- são encontradas. Da América pré-histórica à Grécia, Egito, Japão e outros locais, durante a antiguidade, estas imagens são apreciadas.

Em Roma não era diferente. Representações de cópulas foram encontradas por todo o império romano e foram feitas das mais diversas maneiras: há descrições dos atos sexuais nos epigramas¹ de Ovídio, Marcial e Juvenal; inscrições e pinturas sobre práticas sexuais foram representadas em paredes em Pompéia; em utensílios domésticos, como lamparinas e castiçais, bem como representações imagéticas destas práticas em moedas.

Estas amoedações são as *spintriae*. São pequenos pedaços de metal com cunhagem de diversas posições sexuais, proveniente do principado romano, entre os reinados de Augusto e Tibério, circulando por todo o império romano. Estas eram produzidas por homens, pelo Senado, especificamente à mando do imperador vigente. Entretanto, como eram e qual o significado das representações femininas feitas pelos homens romanos? Estes são os questionamentos centrais da pesquisa.

Antes de aprofundarmos na problemática, faz-se necessário uma breve explicação da delimitação do nosso tema. A pesquisa insere-se no Programa de Pós-Graduação em História Ibérica: para tal, é preciso que o trabalho permeie temas relacionados à península. Houve a necessidade de uma adequação laboral devido ao pouco tempo disponível e ao nível de complexidade para a realização do que foi planejado. A dissertação será focada nas *spintriae*, que são culturas materiais romanas, mas que também foram cunhadas na Hispania e circularam por todo o seu território, difundindo aspectos culturais romanos.

¹ Pequenos poemas com teor satírico e jocoso na qual o autor observa a sociedade em que está inserido.

O recorte temporal é o período que circularam as moedas: o século I d.C, período do principado, na qual Augusto havia estendido a cidadania além dos limites de Roma. Neste momento, este trabalho não pretende ser uma pesquisa sobre os discursos dos romanos em suas pluralidades territoriais e culturais. As *spintriae* não foram cunhadas somente em Roma, como também em outras localidades imperiais, e tem como mandatários de sua produção o Senado/Imperador, ou seja, os romanos nativos.

Em se tratando de contatos culturais entre romanos e estrangeiros, com a extensão do título de cidadão às elites do vasto império, pode ser que tenha havido hibridação cultural, desembocando em compartilhamentos de elementos culturais: a representação das feminilidades romanas pode ter influenciado a representação de outros perfis femininos de outras culturas. Devido a extensão e dificuldade destas problemáticas, pretendemos abordá-las ao dar continuidade às pesquisas num possível doutoramento (com ênfase na Península Ibérica). A questão é: não é porque os sujeitos da pesquisa sejam de Roma, que tais representações e compreensões do feminino pelo universo masculino se restrinja aos limites territoriais itálicos.

As romanas aqui abordadas, são as mulheres que viveram contemporaneamente à circulação das *spintriae*. Versaremos sobre as representações destas feitas pelo sexo oposto. Neste contexto a utilização da iconografia será primordial para entendermos como e porquê os romanos reproduziam o feminino à maneira contida nessas moedas.

As *spintriae* tornam-se uma fonte interessante para pensarmos aspectos das relações humanas neste período histórico, pois há em suas cunhagens diversas posições sexuais e de personagens de estratos sociais distintos. A diversidade social expressada nas amoedações nos possibilita redimensionar os estudos da sexualidade aos estudos de gênero. Há um ideal político intrínseco em sua circulação.

Nossa pesquisa transcorre especialmente sobre duas disciplinas: a História e a Arqueologia, nas quais empregaremos a História Cultural como teoria metodológica. Ambas as áreas estabelecerão um diálogo multidisciplinar com a Numismática e Iconografia.

No âmbito das representações das práticas sexuais na antiguidade, especialmente na romana, é importante entendê-las como parte de uma realidade social, mítico-religiosa, de determinado tempo histórico, que poderá ter influenciado nas questões de gênero aqui abordadas. Desta forma, estabelecemos o diálogo com a História Cultural². Roger Chartier (1990) entende que

² [...] pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos ou,

há lutas de poderes e dominações nas ações humanas, que variam de acordo com o tempo histórico investigado, e que há intensionalidade nas representações dos discursos de quem produz o documento e de quem os interpreta.

Não obstante, a tendência epistemológica histórica, desde sua gênese com Heródoto, de negligenciar a participação da mulher em seus processos, proporcionou pouca existência de fontes clássicas escritas por estas personagens. Isto nos fez recorrer a cultura material (principalmente) como fonte. Embora os vestígios materiais, selecionados em nossa pesquisa, tenham sido produzidos por homens, nos permitem fazer uma leitura a contrapelo, como diria Walter Benjamin, e tentar compreender as intencionalidades masculinas ao produzi-las.

O estudo da mulher como agente histórico é contemporâneo, fruto da luta das sufragistas, dos movimentos feministas e da ampliação dos estudos historiográficos pela escola dos *Annales*. O estudo das mentalidades permitiu que o estudo de micro-temas, como de gênero e sexualidade fosse pertinente, para entendermos a história de uma perspectiva diferente e ampla.

O interesse em desenvolver o projeto de pesquisa sobre mulheres surgiu em função dos seguintes motivos: apesar da discussão de gênero e sexualidade ser algo contemporâneo, do fomento de pesquisas nessa área, ainda se percebe que avançamos de maneira pouco satisfatória socialmente, a respeito da representação da mulher na sociedade, especialmente no Brasil. É uma investigação das relações de gênero e “sexualidade” na Antiguidade romana, podendo colaborar para reflexões sobre os temas na atualidade.

Além disso há uma preocupação historiográfica, já que os estudos sobre as *spintriae* são pouco difundidos e conhecidos. Por mais que utilizemos como reflexão deste trabalho fontes materiais romanas, nos esforçaremos para tentar compreender, mesmo que minimamente, o significado das representações femininas pela ótica masculina, refletir sobre as relações de gênero na antiguidade romana, tentando contribuir de alguma maneira para historiografia nestes sentidos.

Além das preocupações sociais e historiográficas que esse trabalho procura abarcar, a viabilidade da pesquisa se sustenta também nas problemáticas envolvidas no âmbito educacional. No Plano Curricular Nacional, nas temáticas transversais, há diretrizes que apontam a necessidade de discussões sobre gênero e sexualidade em sala de aula, mas isso tem estado aquém da realidade educacional brasileira.

por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente descrevem a sociedade tal qual como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1988 p.19).

Por isso, como projeto pedagógico desta pesquisa, elaboraremos um jogo ambientado em um museu virtual, baseado em nossa pesquisa, que poderá ser usado como suporte pedagógico para discussão de gênero e sexualidade. Utilizaremos da Arqueologia de Gênero como instrumento analítico das culturas materiais escolhidas, e da Arqueologia Pública, com o desenvolvimento de um jogo de RPG ambientado num museu, para democratizar o conhecimento e apresentar, em partes, os resultados desta pesquisa. O objeto de aprendizagem será direcionado aos estudantes do ensino médio.

Os objetivos deste trabalho são propor uma reflexão bibliográfica sobre os principais conceitos empregados neste ensaio, promover uma contextualização para uma melhor compreensão sobre o objeto/tema de estudo, bem como analisar as fontes e tentar entender, através delas, como o feminino é representado pelo masculino romano. E por fim, colaborar com as discussões de gênero e sexualidade em sala de aula através do objeto de aprendizagem desenvolvido.

Mas como foram representadas imagetivamente as mulheres nas *spintriae*? Qual o sentido destas representações? O que essas intenções podem nos dizer sobre as relações de gênero na antiguidade romana? É possível recorrer à cultura material para ensinar tanto História, quanto promover reflexões sobre gênero e sexualidade? São esses os questionamentos que nortearam a nossa pesquisa.

2 DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Por muito tempo a historiografia foi norteadada pelo positivismo, metodologia que prioriza os documentos oficiais como fonte única para a construção histórica. Privilegiava-se a História Política. Não se analisava os documentos, compilava-os; a história era pautada na narrativa. Com o correr dos desenvolvimentos historiográficos há um questionamento sobre a metodologia até então empregada, que ampliará o leque do pesquisador, diversificando as possibilidades nos estudos no campo da História.

Essa superação dos conceitos rígidos existentes na historiografia tradicional tem o intuito de desconstruir a História hegemônica fabricada pelo mesmo, para que assim possamos compreender seus desenvolvimentos em sua pluralidade. Porém, convém ressaltar que o positivismo teve um papel específico nos progressos historiográficos, pois colaborou com a organização cronológica da disciplina, além de preservar, através de suas narrativas, alguns discursos de fontes primárias que desapareceram. Sua existência proporcionou questionamentos acerca deste aporte teórico-metodológico, influenciando no pensar de novas abordagens de pesquisas, variando as possibilidades epistemológicas do historiador.

A indagação sobre as práticas metodológicas tradicionais de maneira mais organizada veio com a escola dos *Annales*. Digo organizada pois, no século XVIII, houve uma tendência de uma História voltada à sociedade e não à História Política, promovida por pesquisadores de diversos países europeus. Fundamentavam seus estudos na história da moral, dos costumes, leis e comércio, não se limitando à política e guerras. Entretanto, essa insurgência historiográfica foi suprimida por Leopold Von Ranke (BURKE, 1992, p-12).

[...] o movimento por ele liderado e o novo paradigma histórico elaborado arruinaram a “nova história” do século XVIII. Sua ênfase nas fontes dos arquivos fez com que os historiadores que trabalhavam a história sociocultural parecessem meros *dilettanti*. Os epígonos de Ranke foram, porém, mais intolerantes que o mestre e, numa época em que os historiadores buscavam profissionalizar-se, a história não-política foi excluída da nova disciplina acadêmica (BURKE, 1992, p. 12).

Esse grupo internacional de pesquisadores que tentaram uma interpelação diferente da tradicional, até então empregada, não parecia ter a mesma convicção de uma necessidade de

renovação das práticas metodológicas, como viria acontecer com o movimento da escola dos *Annales*. Suas inquiuições pautadas na “história da sociedade”, como ficou conhecida, não procurou romper com a história política, mas sim integrar este estudo a outras temáticas. De qualquer maneira seus esforços renderam estudos importantes, além de proporcionar novas possibilidades aos estudos históricos (BURKE, 1992, p. 12).

Outra contribuição importante para a historiografia veio com Karl Marx. Sua visão histórica era voltada para uma metodologia galgada nas tensões de classes dentro de uma sociedade, decorrentes dos modos de produção. Historiadores econômicos apontaram suas críticas a história tradicional, e essa vertente epistemológica angariou muitos adeptos e teve grande influência na historiografia até meados do século XIX (BURKE, 1992, p. 12).

A tônica da diversificação historiográfica aconteceria de fato com os *Annales*. Este foi um movimento de historiadores que ocorreu na França, na qual o escrever e pensar história começam a ser redefinidas. E por ser um movimento revolucionário, configurou-se como orgânico, dinâmico e difuso, possuindo três fases distintas, possuindo avanços e tensões em seu meio.

A primeira fase ocorre com os fundadores do movimento, Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929, na qual fundaram a revista intitulada de *Annales d'histoire économique et sociale*. Essa é marcada principalmente por um embate e contestação ferrenha a historiografia tradicional, de cunho positivista, que restringiam a pesquisa à história política e aos grandes eventos (BARROS, 2010, p. 5). Devido ao impacto proporcionado por seu olhar inovador às metodologias, embasada na interdisciplinaridade, a revista passa a se tornar um símbolo de novos tempos da historiografia, e mais tarde, passa a ser identificada como escola.

A segunda fase do movimento é sublinhada pela liderança da revista pelo historiador Fernand Braudel, e dos novos paradigmas historiográficos empregados por ele. Nesta etapa há uma estruturação de conceitos e metodologias, aproximando-se ainda mais a identificação dos *Annales* como academia. Estrutura e conjuntura, e a história serial (as mudanças na longa duração), foram os principais avanços epistemológicos alcançados (BURKE, 1992, p. 13-14).

Em 1968 inicia-se a terceira fase. Nota-se que seu contexto histórico é um período de contestação e problematização da sociedade, dos valores humanos, com o surgimento de movimentos sociais, políticos e contraculturais, que iriam influenciar o pensamento das pessoas em proporções mundiais (BARROS, 2013, p. 310). A terceira geração, seus desdobramentos e suas produções, foi fruto de uma temporalidade contestadora.

Nesta terceira fase, a fragmentação e a pluralidade de temas estudados destacam-se. Há um retorno e redimensionamento da história das mentalidades na qual Lucien Febvre havia defendido na primeira geração da escola. Assuntos dos mais diversos começam a ser abordados, como a história do medo, do amor, do olfato. Há um posicionamento de pensar a metodologia partindo do micro para a macro História, de personagens históricos antes marginalizados pela historiografia tradicional, como por exemplo, a história das mulheres (BURKE, 1992, p. 56). É a partir deste momento do movimento da escola dos *Annales*, sendo reforçados pelos movimentos feministas, que a história do feminino começa a ser levado em consideração. A mulher passa a ser enxergada como personagem histórico ativo e passivo de apuração.

Influenciada pela terceira geração, na historiografia há um rompante de paradigmas, trazendo novos modelos de análises, ao mesmo tempo em que há o retorno a antigos modelos como a narrativa. Sobre a novidade deste período destaca-se uma inclinação dos pesquisadores ao âmbito da cultura, voltando o seu olhar aos detalhes característico às mentalidades e à micro-história já supracitadas. A história cultural passa a ser o padrão epistemológico de grande destaque a partir deste período (BARROS, 2013, p. 311).

Com a escola dos *Annales* há uma diversificação das fontes de pesquisa, utilizando a cultura material em diálogo com outros domínios científicos para uma análise mais ampla dos discursos históricos. O discurso aparece como objeto de pesquisa do historiador, em contraposição à experiência que é levada em consideração na história social (ou história econômica). Entre a prática (a experiência) e as representações (impressões e expressões sobre a experiência), há o discurso.

Exemplificando: a autora diz que o historiador social, quando fala de trabalho, está se referindo à *experiência* dos operários em relação ao processo de trabalho. Já o historiador cultural, quando fala em trabalho, estaria se referindo à construção de diferentes noções de trabalho e da linguagem usada para isso, portanto, é o *discurso* sobre o trabalho e não a *experiência* de trabalho (WEINSTEIN, 1998, p.230 apud JARDIM, Rejane B.; PIEPPER, Jordana, A. 20. p. 89).

Desta maneira, o discurso como objeto é entendido pelos indícios contidos nas elaborações das fontes utilizadas, nas análises de demais historiadores sobre aquela temática eleita e na própria construção da escrita do historiador em sua pesquisa. Há intencionalidades socioculturais e políticas no âmago desses discursos, e confrontá-los pode colaborar para um entendimento da temática estudada de maneira aprofundada.

Este trabalho refere-se ao estudo do feminino, portanto, trata-se de um estudo de gênero, abordando também as práticas sexuais, que englobam o tema. Contudo, a História Cultural será a teoria-metodológica que norteará este trabalho, pelos seguintes motivos: 1) pelas mulheres serem por muito tempo marginalizadas da história, a metodologia tradicional seria inviável pela ausência das mulheres em fontes documentais primárias; 2) A história econômica faz sua análise pautada nas tensões entre classes, e por nosso trabalho remontar ao período do império romano, não havia a consciência de classe naquele período- neste caso cairíamos num anacronismo histórico; 3) Nosso trabalho versa sobre a representação das romanas nas *spintriae*, realizadas por autores masculinos. Partiremos das imagens corpóreas e sexuais, para um entendimento de relações de gênero com ênfase no feminino. É interdisciplinar, privilegia a micro história e os discursos a respeito do objeto de pesquisa, fundamentando nosso trabalho na História Cultural.

A espinha dorsal desta pesquisa centra nos conceitos de representação, gênero e sexualidade, decorrentes das relações entre o feminino e o masculino. Tais conceitos serão empregados nas fontes que complementarão as análises feitas da *spintriae*. Partimos de uma premissa das mentalidades (práticas sexuais) para compreendermos as mulheres. Mas para tal, o diálogo com o universo masculino torna-se essencial, pois a construção da identidade de gênero é um aspecto cultural e, por isso, ao mesmo tempo social; o universo masculino deve ser considerado, embora não seja o ponto central desse estudo.

Os contatos sociais entre universo feminino e masculino acaba estabelecendo uma relação de poder entre eles, onde há uma preponderação deste último em detrimento ao primeiro. As análises do vínculo desses dois universos que desembocam na (re) elaboração de suas identidades é própria da epistemologia de gênero, que será discutida mais adiante.

A interdisciplinaridade, defendida e difundida por todas as gerações da escola francesa, tornar-se essencial para este fim e para o desenvolvimento deste trabalho. A História nos dará a base contextual da pesquisa; na análise arqueológica da moeda, que está inserida no campo da numismática, utilizaremos o viés iconográfico.

Por fim, é necessário atentar-se ao meu discurso. Ele não é -e nem nunca será- neutro e nem apolítico. É fruto dos anseios e indagações da minha própria identidade e temporalidade. Preocupações coletivas contemporâneas que refletem e remetem na minha subjetividade. Há uma intenção em meu discurso, uma intenção política sobretudo: que uma investigação historiográfica

de gênero na antiguidade possa contribuir na reflexão sobre o tema na nossa própria realidade, desembocando em um maior entendimento/respeito às especificidades históricas e humanas.

A História cultural propiciou uma expansão historiográfica, promovendo um diálogo com a Arqueologia, Antropologia, e outras vertentes epistemológicas, ocasionando estudos de temas antes negligenciados. As vozes femininas em documentos oficiais eram quase inexistentes. Recorrer à cultura material como estátuas, sarcófagos, obras literárias, moedas, dentre outras, tornou-se pertinente para estudar temas antes silenciados na história, como os estudos das mulheres e sua sexualidade. Por essas razões a história cultural demonstra-se necessária para a compreensão e construção imagética feminina pelo viés ótico masculino.

2.1 Numismática e Iconografia

Um pedaço de metal, duas faces, múltiplas perspectivas de análise. As moedas na Antiguidade trazem em suas cunhagens indícios políticos, econômicos, sociais, míticos, religiosos e estéticos (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015). O caráter multifacetado desta cultura material faz com que, além da Arqueologia, tenhamos que estabelecer um diálogo também com a iconografia.

A Numismática é o campo que se encarrega dos estudos de medalhas, brasões e das moedas- mas suas análises não se restringem apenas aos valores econômicos. Com o auxílio da Iconografia é possível fazer uma leitura imagética e perceber valores sociais, religiosos e políticos existentes nas suas cunhagens. E, por difundir mensagens pela categoria da imagem e por sua fácil difusão pelo território, faz desta cultura material uma fonte democrática de informação e um objeto de propagando política eficaz (CARLAN; FUNARI, 2012).

A metodologia empregada nos estudos das moedas acompanhou o próprio desenvolvimento da historiografia. Antes do alargamento das possibilidades do documento histórico com a História Cultural, o estudo das amoedações era relacionado à História social. Direccionava-se os estudos às relações das moedas com o econômico-social, sua influência em salários, custo/moço de vida, seus reflexos na vida dos indivíduos (CARLAN, 2014, p. 14). Na História Social a moeda é entendida

como objeto de troca/mercadoria; com a História Cultural torna-se objeto de investigação dos discursos-e suas relações de poder- existentes na sua representação imagética.

Grosso modo, os estudos de moedas referentes à Antiguidade divide-se em duas abordagens: uma teórica ou doutrinal, que fundamenta suas investigações a aspectos técnicos e metodológicos, como a definição das bases da ciência numismática, definições de nomenclaturas e parâmetros de classificação, dentre outros pormenores; e outra histórica e descritiva, que privilegiará a investigação e identificação do desenvolvimento das amoedações nas inúmeras sociedades (CLAIN – STEFANELLI, 1984, 121 apud CARLAN, 2014, p.16), (GRIERSON, 1979, p. 35 apud CARLAN, 2014, p.16). Por nossa pesquisa versar sobre discursos e suas relações de poderes entre os sexos, embasaremos na segunda categoria de análise.

Sem dúvida alguma é no terreno das ideias políticas e da propaganda onde é mais fecundo o serviço da numismática à História [...]. [Devemos] refletir sobre a significação da moeda no mundo antigo, num mundo onde não existiam meios de informação comparáveis aos nossos, onde o analfabetismo se estendia a numerosas camadas da população. A moeda é um objeto palpável, objeto que abre portas e proporciona bem-estar. Nela pode-se contemplar a efígie do soberano, enquanto os reversos mostram suas virtudes e a prosperidade da época: *Felicitas Temporum*, *Restitutio Orbis*, *Victoria* e *Pax Augusta* [...] são slogans, propaganda (ROLDÁN HERVÁS, 1975, p. 166).

Embora seu caráter econômico não deva ser desprezado, as moedas se configuram um elemento importante como disseminador de uma ideia- principalmente política: está presente na sua confecção, pois é uma autoridade que a estipula, regula, outorga o valor financeiro e autoral, que a distribui por determinado território; no seu âmbito ideológico, pois através das cunhagens há ideias, uma intencionalidade de comunicar e disseminar mensagens.

As moedas funcionam de maneira eficiente como recurso de informação a serviço de um poder central. Os altos índices de analfabetismo na Antiguidade, por exemplo, faziam delas um importante aliado para transmitir os valores do império e o poder do governador sobre o território, através de seus contornos imagéticos. Desde da gênese do pedaço de metal, existente há mais de 2500 anos, valores políticos estão intrínsecos em sua circulação (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 115). Sua aquisição, além de proporcionar ao portador um bem-estar, direciona-os a elementos conscientes e inconscientes sobre o imperador.

Essas informações contidas na cultura material, sua descrição e/ou (de) codificação é de propriedade da iconografia. Esse é o campo em que se estuda as intenções a serem comunicadas

por meio da imagem. “Iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma. Tentemos, portanto, definir a distinção entre tema ou significado, de um lado, e forma, de outro” (PANOFSKY, 1986, p. 47).

Sua metodologia é subdividida em etapas, que se correlacionam e nos remetem a um significante. Em primeiro lugar, há o tema primário ou natural, que é atribuída ao das formas puras, em sua naturalidade; um ramo de louro sem uma contextualização é apenas um ramo de louro: a pré-iconografia consiste no detalhamento da imagem. Posteriormente temos o tema secundário ou convencional, onde um ramo de louro remetido a antiguidade, por exemplo, é um ícone de vitória e compreendido com tal: esta conceituação do objeto consiste na análise iconográfica (PANOFSKY, 1986, p. 50).

A moeda não era um simples material de troca, de dinamismo financeiro e objeto de bem-estar econômico. Em sua superfície há elementos imagéticos carregadas de propósitos-especialmente políticos. Este é o papel da iconografia monetária. Perceber as pretensões simbólicas de poder presentes no corpo da amoedação, quais suas tensões e desígnios político-sociais decorrentes delas. Para um exame iconográfico, como diria Carlo Guinzburg (1989), há a necessidade de documentos auxiliares para sua interpretação. Por essas razões, utilizaremos como aporte documentos escritos primários e secundários para dar sustentação em nossas análises. A iconografia monetária é um campo fecundo, que proporciona uma grande contribuição para os estudos históricos e arqueológicos (CARLAN, 2016, p. 272).

A esta carga política e ideológica presente no corpo da amoedação, converte-se o documento material em monumento; consciente ou não, é uma tentativa propagandística de se fazer perpetuar nas memórias presentes e futuras, determinada imagem das próprias sociedades (LE GOFF, 1984, p. 103). Chartier nos lembra sobre a necessidade de se criar símbolos de poder, para que haja uma distinção entre os indivíduos, como as insígnias de coras e cetros tendem a demarcar o soberano, distinguindo-o dos demais. Contribui-se para a noção política do governo e a existência do estado, transformando o documento em monumento, representando simbolicamente o poder estatal e sua prosperidade (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 71).

É importante ressaltar que esse poderio simbólico é uniforme, mas compreendido de maneira distintas pela população. Há sensibilidades diferentes quanto a percepção de uma mensagem pelo receptor. Os códigos simbólicos são entendidos conforme a apreciação do

indivíduo quanto a estes; trava-se uma batalha simbólica entre emissor/receptor através da representação imagética/simbólica (GUINZBURG, 1989, p.74).

Linguagem e propaganda em Roma, estavam intimamente ligadas às cunhagens monetárias. As moedas não apenas são instrumentos importantes para estabelecer a datação dos documentos que chegaram até nós sem seu contexto original, como são de grande valia na compreensão destas mensagens simbólicas descritas no corpos das amoedações (CARLAN, 2014, p. 14).

Ao longo da História as autoridades vigentes usufruíam de símbolos com intento de promover seu poder, seja ele político, religioso, militar, ou de outro aspecto. Na Antiguidade, a imagem do imperador implicava na condensação de todas essas esferas. Como modo de distinção, o governador utilizará elementos em suas representações que o distinguisse dos demais. Estes estarão cunhados nas moedas, que possuem fácil circulação entre toda a população, tornando-se mecanismo operativo de propagandas (CARLAN, 2011).

“Os povos que habitavam o vasto império romano tinham conhecimento de que o busto representado naquela diminuta peça de bronze, prata ou ouro era do seu governante” (CARLAN, 2011, p. 4). As convenções sociais fariam que estes elementos simbólicos se perpetuassem como signos de poder imperial, transformando a moeda em monumento histórico. Mas e quando há cunhagens que fujam dessas convenções sociais e políticas?

As *spintriae*, fonte material e principal de nossa pesquisa, circulou pelo principado romano, dos séculos I. a.C a II d.C, e circularam por todo império. Nelas há cunhadas cenas de cópulas, das mais diversas posições sexuais. Este estava no seu apogeu. Até então bustos e insígnias de poderes que remetem ao imperador eram empregadas nas amoedações (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 117).

Devemos entender que o sexo no mundo romano não estava restrito ao binômio homem/mulher; havia a possibilidade de desfrutar de experiências sexuais também entre pessoas do mesmo sexo. As práticas sexuais eram atos que não restringiam apenas a busca do prazer, da procriação, mas possuía também uma vinculação com as expressões ritualísticas aos deuses romanos (FEITOSA, 2008). O sexo e suas experiências múltiplas faziam parte de um todo político, social e religioso, e por isso devemos compreendê-las para além das delimitações sexuais (SILVA, 2017). Sabemos que no mundo antigo, e neste caso, no romano, a sexualidade é vinculada a

aspectos apotropaicos, insígnias de sorte, o que também justificaria sua representação em amoedações.

Qual a finalidade política/propagandística do nosso objeto de estudo? Mais do que buscar o sentido dessa mudança e entender a sua funcionalidade como utensílio de poder político, propomos um estudo diferente: direcionado as representações imagéticas femininas e aos indícios das relações de gênero contidas nestas amoedações.

A análise iconográfica centra-se no tema (secundário) em sobreposição à forma (primário ou natural): inverteremos a metodologia de análise, centrando-nos primeiro na forma e o que ela pode nos dizer do feminino, para depois nos direcionarmos no tema secundário-para nós- e sua simbologia no que concerne a fins políticos. Tentaremos compreender em primeiro lugar o quais indícios das mulheres sob o julgo do olhar do romano, para depois propor uma definição para suas inferências políticas e imperiais. O intento não é desconsiderar as pretensões políticas do poder temporal das amoedações; esta adequação na metodologia será necessária pois nosso objeto de pesquisa centra-se nas relações de gênero e sexuais no âmbito feminino.

As imagens, durante os processos históricos, foram fundamentais para disseminar uma ideia, principalmente em temporalidades longínquas, como na Antiguidade, onde os níveis de analfabetismos eram altos. O manuseamento da imagem para fins de poder, de distinção social ou de divulgação ideológica, permeariam as mais plurais artes históricas (CARLAN; FUNARI, 2012). A moeda configuraria-se em um mecanismo essencial para a divulgação política, militar e religiosa durante o império romano. As *spintriae*, em particular, nos proporcionaram uma investigação para além do corpo coletivo do império. Partiremos para o domínio “individual” feminino, e tentaremos compreender suas particularidades durante o Principado.

A composição desse imenso império emaranhado de latinos, gálatas, egípcios, béticos, germanos, dácios, gregos, entre tantos outros, denota diversidades jurídicas, econômicas, étnicas, de idade, sexo, profissão e língua que acabam sendo camufladas e simplificadas pela expressão “povo romano (FEITOSA, 2008, p. 125).

Considerando a vastidão territorial e população multifacetada sob o julgo de Roma, a moeda transforma-se num importante veículo de difusão do poder do imperador, da cultura romana, com intenção, mesmo que implícito, de manter a unidade territorial através da propaganda política. Porém, como cunhagens de práticas sexuais poderiam colaborar para a consolidação dessa meta?

Quais os discursos políticos existentes nestas escolhas imagéticas? Quais vestígios de feminilidades romanas estão presentes nas representações, produzidas pela ótica masculina, nas *spintriae*? Estes questionamentos que tencionará nossa análise iconográfica monetária.

2.2 Gênero, Sexualidade e Educação

Os estudos de gêneros e sexualidade tem sido uma preocupação contemporânea que anseia por igualdades de direitos entre homens e mulheres. Teve início com a luta das sufragistas, mulheres que na década de 60 lutaram pelo seu direito ao voto, pelos movimentos feministas, que tiveram suas preocupações redimensionadas pela escola dos *Analles* e os estudos das mentalidades. Estas entendiam a necessidade dos estudos que não abrangessem apenas os grandes feitos: há a necessidade de compreender a história por um prisma amplo, privilegiar as ações de um micro para um macro espaço, levando em conta todos os seus agentes históricos e as aspirações de seu tempo (JUNQUEIRA, 2015, p. 52).

Com o surgimento dos estudos de gênero como instrumento de análise

[..] tornava urgente abraçar o campo histórico como um todo, sem restringi-lo ao território do feminino. Era preciso interrogar as fontes documentais sobre as mulheres de outra maneira. Doravante, a divisão sexual dos papéis é que seria sublinhada (PRIORE, 1998, p. 224).

Houve a necessidade de um olhar mais atento às questões e ações femininas durante as construções históricas: não somente como uma reparação histórica vítima de negligencias e preconceitos, ou minimizar o vício epistemológico que as ausentavam como agentes ativos, mas principalmente para que possamos compreender que elas atuaram de forma ativa nos mais diversos períodos históricos. É necessário historicizar as ações femininas e compreender seus reflexos na sociedade e na historiografia, tanto da temporalidade estudada, quanto na atualidade refletida.

É dentro dessas efervescências contemporâneas a respeito do gênero e sexualidade, bem como a recente consciência epistemológica a respeito do assunto, compreendemos a necessidade de abordarmos a temática. Visamos não somente contribuir com as questões acadêmicas, mas também com a discussão e preocupação social atual sobre o tema.

Margareth Rago fez reflexões acerca da possibilidade de uma epistemologia feminista, tendo como ponto de partida a opinião de Michelle de Perrot sobre o assunto: “existiria uma maneira feminina de fazer/escrever a história, radicalmente diferente da masculina? E, ainda, existiria uma memória especificamente feminina?” (RAGO, 2000, p. 1). Perrot, a respeito da primeira indagação, responde que sim e que não. Sim quanto a sensibilidade diferenciada próprio do olhar feminino quanto a releitura do passado, e não quanto a metodologia, já que o seu recorte e análise de objeto continuam o mesmo (RAGO, 2000, p. 1).

A construção do gênero feminino e masculino vai além de seu determinante biológico: ele é cultural. Pela existência multicultural, pensa-se que não há a feminilidade e a masculinidade no singular. Desta maneira, uma epistemologia feminista não abarcaria as discussões do feminino em sua totalidade e complexidade. A identidade feminina só existe em contraposição à masculina, a sua comparabilidade relacional é essencial para o entendimento das construções e identitárias.

Por mais que algumas feministas acreditem que a epistemologia de gênero enfraquece a emancipação das mulheres, por inserir o homem no contexto analítico, um estudo que a isole de outros personagens históricos faz de sua investigação ser menos honesta. As relações de poder existem entre o universo feminino e masculino, modificando-se de acordo com os matizes plurais que coabitam cada âmbito em diálogo com a cultura e contexto histórico. O confronto é fundamental para a fabricação e compreensão das identidades.

É indiscutível a colaboração das feministas para o redimensionamento dos objetos, da inserção das mulheres no meio acadêmico e nos processos históricos como personagens ativas. Mas assim como a historiografia tradicional, História Social, dentre outros campos não deram conta de abranger as problemáticas que permeiam a História, a epistemologia feminista seria insuficiente para o estudo das mulheres, visto que elas são múltiplas e que variam seu significado de acordo seu contexto histórico-cultural.

A cultura existente em cada sociedade determinará relações de poderes que estará relacionada diretamente em suas concepções de masculinidades e feminilidades (FEITOSA, 2000 apud FREDEL, 2015 p. 48). A utilização de gênero como categoria de análise define que há relações de poder que permeiam as conexões interpessoais: as abordagens analíticas e interpretativas das fontes, respeitando seus respectivos contextos históricos, nos dão subsídios das diferenças das construções das identidades dos indivíduos.

O conceito de gênero é entendido como algo que difere do natural humano, pois decorre de

construções de múltiplas características. Nascemos sexualmente definidos como fêmea e macho, mas as atribuições de mulher e homem são configurados por construções que dependem de vários aspectos como sexuais, de religião, étnicos, de classe social, dentre outros. São as apropriações culturais, características genéticas e elementos sociais que irão delimitar nossas identidades de homem e mulher social, e com elas nossas liberdades e opressões individuais serão definidas (SCOTT, 1995).

Essa inquietude com relação à autonomia humana fez com que houvesse um fomento dos estudos de gênero que anseiasse por justiça histórico-sociais. Essa tentativa de equalizar a representatividade dos gêneros na sociedade abriu as portas para um olhar mais analítico, não somente das mulheres que eram silenciadas no decorrer da história, mas também um olhar mais atento às diversidades. Como exemplo uma masculinidade que não compactuava com a identidade hegemônica do masculino-branco, hétero e cristão (LOURO, 1997).

Nesta perspectiva, este trabalho não pretende se ater ao caráter polarizado, unilateral, das relações de gênero, mas permear as nuances existentes entre o feminino e sua relação com o masculino. Essa é uma preocupação social, política e de liberdades humanas. Pretendemos dar visibilidade principalmente ao gênero feminino marginalizados, silenciados não só historicamente, como também em algumas relações sociais e políticas atuais.

Se há cultura e elementos sociais que determinam as práticas sexuais, não podemos nos esquecer da relação de poder existente entre os indivíduos que as exercem. Poder não entendido como dominação e submissão, pois exclui as possibilidades de equalização de poderes, por ser uma visão dicotômica e unilateral. Acreditamos que ninguém detém exclusivamente o poder, que há tensões e transformações nessa relação, por isso é importante compreender o conceito de poder segundo Michel Foucault como uma relação dialética, onde há variações de opressões e resistências (LOURO, 1997). Neste aspecto, utilizando o conceito de micro-física do poder de Foucault como instrumento analítico, podemos compreender, a partir das práticas sexuais das mulheres hispanorromanas, como no campo macro, ou seja, na sociedade, qual eram suas representatividades sociais.

A preocupação com a necessidade de refletir sobre gêneros é em virtude das diversidades humanas existentes no âmbito escolar. O ser humano possui uma vasta gama de identidades que se inter-relacionam o tempo todo, inclusive as identidades de gênero, que irão (re) definir suas atuações sociais de acordo com sua percepção como indivíduo. De que maneira as diversidades de

gêneros estão sendo trabalhadas dentro das salas de aula? Existe uma preocupação dos professores nesse sentido?

Estes são uns dos questionamentos que fiz ao analisar minha trajetória escolar no ensino básico, durante a graduação, nos processos de estágios realizados nas escolas e no exercício profissional. Tanto em escolas particulares, quanto em públicas, pude observar que esse assunto não era apropriadamente debatido em sala de aula, por ainda possuir um caráter de segregação e de difusão de preconceitos.

O Brasil é um país constituído por uma multiplicidade de culturas e a sala de aula é um espaço onde pode-se enxergá-las claramente. Porém, as discussões de gênero na escola tendem a desconsiderar os matizes de gênero, como classe social, etnia, religião, sexualidade, dentre outras. Ou seja, ao invés de colaborar para o entendimento do outro, tendem a enfatizar ainda mais o gênero como a dicotomia entre masculino e feminino, entre o sexo viril e o frágil, enrijecendo as possibilidades humanas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram desenvolvidos pela Secretaria de Educação Fundamental com o intuito de abordar temas que possuem um caráter de urgência social interligadas às disciplinas estabelecidas nos currículos escolares, visando uma melhor construção da cidadania dos indivíduos. Dentre esses parâmetros há aqueles denominados transversais, que possui a temática de orientação sexual, que se importa com a discussão acerca da sexualidade e gênero nos currículos do ensino fundamental.

Amplos o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas, na vida cotidiana. O desafio que se apresenta para as escolas é o de abrirem-se para este debate. Este documento discute a amplitude do trabalho com problemáticas sociais na escola e apresenta a proposta em sua globalidade, isto é, a explicitação da transversalidade entre temas e áreas curriculares assim como em todo o convívio escolar (PCNs, 1997, p. 15).

Embora esta seja uma preocupação da Secretaria de Educação Fundamental, observa-se que colocar as ideias em prática ainda é algo distante da realidade atual escolar. Até mesmo no ensino médio, público alvo de nosso objeto de aprendizagem, sofre pressões sociais, que dificultam a abordagem de tais temáticas em sala de aula.

Na contramão dos PCNs, recentemente o Ministério da Educação retirou da Base Nacional Curricular Comum, que estabelece as linhas gerais para a definição dos currículos do ensino básico

infantil e fundamental, dos ensinos públicos e privados, todas as menções à identidade de gênero e orientação sexual. A justificativa do Ministério é que a BNCC não pretende ser contra e nem a favor, das prerrogativas de identidades de gênero e orientação sexual, mas sim em enfatizar as pluralidades como um todo (JORNALDAUNICAMP, 2017). Porém, entendemos que omitir as suas existências dificultam o debate sobre os mesmos, privilegiando o *status quo*: sociedade galgada na heterossexualidade, nos indivíduos cisgêneros, brancos e cristãos.

Assim como essa nova BNCC, outro aspecto que marca um retrocesso na educação brasileira, concerne ao projeto que está em tramitação na Câmara dos deputados e que vem ganhando força no nosso país: a Escola sem Partido. Este projeto de lei pretende proibir que os professores, em sala de aula, possam expressar suas opiniões sobre as vicissitudes e diversidades políticas (PROGRAMAESCOLASEMPARTIDO, 2017). Da mesma forma que o BNCC, a omissão e, neste caso, supressão de certos assuntos, também tendem a solidificar a manutenção do status quo. O debate de assuntos referentes a diversidades de gênero e sexualidade, pautas políticas historicamente de esquerda, tendem a ser ignoradas e/ou perseguidas.

Além destas vulnerabilidades na esfera escolar e política, outra preocupação é a forma como o ensino educacional é exercido em nossas escolas. Há uma permanência de práticas conteudistas que não privilegia o senso crítico dos alunos, onde absorver o conteúdo é mais importante que o questionamento e entendimento do mesmo. A educação bancária, como diria Paulo Freire em *A pedagogia do Oprimido* (1970), é um modelo educacional atravessado por ideologias de mercado que sucateiam cada vez mais os espaços educacionais, arquétipo este que pode ser percebido especialmente no ensino de História.

A disciplina é uma das que mais se limitam ao ensino bancário, onde a falta de criticidade metodológica colabora para um entendimento social, humano e de cidadania imprecisos. Por isso, devemos, como profissionais de educação e historiadores, priorizar formas de ensino que subvertam essa metodologia ultrapassada e que incentivem a emancipação dos indivíduos. O desenvolvimento do jogo virtual, ambientado em um museu, visa contemplar essas problemáticas que transitam na esfera educacional atual e contribuir para a reflexão das representações de gênero na antiguidade romana, das imagens femininas produzidas pelos homens, através de uma ferramenta interativa.

2.3 Da Arqueologia Histórica à Arqueologia Pública

A Arqueologia é o estudo dos mais diversos grupos humanos através da cultura material produzida pelos mesmos, variando as suas abordagens de acordo com o objeto selecionado pelo arqueólogo para a sua análise. Podemos compreender a cultura produzida por populações tudo aquilo que é objeto e simbólico, que representam condutas, gestos, ideias, que estão presentes tanto no mundo metafísico, quanto no físico, como artefatos, utensílios e objetos (GHENO; MACHADO, 2013). A materialidade ou imaterialidade cultural comunicam-se com discursos presentes nas relações cotidianas e suas intencionalidades sociais, e cabe ao arqueólogo tentar compreender estas manifestações.

A Arqueologia, nos seus primórdios como área científica, esteve relacionada a intenções imperialistas, onde o estabelecimento de estados-nações fazia-se necessário a construção de uma identidade pátria. Recorrer aos clássicos para reivindicar uma identidade ou uma supremacia étnica foi usual, bem como artefatos que remetiam a pretensão de nacionalidade a ser construída. A epistemologia arqueológica teve em suas raízes uma veia elitista, nacionalista e excludente (FUNARI, 2013, p. 23).

No Brasil, a gênese desta preocupação epistemológica foi precoce: Dom Pedro I trouxe consigo múminas egípcias e outros artefatos arqueológicos; Dom Pedro II trouxe materiais de Pompéia, Etrúria e de outras localidades ao casar-se com uma princesa napolitana. Havia uma ideia de projeto museal que pudesse concorrer com grandes museus europeus. Estimulava-se os estudos dos indivíduos e sua materialidade, procurando relacionar o Velho Mundo (arqueologia clássica e egípcia), com o Novo Mundo (arqueologia pré-histórica). Neste período, a ideologia imperial de pensar uma identidade pátria brasileira faz com que os estudos arqueológicos seja relevante e explicaria o seu desenvolvimento prematuro (FUNARI, 2013, p. 23).

Com o fim do império e início da República Velha há um declínio com o pensamento arqueológico. Com a ascendência do nacionalismo, em 1930, há um retorno da valorização histórica e patrimonial. Houve uma atenção a construção identitária brasileira, especialmente durante o Estado Novo (1937-1945): em relação ao fascismo, próprio deste período histórico, a arqueologia se posicionou de forma contrária ao autoritarismo (FUNARI, 2013, p. 23).

Um personagem se destacaria no estabelecimento da Arqueologia no Brasil: Paulo Duarte. Ativista político democrata, contribuiu para a fundação, com base em princípios humanistas de ensino, da Universidade de São Paulo. Como ativista preocupou-se com os direitos dos indígenas, liderando um movimento para tal fim, atrelado ao fomento da arqueologia pré-histórica: organizou a Comissão de Pré-História e posteriormente o Instituto de Pré-História, vinculados a USP. Esses acontecimentos foram essenciais para o desenvolvimento da arqueologia no país, rumo a se estabelecer em definitivo como um ofício acadêmico. Apesar de com a ditadura militar os avanços epistemológicos tenha estagnado, com o retorno da democracia a disciplina recobra o fôlego (FUNARI, 2013, p. 24).

O olhar científico para grupos humanos letrados e iletrados, como no caso da pré-História, fez surgir no seio da disciplina Arqueológica, subdisciplinas: a Arqueologia Histórica, voltada a pesquisa de grupos humanos que possuem escrita e a Arqueologia Pré-Histórica, voltados a grupos que não a possuem. Essa dicotomia fez surgir grandes debates epistemológicos sobre as suas (de) limitações e definições em métodos de análises. Esta divisão dos pressupostos arqueológicos são tradicionais e não abarcam todas as problemáticas existentes no âmbito dos indivíduos e sociedades plurais (GHENO; MACHADO, 2013, p. 164).

O que dizer do período imperial romano, onde havia a escrita, mas o seu domínio estava destinado a poucos, como principalmente à elite masculina? Os demais personagens históricos de mesmo contexto seriam negligenciados? Qual metodologia seria empregada para a análise desses indivíduos? A cultura material, para a Arqueologia Histórica e principalmente para este ensaio, será essencial para a compreensão de indivíduos ágrafos existentes em sociedades letradas. Neste caso, para compreensão do feminino romano, a utilização dos artefatos arqueológicos e o diálogo de documentos históricos será fundamental para a compreensão dessas personagens.

[...] a Arqueologia Histórica pode dar conta também dos grupos sem escrita, através da cultura material, estudando a interação entre dominantes e dominados, letrados e iletrados, em diferentes contextos culturais e cronológicos. É justamente através da cultura material que a Arqueologia Histórica vai dar “voz” às pessoas comuns que não são visíveis no registro documental, mas que fazem parte dos processos que envolvem a formação do Mundo Moderno, como, por exemplo, os escravos no Brasil (FUNARI, 1996; NAJJAR, 2005. Apud GHENO; MACHADO, 2013, p. 164).

A Arqueologia Histórica tem como característica a interdisciplinariedade, utiliza-se de diversos recursos de fontes: seja ela escrita, material ou oral. Possibilita-nos tramitar por outras

áreas acadêmicas, seja ela Histórica, Antropológica, Ciências Sociais, ou dentre outras. O confrontamento de fontes diversificadas pode nos proporcionar um olhar mais atento ao detalhe, uma análise mais profunda sobre temas antes marginalizados. Recorrendo a Funari (1996), e a Lima (2002), além de dar voz aos esquecidos pela História tradicional, depende da Arqueologia Histórica se ater as intenções presentes nos registros documentais, se este é falho ou de alguma maneira tendencioso (GHENO; MACHADO, 2013, p. 166). É preciso compreender os discursos inerentes nas análises arqueológicas e as subjetividades do pesquisador.

Na disciplina Arqueológica há três abordagens distintas: a Histórico Cultural, a processual e a pós-processual, utilizadas tanto pela Arqueologia Pré- Histórica, quanto pela Arqueologia Histórica. É necessário entendê-las como um processo *continuum* de desenvolvimento, onde é possível perceber rupturas e continuidades em suas epistêmes (SYMANSKI, 1996; FUNARI, 2003, apud GHENO; MACHADO, 2013).

Najjar (2005) considera a Arqueologia Processual, conhecida também como Arqueologia Nova, um marco modernizante da disciplina. Surgiu nos Estados Unidos em 1960, e por estabelecer um contato mais próximo que estabelece com a Antropologia, diferentemente da Arqueologia Pós-Processual, fez surgir debates acalorados no campo arqueológico (GHENO ; MACHADO, 2013, p. 169). Dos elementos centrais dos processualistas advém da possibilidade de estudar elementos gerais dos indivíduos e da sociedade, não se limitando as pluralidades dos mesmos (FUNARI, 2013).

A atenção ao comportamento humano é um dos pressupostos básicos da proposta processualista (TRIGGER, 2004, apud GHENO; MACHADO, 2013). A sua tentativa de estabelecer um rigor científico fizeram com que os processualistas dialogassem até mesmo com a matemática e estatística: em decorrência desses fatores, acabou se configurando como uma vertente positivista (GHENO; MACHADO, 2013, p. 169).

Por nossa pesquisa versar sobre o feminino, marginalizado dos contextos documentais e históricos, mesmo que recorremos também a uma abordagem antropológica, o processualismo não abarca nossa problemática: lidamos com o universo feminino relacionado ao masculino, todas suas pluralidades e poder social decorrentes desta convergência. Este tipo de abordagem superficializaria nossas análises.

Sobre a História Cultural, muito criticada na seara epistêmica arqueológica, faz-se necessário algumas considerações. A partir principalmente de 1960, o modelo histórico cultural foi

o mais utilizado entre os arqueólogos, seu emprego era direcionado para a descrição de sítios e materiais arqueológicos (GHENO; MACHADO, 2013, p. 168). Esse modelo pressupõe que grupos humanos compartilham igualmente de traços culturais e sociais, das mesmas ideias e culturas materiais, promovendo generalizações em suas análises (FUNARI, 2003, p. 49).

No que tange à abordagem histórico-cultural na Arqueologia Histórica, em sua versão empobrecida, Lima (2002) afirma que, além do caráter pontual, empiricista, descritivo, classificatório e biográfico do referido modelo teórico, há uma preferência pelo estudo de estruturas e artefatos remanescentes dos poderes religioso, militar e civil, conferindo à subdisciplina um caráter elitista (GHENO; MACHADO, 2013, p. 168).

Entretanto, em meu referencial teórico historiográfico embasamos na História Cultural, como uma metodologia que possibilita dar voz a personagens negligenciados pela História. O que muda no que tange ao campo arqueológico? Primeiro é importante ressaltar que no campo científico e seus processos de desenvolvimento há continuidades e rupturas, e estamos falando da História Cultural dialogando com duas epistemes distintas (História e Arqueologia), mas complementares. No campo historiográfico a HC é cada vez mais utilizada como recurso de dar voz aos marginalizados na História e de temas não usuais (BARROS, 2013); na arqueologia a HC foi, por algum tempo, relacionada a preceitos nacionalistas de unidade cultural (GHENO; MACHADO, 2013, p. 168). A História Cultural é notória por sua interdisciplinaridade e por centrar suas análises em discursos, seja de quem produziu a fonte, seja de quem as interpretou.

Com a Arqueologia, a História Cultural ganha profundidade e um melhor embasamento em suas análises no campo da História, desde que não fique na análise do objeto por si. A disciplina arqueológica não será complementar a metodologia da HC, mas sim a tônica da pesquisa, sendo a cultura material “decifrada” pelos demais campos epistemológicos, como a própria História, a Numismática e Iconografia. História e Arqueologia possuem valor equivalentes em nossas análises. Há a necessidade da contextualização de todos os discursos: é preciso estar ciente das subjetividades contidas nas fontes e nas pesquisas elaboradas pelo historiador. Há uma preocupação com o simbólico presentes nas representações imagéticas e escritas.

O registro de indivíduos e sua corporaneidade em seus contextos históricos implica na forma em que estes concebem o universo. Embora no livro de Justamand, Funari e Alarcón-Jiménez (2016) seja a respeito da Arqueologia da Sexualidade na pré-história, para os romanos no sexo há a conotação mística, religiosa e social, nos fornecendo indícios sobre as individualidades.

O órgão sexual é imagetivamente relacionado a valores antropopaicos e determinadas práticas sexuais são flexíveis, aceitáveis ou não, de acordo com o seu status social (CAVICCHIOLI, 2009). Apesar de sexualidade ser uma terminologia pós-moderna, não podendo ser aplicada diretamente à Antiguidade Romana, as práticas sexuais podem nos fornecer vestígios sobre os gêneros e suas relações de poder.

As análises arqueológicas pautadas nos estudos de gênero e de sexualidade começam a ser exploradas. É dentro da Arqueologia Histórica, especialmente na abordagem histórico cultural que se desenvolverá estudos que se preocupem com as minorias em diálogo com a atualidade. E para estabelecer essa interface temporal, tendo como temática as perspectivas de gênero e sexualidade, recorreremos a Arqueologia Pública.

Michel de Certeau (1982) delinea sobre o conceito de usos do passado, na qual o pesquisador, ao delimitar um objeto/tema de investigação, projeta-o em sua contemporaneidade (JUSTAMAND, FUNARI, ALARCÓN-JIMÉNEZ, 2016, p. 19). Isto não significa recair a anacronismos históricos, mas é próprio do movimento do intelecto de questionar a própria realidade, através do instante histórico analisado. É uma tentativa de compreender as influências externas no espaço-temporal que resulta na moldagem do tema/objeto, usando-o para refletir sobre a atualidade.

A Arqueologia Pública é uma ferramenta que possibilita usar do passado para questionar assuntos contemporâneos, onde a sociedade é inserida e o ponto central nesta reflexão. Por isso, através do programa RPG Maker, desenvolvemos um espaço que faz referência a um museu digital: além de exposição de partes do resultado da pesquisa, providenciaremos a reflexão sobre gênero e sexualidade nos dias atuais. É importante salientar que esta interface nos fornece artifícios audiovisuais, preocupando-se também com uma educação mais inclusiva.

3 SPINTRIAE- O SEXO UNE.

Nossa investigação versa na historiografia em diálogo com a arqueologia, na qual o cerne consiste na análise da cultura material *spintriae*, que se encontra no campo numismático. O trabalho faz parte do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica. As moedas percorreram geograficamente todo império romano, levando seus aspectos político-culturais para territórios conquistados, inclusive na própria Hispânia. A delimitação e prospecção da pesquisa centra no motivo da produção das acunhações, e, principalmente, nas intenções por detrás das representações femininas elaboradas pelos homens romanos nestas moedas.

As *spintriae* são pequenos pedaços de metal com cunhagem de posições sexuais, proveniente do principado romano, entre os reinados de Augusto e Tibério, e que circularam por todo o império romano (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015). Há divergências no meio acadêmico sobre as funções dessa cultura material, podendo ser moedas pagas aos soldados, fichas de prostíbulos, fichas de créditos, ou até mesmo objeto de jogos sexuais (FISHBURN, 2007).

No mestrado optamos por focar somente nas fontes numismáticas, devido ao tempo exíguo e do complexo trabalho que a arqueologia esteia-se, para no doutorado podermos aprofundar nosso trabalho, utilizando uma interfase entre fontes materiais e documentais. É pretendido, também, no doutorado, investigar quais as influências das representações do feminino pela ótica masculina romana para com os hispanos e, como estes últimos representam o feminino, tanto em fontes escritas quanto imagéticas- não se atendo apenas ao campo numismático.

3.1 As *spintriae* no contexto do sistema monetário romano

A definição de moeda é dada como um pedaço de metal, marcada por uma autoridade política, que garanta o seu valor, através de um selo: pode ser uma imagem simbólica ou escrita. Antigamente, a quantidade de metal inserido, seja ouro, prata, cobre ou latão, definia o valor da moeda. A sua existência mais longínqua data 600 a.C, de origem da Lídia, hoje, atual Turquia (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 24-25).

Na Roma antiga, especialmente no período imperial, a produção e sistematização monetária

[...] baseou-se no grego, mas teve como característica única a difusão por uma extensa área, sem associar-se a cidades específicas, como foi o caso nas moedas gregas. Essa particularidade era o resultado, em primeiro lugar, de como o próprio mundo romano se constituiu, desde o início, por agregação de pessoas de diferentes origens. Por isso mesmo, o sistema monetário romano adquiriu feições modernas, em certo sentido, ao ter instituído moedas que eram usadas em uma área imensa, emitidas de maneira controlada pela autoridade monetária unificada (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 51).

A moeda não se limitava aos limites geográficos dos poderes políticos que as produziam, e nem aos educacionais de quem as possuía: a vastidão do império romano obteve um sistema de produção e difusão de moedas inovadora, que proporcionando a sua ampla circulação; e a linguagem imagética possibilitava que, naquela época, a maioria analfabeta também pudesse compreender suas informações. Seu conteúdo informativo político chegava uniformemente a população, transformando-se em uma potencial ferramenta propagandística com sentimento de pertencimento, de unicidade (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 66-67).

Na república romana (509-31 a.C), as moedas eram produzidas pelo senado e aludiam aos oficiais da elite, que se responsabilizavam por sua fabricação, bem como às cerimônias religiosas e suas respectivas deidades. No período imperial, a partir de Augusto e, posteriormente com os demais imperadores, o domínio do sistema monetário passa a depender da casa imperial. A figura do imperador passa a ter evidência maior, demonstrando a centralização do poder, transmitindo à sociedade uma personalização da autoridade através, também, das acunhações monetárias (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 52).

Para dar conta da produção e distribuição das moedas em um território vasto, como o império romano, temporalidade da circulação das *spintriae*, era imprescindível a obtenção e controle das fontes de metais. Havia muitas minas espalhadas pelo império, especialmente na Península Ibérica, conhecida também como o Eldorado, devida a abundância destes materiais em seu território (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 61).

As minas ibéricas, assim como as demais, eram dominadas pelo poder imperial, administradas por seus funcionários; as extrações obtidas eram direcionadas às localidades para a emissão e distribuição das peças monetárias, descentralizando suas produções (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 61-63).

Embora houvesse uma oficina central, esta não encarregava-se unicamente de tal ofício, seu principal papel era administrativo, coordenando as emissões das moedas em oficinas locais. “Transportar moedas era caro, tanto pelo peso, como pelas necessidades de segurança no transporte. Por isso, os fiscos provinciais eram essenciais, gerindo a economia em suas regiões” (CARLAN, C. U.; FUNARI, P. P. A.; 2012, p.63).

A importância das minas da Península Ibérica não se atém apenas a sua rica existência de tais metais, mas também de técnicas apuradas em suas extrações:

As minas ibéricas foram as mais profundas e mais avançadas, em termos tecnológicos, de todo o mundo antigo e suas técnicas de construção desafiavam, até hoje, os estudiosos. Essas minas, com sua complexidade e produção, permitiram que os púnicos e, depois, os romanos, dominassem o mundo antigo (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 39)

Inicialmente o contato de romanos com nativos peninsulares foi mais brando, com os primeiros se atendo mais a arrecadação de impostos, exploração de recursos e manter o controle político, com mínima intervenção no desenvolvimento interno. Posteriormente, a moeda foi se habituando as relações sociais ibéricas, tornando-se as emissões mais volumosas e constantes, muito influenciadas pelo importante momento de monetarização a qual os romanos encontravam-se (RIPOLLÈS, 2005, p. 192).

Otros factores que propiciaron la monetización de las poblaciones indígenas fue la presencia del ejército, el cual desempeñó un papel imprescindible en la conquista y el mantenimiento del dominio del territorio, pues se trataba de un colectivo (legionarios, aliados y auxiliares) que estaba habituado al uso del dinero (RIPOLLÈS, 2005, p.193).

Além da contribuição dos militares para a monetarização da península, e da proteção do império romano como um todo, estes agentes históricos são imprescindíveis para o entendimento desta pesquisa. Foram os militares responsáveis para que as *spintriae*, fonte de nosso trabalho, circulasse por todo império romano, inclusive na Hispania; o objeto de pagamento do império aos seus legionários, foram utilizadas para aquisição dos mais diversos serviços, entre eles os sexuais (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 130).

Inclusive, este acontecimento foi um dos principais responsáveis pela análise condicionada das *spintriae*; quase sempre são entendidas como fichas ou moedas feitas exclusivamente para o pagamento de prostitutas. Percebemos, ao fazer a revisão literária de tal fonte, que os pesquisadores

possuem uma tendência a relacioná-las à prostituição, fato que nos foi parecendo cada vez mais questionável com a realização do ato prospectivo.

Por serem ainda pouco compreendidas no âmbito acadêmico, o local específico de sua produção na península ibérica ainda permanece desconhecido. Porém, como já supracitado, a sistematização da produção monetária romana consistia na descentralidade, pautando a emissão local sob autoridade imperial. Além disso, a Península Ibérica era o território mais abundante de metais preciosos, dotada de técnicas de extrações avançadas. Embora ainda não conhecida, tais indícios tornam a sua produção na Hispania factível.

Contudo, seriam estas culturas materiais moedas/fichas utilizadas exclusivamente para a compra de favores sexuais? Ou estariam alguns pesquisadores contaminados por suas subjetividades e contemporaneidade, já que as práticas sexuais romanas tinham uma valorização redimensionada por questões socioculturais?

Tentamos, pois, despir-nos o máximo possível da visão deste artefato como ferramenta direcionada ao mercado do sexo, para que possamos explorar outras possibilidades e, quiçá, contribuir com uma hipótese plausível de sua função social e política. Analisamos imagetivamente estes artefatos romanos, para compreender suas representações das figuras femininas. E, como proferido, no doutorado, intentaremos perceber as influências dessas representações femininas romanas em distintas culturas materiais hispanas.

3.2 “Kama sutra” epistemológico- As múltiplas posições sobre as *spintriae*

As *spintriae* são pequenos pedaços de metal com cunhagem de posições sexuais, proveniente do principado romano, entre os reinados de Augusto e Tibério, e que circularam por todo o império romano (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015). Há divergências no meio acadêmico sobre as funções dessa cultura material, podendo ser moedas pagas aos soldados, fichas de prostíbulo, fichas de créditos, ou até mesmo objeto de jogos sexuais (FISHBURN, 2007).

O artigo de Eddie Duggan, intitulado *Stranger Games: the life and times of the spintriae*, é uma revisão literária das possibilidades acadêmicas, proporciona uma organização das principais

tendências analíticas sobre o tema. O trabalho do autor é essencial para compreendermos estas moedas, tanto para pesquisadores, como para demais interessados (2017).

Duggan diz que em 2010 foi encontrada uma spintria em lamaçais do rio Thames, próximo a Putney Bridge, em Londres. O museu de Londres identificou a moeda como sendo uma rara ficha de prostíbulo romana. Em 2012, jornais como Daily Telegraphy e The Guardian, publicaram o seguinte, respectivamente: tratava-se de uma moeda romana, que provavelmente era utilizada pelos soldados para pagar prostitutas; disco de bronze utilizado para contratar prostitutas, que contribuiu para o nascimento da pornografia durante a Renascença (DUGGAN, 2017, p. 101). O autor percebe, em seu artigo, que as múltiplas interpretações sobre as funções destas moedas estão presentes, também, no meio acadêmico.

Um dos mais importantes pesquisadores do tema é Ted Buttrey (1973). Este identifica duas tipologias de spintria, ambas feitas de latão, sendo o que difere uma da outra é o tamanho, 20-23 mm, e 16-19 mm de diâmetro- esta última tendo o A acrescido em seu reverso. As duas tipologias cunhadas casais heterossexuais em intercurso sexual em seu anverso, enquanto no reverso há numerais romanos, de I a XVI, rodeadas de um louro (DUGGAN, 2017, p. 104).

Buttrey notou que as de tipologia grafadas com A no reverso, possuem 31 exemplares no Museu Britânico, embora, numa busca online no site da instituição, são computadas somente 25 exemplares. As moedas do primeiro grupo, que não obtém o A escrito na cunhagem, possuem 13 figuras diferentes desenhadas em seu anverso, sendo que uma mesma imagem poderia ter no seu reverso numerais romanos distintos. Segundo o autor, isto indica que a produção dessas moedas foi feita em uma fabricação em série. (DUGGAN, 2017, p. 106).

O pesquisador notou que, na maioria das 13 cópulas ilustradas, há algumas divergências entre anversos e reversos cunhados. Em algumas moedas comparadas por ele, uma única imagem era relacionada em até 7 numerais distintos, evidenciando que não havia uma conexão significativa entre imagem e numeral. (DUGGAN, 2017, p. 108).



Imagem 1: Spintria, século 1 d.C.
Fonte: DUGGAN 2017.



Imagem 2: Spintria, século 1 d.C.
Fonte: DUGGAN, 2017.

Buttrey utiliza da iconografia para as suas investigações numismáticas. Os elementos de moedas imperiais do período de Augusto, como a coroa radiante, foi usada para aproximar uma datação de produção das *spintriae*, que seria após 14 d.C, período de morte de Augusto. A coroa simbolizaria uma homenagem póstuma. Mas na ausência da persona do imperador, ou da coroa, e comparação de detalhes nos designs das moedas, como a coroa de louro ao redor da moeda, particular em outras cunhagens, fez com que a estimativa de produção das *spintriae* fosse entre 22-37 d.C (DUGGAN, 2017, p. 109,).



Imagem 3: Tessera, Augustus.
Fonte: DUGGAN, 2017.

Entretanto, o design desta moeda de Augusto nos fez refletir: o louro ao redor da moeda, tanto no anverso quanto no reverso, é notado nessa moeda imperial, assim como em todas as *spintriae* cunhadas. Se estas eram tidas como fichas de prostíbulo, por que tais elementos comuns em moedas imperiais, estariam impressas nelas?

Buttrey (1973) faz várias sugestões de sua função social em seu artigo intitulado de “A spintria como fonte numismática”: uma delas é o uso destas moedas para contar asses, uma moeda romana. Um denário, corresponderia a 16 asses, porém, qual a necessidade de cunhar uma moeda para auxiliar nessa contagem? Outra seria a utilização dessa cultura material como fichas de teatro, com o numeral indicando o assento, ou somente para obter a entrada no recinto. Sugere também que possam ter sido utilizadas em jogos, como se fossem peças em um tabuleiro. Porém, como já supracitado, e os elementos referentes a autoridade imperial, tão comuns nas cunhagens monetárias?

Alberto Campana (2009) havia desenvolvido um trabalho similar a Duggan: uma revisão literária, onde ele identifica Robert Mowat (1898), numismata francês, como um dos primeiros a sugerir uma função lúdica às *spintriae*, como peças de jogos. Esta hipótese foi seguida posteriormente, por Buttrey (1973), Bateson (1999), Fishburn (2007) e Campana (2009 e 2013). Campana (2009) confere a Benassi, Giodani e Poggi (2003) a percepção de que as peças, as partes eróticas ou não, poderiam ter sido usadas como distinção de jogadores (DUGGAN, 2017, p. 107).

A relação das moedas com o mundo da prostituição, segundo Campana (2009), deve-se, especialmente, a dois pesquisadores: Nadrowski (1906) e Gnechi (1907). O primeiro entendeu que a spintria era utilizada como ficha em bordeis, enquanto o segundo foi mais além, e compreendeu que tanto as imagens, quanto o numeral em seu reverso, identificavam a posição

sexual desejada pelo cliente e seu respectivo preço. Deste então, essa correlação entre *spintriae* e comercialização do sexo vigora e é até hoje a mais aceita (DUGGAN, 2017, p. 110).

Sobre essa perspectiva, Flávia Marquetti, Claudio Carlan e Pedro Paulo A. Funari questionam qual a finalidade de fabricação, no templo de Juno, para fins tão específicos? Os autores lembram também que, Feitosa (2016), identificou registros similares em paredes nos lupanares em Pompéia, não havendo justificativa para a cunhagem de moedas para esta finalidade (2015, p. 130).

O que dizer da ausência de correlação entre imagens e números? Há uma mesma imagem relacionadas a números distintos, remetendo a preços diferentes de um mesmo ato. Mas poderíamos pensar que estas moedas estariam presentes em múltiplos bordéis: mas não há, nas cunhagens, alguma insígnia de autoria que identifique os bordeis onde eram utilizadas. Um cliente poderia, hipoteticamente, usar uma mesma moeda em locais distintos. Além disso, quem cunharia uma moeda, precificando um ato sexual, sendo que um bordel poderia fazer a moeda com um preço inferior e angariar mais clientes?

Pesquisadores ampararam em uma afirmação feita na antiguidade, para chegar a tal hipótese. Suetônio, escritor latino, em um de seus textos relata a proibição de carregar uma moeda com a feição de Augusto cunhada dentro de lupanares, sob pena de execução. Buttrey (1973) alega que a afirmação de Suetônio é elaborada 100 anos após a morte de Augusto, levantando mais suspeitas sobre essa possibilidade do que uma aceitação (DUGGAN, 2017, p.110). Ademais, considerando a extensão do território imperial, os múltiplos bordeis espalhados por ele, como o imperador fiscalizaria a proibição de entrar com moedas cunhadas com o seu semblante, nestes ambientes?

O economista Geoffrey Fishburn acredita que há uma mínima chance de as moedas estarem relacionadas aos prostíbulos: poderiam ter sido utilizadas como fichas, ferramentas facilitadoras do comércio sexual. Cafetões e donos dos estabelecimentos teriam, desta forma, um controle maior entre suas empregadas e seus clientes, diminuindo uma eventualidade distorção de preços pelas prostitutas. Para ele, as *spintriae* eram objeto de controle (DUGGAN, 2017, p. 111).

Porém, se o acerto era feito diretamente aos cafetões e donos de bordeis, porque a necessidade da ficha? É uma hipótese interessante, se pensarmos em um artifício de fiscalização do que foi comprado e do que será usufruído. Acreditamos que essa teoria não se sustenta ao lembrarmos a ausência de combinações de algumas imagens com os numerais no reverso, que

inviabiliza a precificação do ato sexual em si, além de haver nas cunhagens símbolos de poderes temporais.

Simonetta e Riva (1981), para a datação da produção aproximada das moedas, compararam as imagens delas aos afrescos de Pompéia, conhecidos como “Gabinete Secreto”, que está no Museu Nacional de Nápoles. Eles acreditam que os afrescos são do período em que ocorreram as duas erupções que atingiram a cidade, de 62-79 d. C. Iconografias semelhantes também são encontradas em lamparinas datadas de 40-80 d.C, encontradas no Museu Britânico. Clarke (1998) e Talvacchia (1999) também reconhecem estas similaridades iconográficas (DUGGAN, 2017, p. 133).

Ainda não há um consenso sobre a exata datação da produção destas moedas. Simonetta e Rivera acreditam que estas foram produzidas no século I d.C. Carlan, Marquetti e Funari, relacionam estas ao apogeu do império, com uma substituição gradual da face do imperador às deidades e, posteriormente, às práticas sexuais. Consideram as sutis transformações imagéticas nas cunhagens, que surgem no principado romano, entre os reinados de Augusto e Tibério, como parte integrante de seu surgimento e circulação (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015).

Na ausência de uma datação exata, e como a História é parte de um *continuum*, assim também o é a análise e compreensão de uma cultura material: para o seu entendimento é necessário uma ordem prática investigativa que considere o seu contexto de surgimento, as transformações que antecedem a sua produção e até a sua elaboração. Por essas razões, nos apoiaremos à datação de sua circulação entre os reinados de Augusto e Tibério, dos pesquisadores Marquetti, Carlan e Funari.

A respeito do padrão imagético encontrada das moedas, afrescos e lamparinas, Luciana Jaccobeli tem uma hipótese interessante:

[...] the similarity could mean no more than that the erotic iconography apparent in the *spintriae*, oil lamps, frescoes and other representational forms is derived from a common source, perhaps a lost catalogue of sexual positions such as the work attributed to Elephantis, referred to by Suetonius, Tiberius 43; and Martial, Epigrams, XII, 43 (DUGGAN, 2017, p.113).

Um catálogo com posições sexuais explicaria o padrão imagético de práticas sexuais encontrado nas mais diversas culturas materiais, espalhados por todo território romano. É uma

hipótese sedutora, que merece uma investigação epistemológica mais aprofundada para tal comprovação.

Sobre os padrões imagéticos sexuais: podemos observar que as imagens de práticas sexuais, de falos, estavam espalhadas por vários tipos de artefatos arqueológicos, em diversas partes e estruturas sociais romanas, não era ligado somente as moedas. Devido ao seu entendimento apotropaico, mítico-religioso, eram muito utilizadas, não podendo estas serem relacionadas apenas a ofícios de prostíbulos, como é o caso da *spintria*. Associá-las à prostituição, parece-nos mais fruto de uma contaminação de valores contemporâneos.

As moedas *spintriae* nos dão, através da imagem das posições sexuais, indícios de como era a “sexualidade”, e relações de gêneros- inclusive com mulheres desempenhando o papel ativo durante o ato, entendido como atitude desviante para a sociedade romana, devido a demarcações de papéis sociais.

Embora as moedas tenham sido encontradas em lupanares, a representação do ato transcende os aspectos fisiológicos; a mulher, nas moedas, segundo Funari, Carlan e Marquetti (2015), seria a representação do território conquistado, enquanto o homem representa o poder imperial. No ato sexual havia o significado de como se deu o processo de conquista em cada território. Se o ato reflete algo imposto, forçado, corresponde a uma conquista conflituosa; caso haja um olhar entre o casal, de cumplicidade, denota uma conquista pacífica.



Imagem 4: *Spintriae*, 1 séc. d. C.
Fonte: CARLAN; FUNARI; MARQUETTI, 2015.

Esta moeda foi fundamental para pensarmos as nossas investigações com o enfoque nas relações de gênero, não apenas na “sexualidade” romana. Marquetti, Carlan e Funari (2015), em

suas hipóteses, pensaram as cunhagens como uma encenação das conquistas imperiais: a figura masculina como representação do império romano e a feminina como o território conquistado.

Porém, alguns detalhes nos chamaram a atenção: diferentemente das outras ilustrações femininas, a personagem da esquerda, identificada por esses autores como mulher, não possuem nem os seios marcados, assim como o quadril largo não está evidente; e um outro ponto observado na figura da esquerda, parece-nos que há um órgão masculino ereto, quase imperceptível, se comparado com o personagem da direita.

Eddie Duggan observa que no site do Museu Britânico, duas *spintriae* da coleção do acervo de 9 moedas “eróticas”, são compreendidas, em suas descrições, como representações de dois amantes masculinos na cama (DUGGAN, 2017, p. 116):



Imagem 5: Spintria, século 1 d.C.
Fonte: MUSEU BRITÂNICO, 2017.

No site do museu, esta imagem, além de significar uma relação entre dois homens, é descrita como um *erastes* (amante mais velho e ativo), que está por cima do outro homem e usa uma coroa de flores, enquanto o homem abaixo é um *eromenos* (amante jovem e passivo), que está com a cabeça descoberta, que olha para seu amante.



Imagem 6: Spintria, século 1 d.C.
Fonte: MUSEU BRITÂNICO, 2017.

Nesta, a figura da esquerda é descrita como masculina, *erastes*, e o da direita, também masculina, como *eromenos*, que além de olhar para seu amado, toca-o no braço. Importante frisar que, nestas duas moedas designadas como sexo entre dois homens, são referidas ao Império Romano, mas possuem atribuições conceituais comuns da cultura grega (pederastia).

Na spintria da figura 4, que nós compreendemos como ato sexual entre dois homens, também está presente no acervo do museu e disposta no website: mas não há uma indicação se são um homem e uma mulher, ou dois homens representados. Porém, percebemos que somente as figuras que eles identificam como dois homens recebem essa pormenorização e explicitação, todas as demais moedas estão sem detalhes nesses aspectos, sendo descritas apenas como spintria de liga de cobre.

Observamos que a moeda que reconhecemos como sendo dois homens e que há, talvez, dois órgãos sexuais masculinos apresentados, encontra-se, no website, precariamente conservada, na qual nenhum dos dois órgãos estão evidenciados. No artigo de Marquetti, Carlan e Funari,(2015), que extraímos a imagem analisada, esses elementos estão destacados.



Imagem 7: Spintria, século 1 d.C.
Fonte: MUSEU BRITÂNICO, 2017.

Na cultura iconográfica romana, tanto a prática sexual entre dois homens, como o *felatio*, não são bastantes difundidas, sendo mais comum na cultura grega. Em Pompeia, por exemplo, há apenas três imagens ilustrando a felação, mas sempre há uma terceira personagem participando do ato (CAVICCHIOLI, 2009, p. 85). O mesmo pode-se dizer a respeito de sexo entre homens, não possuindo uma imagem do ato exclusivamente masculina, possuindo ou uma mulher juto à cena ou representações de sexo em grupo (CAVICCHIOLI, 2009, p. 91-95).

Marina Cavicchioli diz que a escassez³ destas representações podem ser fruto da posterior destruição dessas imagens, mas ao mesmo pondera sobre a manutenção de outras mais (tanto de homens e mulheres em cópulas nos artefatos romanos, quanto de relações entre homens na cultura material grega). Estes fatores tornam as destruições materiais romanas, de práticas sexuais específicas, pouco prováveis. Outra probabilidade levantada pela autora, embora a mesma classifica como delicada, é que estas ilustrações não faziam parte do universo iconográfico de Pompéia (CAVICCHIOLI, 2009, p. 92). Convém destacar que na literatura romana, essas práticas sexuais, ao contrário das abordagens imagéticas, eram bem exploradas por Ovídio, Marcial, ou em inscrições em Pompéia (CAVICCHIOLI, 2009).

Embora não tenhamos um padrão iconográfico, ao menos em relação à Pompéia, é interessante notar que essas práticas sexuais eram difundidas na literatura, tornando a representação do sexo entre dois homens, na primeira moeda analisada, algo possível.

³ Salientamos que, apesar de incomum na cultura material romana, há evidências arqueológicas que atestam relações entre homens, sendo um em especial, bastante conhecido o *Warren Cup* (CAVICCHIOLI, 2009, p. 92).

Pensemos em uma ampliação analítica concernente as *spintriae*, majoritariamente relacionada às práticas entre homens e mulheres, mas que no Museu Britânico é apresentado por outro enfoque.

Nesta concepção, imagetivamente, há ausência de prazer e tensão por parte do homem que pratica o *fellatio*. Este é ligeiramente menor do que o homem que recebe o sexo oral, podendo denotar a diferença de poderes entre eles; relação entre senhor e escravo, ou entre um homem de uma hierarquia social específica e um prostituto. O fato da pouca ornamentação como cortinas no leito, pode indicar um lupanar, ambiente de prostituição, ou uma casa de um cidadão romano, não ligado à elite.

No plano superior, segundo Marquetti, Carlan e Funari, no canto esquerdo, acima da cabeça do homem que pratica o sexo oral, há uma estrela cunhada, que denota o poder imperial de Augusto⁴. Acreditamos que pelas moedas terem um apelo político, a existência de símbolos que remetem ao Império Romano é natural. Das moedas analisadas, a maioria possui alguma insígnia de poder que remete ao império.

Outro aspecto interessante é o tamanho do falo do homem à esquerda, com relação ao falo do homem que pratica o sexo oral. Esta diferença pode estar associada à importância e poder social de cada homem cunhado.



Imagem 8: I ampliação da Spintria (imagem 4).
Fonte: CARLAN, FUNARI, MARQUETTI, 2015.

Ao redimensionar a imagem, observamos que possivelmente há a representação do falo do homem que pratica o *fellatio*, mas poderíamos fazer esta afirmação somente com uma análise

⁴ A estrela representa/legitima Augusto como sucessor de César. Segundo Suetônio, quando César foi assassinado, Augusto viu um cometa ou estrela cadente passando, teve o presságio de que era César reconhecendo seu sobrinho neto como herdeiro (MARQUETTI, CARLAN, FUNARI, 2015, p. 129-130).

minuciosa e in loco. E por mais que sexo oral não fosse bem visto pelos romanos, a sua prática era aceita:

Embora moralmente desqualificada, a felação constituía-se prática sexual bastante difundida. O foco da questão moral parece estar não no ato em si, mas em quem pratica. O homem que sofre a felação não perde seu caráter viril [...] o problema moral estaria se um cidadão romano fosse o agente da felação (CAVICHIOILLI, 2009, p.84).

A possibilidade de se tratar de uma relação entre dois homens que nos fez questionar a respeito da hipótese da leitura política de Marquetti, Carlan e Funari. Se o homem, segundo os autores, representa o império romano e a mulher o território conquistado, qual haveria de ser o significado, nesta perspectiva, da prática sexual entre dois homens?

Mesmo que tais práticas sexuais atestadas nessa moeda não sejam tão presentes na iconografia romana, faziam parte do entorno social romano, das relações de gênero. O seu poder social (re) configura e influencia sua “sexualidade”, o que explicaria a relação entre o senhor e um escravo, ou entre um cidadão romano e um prostituto

Lembremos a relevância do sexo para a cultura romana e para outras da antiguidade, como na Grécia, por exemplo, onde essas reproduções imagéticas eram mais comuns: eram relacionadas a poderes mítico-religiosos, símbolo fertilizador e apotropaico.

Elementos, estes, que podem fazer parte do ideal político propagandístico de unicidade territorial, de representatividade populacional, demonstrando a relação entre um homem livre versus seu escravo, ou com um prostituto. Há existência desses personagens no mundo romano, tal qual a naturalização destas práticas, desde que respeitasse as regras hierárquicas sociais- que nem sempre eram seguidas à risca.

Podemos observar essa predileção dos romanos para representar o “impudico” e atos “libidinosos” tanto pela escrita, como é próprio das epigramas, quanto pelo imagético, pelo viés da cunhagem de moedas com práticas sexuais, por exemplo. O sexo e sua representação faziam parte do cotidiano e dos gostos romanos. A cunhagem do ato sexual possui um valor político intrínseco, e nos fornece indícios de relações de poderes entre as variantes de feminilidades e masculinidades no mundo romano.

3.3 A Pax romana intrínseca na práxi sexual das *spintriae*

Assim como Marquetti, Carlan e Funari, acreditamos que estas moedas utilizadas como forma de pagamento aos soldados do Império, o que justificaria sua propagação por todo o mundo romano, não se restringindo apenas aos prostíbulos. Com o fim da república e início do período imperial com Augusto, uma série de reformulações ideológicas (*pax romana*⁵), na seara militar e jurídicas (concessão de direitos), são fundamentais para o entendimento da função social das *spintriae* e das representações imagéticas nelas cunhadas.

A circulação destas moedas está relacionada ao apogeu do Império Romano (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015). Com a crise advinda dos múltiplos conflitos internos e externos na República, levando-a a sua finitude, Augusto entende a necessidade de reestabelecer a autoridade dos *príncipes*. Deveria, assim, manter a pacificação de todo o Império- sem conflitos e em harmonia para garantir a estabilidade do governo. (MUÑOZ, 1998, p. 215).

Es em toda la dialéctica marcada por el proceso de conquista de la península itálica donde Roma «aprende» y «elabora» distintas nociones que definen sus relaciones internacionales, en las que entra a formar parte tanto la fuerza de sus ejércitos como una refinada diplomacia que intentará minimizar los costes de sus prácticas «imperialistas», acompañada de negociaciones a través de la cuales salvaguarda el núcleo central de sus intereses a costa de ceder pequeñas parcelas a los pueblos sometidos. Tal vez uno de los más importantes en este sentido sea el *derecho de ciudadanía romano*, y la subcategoría del *derecho latino* con lo que se «pacifica» a los distintos grupos sociales y comunitarios con las que se relaciona (MUÑOZ, 1998 p. 214.).

Desde que Roma começou o seu processo de conquista, por volta do século IV a.C, ela teve que se reinventar juridicamente, principalmente com o início do império; no direito internacional, concedendo gradativamente a cidadania romana, ampliação de acesso aos exércitos, para a estabilização de um território de múltiplas etnias; nas teorias políticas, centralizando o poder político, e propagando o desejo de *pax romana* para todo o império, afim de garantir sua unidade (MUÑOZ, 1998, p. 214.).

⁵ [...] a *pax* era a forma administrativa pela qual Roma viabilizava a sua unidade territorial e política. O fim primeiro dela era o bem estar dos dominantes e a manutenção de toda a estrutura de poder implementada pelos romanos (SERIQUE, 2011, p. 122).

Embora pareça contraditório, a *pax* era relacionada a guerra e a sua gestão era feita pelo exército. A justificativa da guerra no contexto de pacificação advém da guerra justa, ou seja, a defesa necessária frente a um inimigo exterior. Justificava-se, desta forma, tanto as ambições imperialistas romanas externas, e também a necessária imposição de condições das mais pacíficas possíveis aos povos conquistados internamente (MUÑOZ, 1998, p. 219).

Ao pensarmos a *pax romana*, temos que ter em mente que o seu intuito é de prevenção de conflitos internos através da imposição de sua força, enquanto suas ambições territoriais externas continuam mantidas. A paz era condicionada a busca da vitória e anexação de territórios, e posteriormente a sua pacificação e controle por parte dos exércitos. Era pautada no desenvolvimento de estratégias e táticas, para ter condições favoráveis de garantir seus interesses nos territórios conquistados (MUÑOZ, 1998, p.216).

O soldado era personagem central na paz romana, sua existência variava social e etnicamente. A *spintria*, moeda utilizada para o seu pagamento, haveria de ter uma linguagem política universal e de unidade: é neste contexto que entra sua funcionalidade. Não seria o sexo a melhor escolha, especialmente pela sua potência significativa mítica para as muitas sociedades na antiguidade? Sem mencionar a fácil acessibilidade da leitura imagética do sexo e do seu significado, tanto no âmbito público quanto privado?

[...] la sacralización de la guerra supone un intento de normalización, insertándola dentro del ritmo «natural» de la vida, se purifica con la intención de justificar su existencia; las fórmulas, ritos y ceremonias intentan buscar la aquiescencia de las fuerzas sobrenaturales, de los dioses. Pero a la vez los requisitos rituales que debía de cumplir una contienda como garantes de su ecuanimidad podrían serlo, hasta cierto punto, del respeto al enemigo y de la paz (MUÑOZ, 1998, p.219).

Ainda segundo o autor, as deidades estavam intimamente ligadas a *paz/pax*, tanto no aspecto privado, como público e imperial. Em todos estes âmbitos as imagens de deuses eram veneradas, respeitadas e temidas. Os próprios seres divinos deveriam ter uma vida serena, eterna, de imensa paz- para que a mesma seja concedida aos seus seguidores. “Entonces el género humano, depuestas la armas, mire por propia felicidad y de todos los pueblos, se amen entre sí; que la paz extendida por el universo mantenga cerradas las puertas de hierro del belicoso Jano.” (MUÑOZ, 1998, p. 201).

Na cunhagem de um denário, moeda de prata, de Julio César, anterior a *spintria*, há a imagem de Vênus em seu reverso. A deusa tinha um relevante papel na cultura romana, era

protetora das prostitutas, tinha diversos atributos ligados ao sexo, dentre eles a fertilidade. Riqueza e poder, também eram características de sua propriedade. A conjunção dessas qualidades, ressignificavam a imagem da deusa e do sexo no imaginário coletivo (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 120).



Imagem 9: AR Denario de Júlio César. Moeda cunhada na primeira casa monetária de Romano ano 44 a.C.

Fonte: CARLAN; FUNARI; MARQUETTI, 2015.

Vênus segura, em sua mão direita, uma vitória alada, presumindo a interface entre sexo/vitória/poder. Há indícios da presença desses adjetivos e sua relação com o governo romano, mesmo que de forma atenuada, deuses e deusas ligados à fertilidade, como Vênus e Baco, ou animais a eles relacionados. Este uso se intensifica com o império, havendo uma substituição do busto do imperador pelas representações de práticas sexuais, com as *spintriae* (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 119).

A circulação destas moedas é da temporalidade que vigora a *pax romana*, de associações de deidades (Vênus e suas múltiplas relações com o sexo e seu poder protetor) aos legionários e a pacificação do império. “En otras ocasiones se invoca a Venus para que, oponiéndolo se a Marte, regale a los mortales una tranquila y plácida paz para los romanos” (MUÑOZ, 1998, p. 202).

Vênus é simultaneamente definida pela beleza e amor físico, estabelecendo uma relação direta entre o sentido do belo e do desejo sexual, que é notabilizado em seu mito ao relacionar-se com o deus da guerra Marte. Ambos os deuses, no mito, eram amantes que, ao encontrar-se, a deusa conseguia pacificar a divindade da guerra (CAVICCHIOLI, 2009, p. 59-60).

Marte, filho da deusa Juno, à qual é conhecida também como Juno Moneta (que recebe um templo em sua homenagem destinado a cunhagens de moedas), nome que deu origem a palavra moeda (CARLAN; FUNARI, 2012, p.45). Esta vinculação das divindades relacionada as moedas,

a guerra e a sexualidade (com valores de proteção e pacificação), pode ser um dos motivos das cunhagens de práticas sexuais, com objeto de apelo à aspectos mítico- e de pagamento aos soldados romanos(de diversas etnias).

Entretanto, segundo Carlan, Marquetti, Funari, as imagens de cópulas remetem a duas situações: há as de conflito, de sexo forçado, de imposição de uma força, sendo este representado pelo império romano, e aquele submetido, controlado, domado, externada pelo território conquistado. Há as cunhagens pacíficas, de trocas de olhares e cumplicidades durante o ato, remetendo a da relação império *versus* território conquistado de forma amistosa (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015).

O intuito destas moedas pagas aos soldados romanos seria atemorizar os inimigos, impor a autoridade e poder aos demais territórios conquistados, demonstrando também as benesses de manter relações amistosas com o império romano (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015).

Vamos a algumas considerações: 1) Se a circulação remete ao tempo de apogeu, a atualização da ação política centrada na paz interna, para manter o controle e unidade do território, seria interessante a circulação de moedas tão ultrajantes aos povos conquistados pela força? 2) As moedas eram pagas aos soldados (responsáveis pela gestão do controle interno), cujos integrantes abarcavam cidadãos romanos e estrangeiros provenientes das anexações. Estas moedas, com essa interpretação, não poderiam suscitar um motim naqueles que seriam responsáveis por evitá-lo? 3) A sacralização da guerra, e a consequente busca das forças divinas para a sua proteção, não poderia justificar a utilização de práticas sexuais cunhadas em tais moedas, devido ao poder mítico e apotropaico que o ato sexual tem em diversas sociedades da antiguidade?

A *spintria* era utilizada para o pagamento de soldados (compostos de múltiplas etnias), utilizava as práticas sexuais -sua existência mítica e linguagem universal, para unificar dentro de uma simbologia de riqueza/ fertilidade, poder e vitória. O sexo, na Antiguidade, em múltiplas sociedades, era associado às divindades, à prosperidade, proteção, além de sua significação fisiológica, adicionada ao bem-estar econômico resultante da posse monetária. As moedas eram recursos simples e eficaz para disseminar ideais políticos: as *spintriae* tornavam-se um aliado importante do império frente às problemáticas da *pax romana*.

4 GÊNERO E SEXUALIDADE NA ANTIGUIDADE ROMANA

Os estudos historiográficos, no que tange a Antiguidade Clássica, segundo Pedro Paulo Abreu Funari, em seu artigo intitulado “Romanas por Elas mesmas”, fez-nos um alerta sobre uma inclinação dos classicistas à um olhar conservador sobre a História. A finalidade do artigo era apresentar fontes documentais variadas produzidas por mulheres no principado romano: a própria demonstração do autor de evidências dessas agentes históricas serviu também como crítica à uma epistemologia conservadora, hierárquica e patriarcal dos historiadores clássicos, que marginalizou, por muito tempo, o papel da mulher na antiguidade (FUNARI, 1995, p.179).

Furani nos diz que os estudos clássicos, em muitos casos, reforçaram relações de poder indevidos, quando galgados numa perspectiva empirista dos documentos e no senso comum ao analisá-los. O autor relembra, através dos estudos do linguista britânico Norman Fairclough (1990), a nocividade do uso senso comum na esfera acadêmica para a naturalização e manutenção de poderes-mesmo que dúbios, através dos discursos sociais (FUNARI, 1995, p.180).

Uma alternativa a esta abordagem maniqueísta na historiografia de homem/mulher, público/privado, que enrijece as possibilidades de feminilidades e masculinidades, está numa abordagem holística do objeto estudado. As construções de gêneros são produtos da cultura e, considerando que dentro do âmbito cultural há matizes sociais, étnicas, espaciais e temporais, que influenciam nas configurações identitárias, há a necessidade de ampliarmos nosso leque investigativo: diálogos interdisciplinares e utilização de fontes variadas são fundamentais para os estudos de gêneros (FUNARI, 1995, p.180-181).

4.1. Das representações nas relações de gêneros e sexualidade

O discurso passa a ser essencial para o historiador, em contraposição à experiência que é levada em consideração na história social (ou história econômica). Entre a prática (a experiência) e as representações (impressões e expressões sobre a experiência), há o discurso (WEINSTEIN, 1998, p. 230 apud JARDIM; PIEPPER, 2010, p. 89).

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (...) as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p. 17).

Roger Chartier entende que há lutas de poderes e dominações nas ações humanas, que variam de acordo com o tempo histórico investigado: há intencionalidades nos discursos de quem produz o documento e de quem os interpreta, é preciso estar atento as nuances e inconsistências por detrás das representações. O autor chama de signos de poder essa simbologia presente no que é representado, realça a importância de interpretá-las, e pondera que suas percepções ocorrem de formas distintas pelos indivíduos: depende de suas familiaridades e conhecimentos para/com os signos (CARLAN; FUNARI; 2012, p. 72).

O poder simbólico é constante, mas é compreendido de modo individualizado. Há assimilações distintas quanto às expressões de uma mensagem pelo receptor. A apreciação/percepção do indivíduo frente aos códigos simbólicos que denotará a sua compreensão (ou rejeição); trava-se uma luta simbólica entre emissor/receptor através da representação imagética/simbólica (GINZBURG, 1989, p. 74).

A sexualidade, por exemplo, é representada em muitas temporalidades. Mesmo que sua existência etimológica ocorra no século XIX, e com isso uma possível desvalorização científica em utilizar o termo em sociedades anteriores, há ocasiões que sua aplicabilidade é justificada: as práticas sexuais pertencem a historicidade do corpo, são determinadas pela cultura, que é definida pelas interações sociais entre os indivíduos no tempo e espaço (FEITOSA, 2005, p. 43). “Consideramos a sexualidade um fenômeno cultural que envolve o conjunto de práticas, discursos a respeito do sexo e das relações entre os diferentes gêneros” (CAVICCHIOLLI, 2004, p. 33-38).

Se há representações da sexualidade por várias temporalidades históricas, é necessário se ater aos seus discursos. Órgãos genitais masculinos, femininos e cópulas foram encontrados na Serra da Capivara, no estado do Piauí. Embora explícito, o significado desses desenhos extrapola

seus simples contornos: as imagens dos genitais envolvem cosmovisões, há um sentido mítico em sua elaboração (JUSTAMAND; FUNARI; ALARCÓN JIMÉNEZ, 2016, p. 11). Na pré-História, com a ausência da grafia, estudos das representações imagéticas nos desenhos rupestres são essenciais para a compreensão dos indícios daquele contexto.

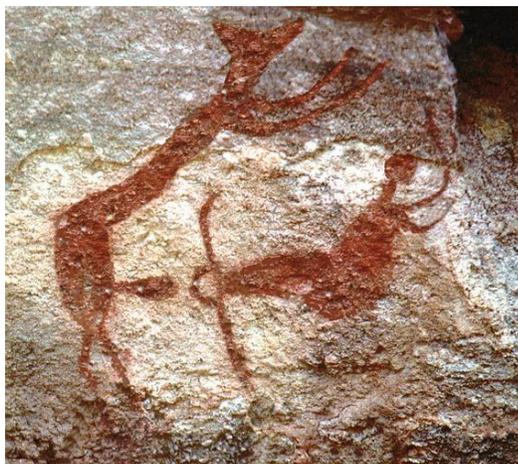


Imagem10: Pintura rupestre da Serra da Capivara.
Fonte: JUSTAMAND; FUNARI; ALARCÓN JIMÉNEZ, 2016.

No Egito, nas margens do rio Nilo, amplamente encontram-se representações de órgãos sexuais, tanto em contextos atemporais como temporais; *fallus* são empregados como símbolos de Deuses e da realeza. Na cultura popular também proliferam a utilização desta simbologia, de órgãos sexuais à copulas, encontrados, por exemplo, em objetos utilitários como espelhos (JUSTAMAND; FUNARI; ALARCÓN JIMÉNEZ, 2016, p. 8).



IMAGEM 11: ESCULTURA IBÉRICA.
FONTE: RODRÍGUEZ, 2009.

Na Península Ibérica, cultura material com expressões da sexualidade também foram notadas. Esta é a escultura de Porcuna (Jaén), possui 92 cm de altura, fragmento de um homem se masturbando, pertencente a segunda metade do século V a. C. É reconhecida como uma obra tipicamente ibérica (RODRÍGUEZ, 2009, p. 34).

Na cultura grega o nu masculino e feminino também estava presente: o primeiro era relacionado a religiosidade, enquanto o segundo, por tradição cultural, impedia o cânone da figura feminina. Na arte grega, de uma forma geral, havia narrativas que aceitavam o uso de imagens com conotações sexuais, a exemplo das cerâmicas que eram mais explícitas em suas representações (JUSTAMAND; FUNARI; ALARCÓN JIMÉNEZ, 2016, p. 8-9).

Em Roma, o *fallus* era retratado na cultura popular, como símbolo apotropaico, de fertilidade e vinculado aos deuses. Em grafites nas paredes de Pompeia, tanto em objetos de uso doméstico e do cotidiano, como amuletos, lamparinas, demonstram como esta simbologia estava presente no imaginário coletivo (JUSTAMAND, Michel; FUNARI, Pedro Paulo A. e ALARCÓN JIMÉNEZ, 2016, p. 9). No âmbito das representações das práticas sexuais para o mundo romano, é importante entendê-las como parte de uma realidade social, mítico-religioso.

As representações sexuais acabaram entrando em desuso com o início da cristandade e consequente repressão de tais temas. Há uma negação das tradições culturais anteriores supracitadas, com o advento de demonização dessas práticas, relacionando-as ao pecado (JUSTAMAND; FUNARI; ALARCÓN JIMÉNEZ, 2016, p. 9).

Embora as práticas sexuais estejam evidenciadas em muitos contextos históricos, em cada sociedade analisada temos que relativizar os seus significados, devido as variantes que advém da própria cultura; espaços, temporalidades, etnias, “classe” social, que (re) significam as representações, tanto para estudo de sexualidade quanto para conotação de gêneros.

Devido a esses matizes na investigação que concerne gênero e sexualidade, no período do império romano merece uma atenção especial:

Durante o Principado (séculos I e II d.C.), o vasto território que compunha a sociedade romana circundava todo o mar Mediterrâneo e integrava inúmeras regiões, com povos diversos, anexadas ao longo do processo de conquista. A composição desse imenso império emaranhado de latinos, gálatas, egípcios, héticos, germanos, dácios, gregos, entre tantos outros, denotam diversidades jurídicas, econômicas, étnicas, de idade, sexo, profissão e língua que acabam sendo camufladas e simplificadas pela expressão “povo romano” (FEITOSA, 2003, p. 106-107).

A pluralidade de povos nos leva a ter um cuidado epistemológico maior ao nos debruçarmos sobre as fontes. Quem as produz tem uma relação diferente com que as consome. A moeda *spintria*, fonte desta pesquisa, é uma ferramenta com intenções propagandísticas, com um poder político intrínseco, do império para com os territórios sob o seu julgo. Foi produzidas pela ótica masculina, tem implícito também em suas representações um discurso de poder sobre a existência da figura feminina.

O discurso de poder masculino construído na antiguidade, e naturalizado pelas sociedades subsequentes, fez com que o feminino fosse marginalizado em muitas fontes históricas. Esta influência discursiva propiciou negligências do papel feminino como objeto de inspeção de historiadores, agravando as percepções de poder entre o mulheres e homens. Pesquisadores que trabalharam com os conceitos de representação/sexualidade/gêneros, muitas vezes tem que recorrer a culturas materiais para efetuar suas análises, além das documentais, para um entendimento proximal dessas relações humanas.

Portanto, uma leitura baseada no senso comum sobre *as spintriae* nos fornecem indícios insuficientes e distorcidos sobre a sua existência. Ligar as cunhagens de cópulas ao impudico, ou mundo da prostituição essencialmente, é se deixar levar pela subjetividade, pela contemporaneidade. Com os conceitos de representação das práticas sexuais, através dos símbolos, permitem-nos conhecer qual o poder mítico-religioso, político e sociocultural expresso nos atos. Surgem as intencionalidades nos discursos presentes nas representações, de demarcar a autoridade do poder imperial num plano macro, quanto do poder nas relações de gênero no âmbito micro.

4.2 Relações de gênero e mentalidade romana sobre práticas sexuais

Com a revisão metodológica na historiografia e influência pós-modernista, onde há a aceitação de variadas formas de feminilidades e masculinidades, colocou em xeque o discurso de poder e opressão do homem sobre a mulher. A existência da diversidade de gêneros expõe a complexidade das composições sociais, e limitá-la a uma pretensa supremacia de um sobre outrem superficializa as análises históricas, em especial no que refere ao período do império romano: um território formulado por múltiplas etnias, sobre jurisdição imperial e local, com distintas“ classes

sociais”, pressupões que as relações de gêneros se davam das mais diferentes maneiras (FEITOSA, 2008, p. 125).

Deixamos claro que isto não significa ignorar a sociedade patriarcal romana, onde alguns homens detinham os monopólios das relações públicas e cargos políticos. Entretanto, estabelecê-la como falocêntrica e naturalização da mesma, onde há uma opressão e inferioridade feminina, é deixar contaminar-se por perspectivas e sentidos vigentes ao analisar a historicidade romana. Esta concepção de mundo romano há tempos tem sido questionada (FEITOSA, 2003, p. 107).

Um exemplo dessa distorção analítica refere-se ao *Pater familias*. A ideia de poder paterno inquestionável em detrimento das mulheres e seus filhos, própria dos cidadãos romanos, forjou uma inflexibilização das relações familiares (FEITOSA, 2008, p. 126). A utilização de evidências históricas como arqueológicas, iconográficas e epigráficas, tem possibilitado uma releitura de fontes literárias, demonstrando a fragilidade destas compreensões sociais. Política, espaço público e privado são conceitos que também tem requerido novas reflexões (FEITOSA, 2003, p. 107).

Thomas (1990) e Grimal (1991), analisando a situação jurídica de mulheres livres, esposas e filhas de cidadão romanos, chegaram à conclusão de que a menoridade civil e submissão ao poder paterno não confinava apenas às mulheres (FEITOSA, 2003, p. 107).

Em uma família, tanto elas quanto os seus irmãos estariam submetidos ao poder do pai, pois o cidadão romano adquiria personalidade civil autônoma, deixando o seu estado de dependência legal, somente ao ser designado como o responsável pela família, título conquistado após a morte do patriarca (FEITOSA, 2003, p.107).

A transição da República para o Império, com Augusto, trouxe significativas mudanças jurídicas que elucidam as relações entre pais e filhos. Quando os pais não condiziam com o estatuto de cidadania ou a condição moral dos indivíduos, as filhas (os) poderiam recusar os esposos (as) a elas escolhidas, assim como a não concordância com o tipo de casamento efetuado. A participação das filhas (os) nos negócios dos pais também sofre alterações (FEITOSA, 2008, p. 126).

Com a renovação jurídica proposta por Augusto, o feminino acaba tendo uma maior autonomia. A alteração das leis, com no início do Império, estabelecidas em 18 a.C, renovou as condições de maternidade e paternidade: ficou estabelecido que romanas livres casadas, ou não, tendo filhos sobreviventes, ou não, estariam libertas do poder do *pater familias*. A jurisdição consentia a elas o poder de administrar o seu próprio patrimônio. Porém, para as mulheres, enquanto estivessem casadas, o dote ficava ao encargo do marido. Essa possibilidade era atestada

às romanas livres, que deveriam esperar três gerações para conseguir tal direito; para as mulheres libertas ou livres itálicas a espera era de quatro gerações; para as provinciais cinco; com o passar do tempo foi ampliado a todas às outras (FEITOSA, p.107, 2003).

No artigo de Lourdes Feitosa sobre gênero e sexualidade no mundo romano, podemos notar que a cultura material foi importante para compreendermos que as mulheres eram atuantes socialmente, por sua representatividade na arte romana imperial. “As crescentes análises sobre as romanas e a utilização de documentos como moedas, inscrições, estátuas e tumbas funerárias têm sido fundamentais para compreender a participação delas no espaço social” (FEITOSA, 2008, p.126).

Estudos tem evidenciado que algumas mulheres da elite gozavam de certa autonomia, detinham certa atuação na sociedade de acordo com o peso do seu nome social e gerenciavam negócios familiares. Participam de conseqüências de benefícios financeiros, por meio da política, em construções públicas; apoiavam financeiramente jogos e distribuição de alimentos; estavam envolvidas nos sistema de clientela e por meio das relações interpessoais; gerenciavam os negócios de família, suas propriedades particulares e além de patrocinar corporações de públicas (FEITOSA, 2008, p.126).

Nos extratos sociais mais baixos, as mulheres escravas, livres e libertas, exerciam funções em comércios, eram tecelãs, vendedoras, cozinheiras e/ou exerciam outras atividades. Em Pompéia foi encontrado grafites, inscrições em paredes que atestavam sua participação política através da propaganda política de seus candidatos, discutiam suas vicissitudes, declaravam apoio a candidatos ou não. Porém a sua participação em eleições não eram permitidas (FEITOSA, 2008, p.127). Ou seja, a mulher não estava estritamente ligada ao meio domiciliar, bem como podemos supor que o homem detinha de forma integral o poder no seio familiar.

Assim como o falocentrismo, outro aspecto da sociedade romana questionada é a divisão entre público e privado, atribuídos a homem e mulher, respectivamente. A arqueologia nos tem demonstrado que a casa, sendo relegada ao âmbito familiar e “privado”, de família abastadas, era também espaço de atividades públicas, como discussões e articulações políticas. O clientelismo era exercido com pessoas dos mais variados extratos sociais, que seriam recebidos no espaço domiciliar de acordo com a sua condição social. A mulher é personagem frequente desses espaços, conjecturar sua participação política também nesses locais não passa a ser algo impossível (FEITOSA, 2008, p. 127).

Segundo Laurence (1994), as pessoas pobres dormiam e trabalhavam no domicílio. Tanto homens quanto mulheres passavam boa parte do tempo juntos, proporcionando uma configuração de relações sociais diferentes da tradicional. Isto nos faz pensar que ou eles estavam excluídos de qualquer participação política, ou devemos nos atentar a novas relações entre os gêneros e sociais na antiguidade romana (FEITOSA, 2008, p. 127-128).

O estudo acerca das práticas sexuais acompanhou a evolução dos estudos de gêneros. De uma área conservadora, classicista, se viu apta a novos olhares epistemológicos.

Para os romanos, a sexualidade, assim como a religião, a economia, a guerra, a política, não era uma esfera compartimentada da vida, influenciada por outras esferas, como a religião e a moral. A sexualidade não começava onde acabava a religião ou a política, ela fazia parte de um *continuum*- a sexualidade era parte da religião e vice-versa (CAVICCHIOLI, 2004, p. 33-38).

No principado a religião romana estava em sua gênese, predominavam as religiões romanas, logo o ato sexual não era relacionado ao pecado. Os próprios deuses romanos eram sexuados e tinham filhos fruto do ato. Seus desejos sexuais eram reconhecidos, inclusive eram representados praticando sexo. O mito da criação de Roma simboliza a união entre deuses e humanos: Rômulo e Remo, fundadores da cidade, são filhos de Réa Silvia e o deus da guerra Marte (CAVICCHIOLI, 2009, p.9).

A representatividade das práticas sexuais, de falos e pessoas nuas é comum na cultura material romana. O falo, por exemplo, é um símbolo de poder, proteção e fertilidade, tendo o seu poder imagético reproduzido em pingentes, grafites, estátuas, castiçais, lamparinas, dentre outros. Muitos deuses, como Baco e Priapo, tinham o falo relacionado aos cultos religiosos, assim como a representação do ato sexual em si (CAVICCHIOLI, 2009). O órgão sexual masculino tinha uma importância religiosa, que incidirá também na expressão da sua sexualidade e no desempenho de seu papel social.



Imagem 12: Pintura de Priapo na entrada da Casa dos Vetti.
Fonte: Clarke, 2003.



Imagem 13: Campainhas romanas
Fonte: Clarke, 2003.

Sexo é uma das relações sociais onde o poder torna-se palpável. Segundo Veyne (2004), escravos (as) eram propriedades, objetos dos senhores, e estes poderiam utilizá-los para fins de satisfações sexuais. Os escravos não tinham autonomia para decidir sobre seus afazeres cotidianos, a mesma lógica de inflexão era empregada na relação sexual entre senhor e escravos (as). Por fazer parte da concepção de escravidão pelos romanos, tampouco era entendido como atitude abusiva

por ambas as partes: ócios do ofício (CAVICCHIOLI, 2009, p. 10). Nestes casos, relações sexuais entre homens eram comuns.

Essas relações eram aceitáveis, especialmente entre o sexo masculino, desde que seguissem determinadas regras sociais. Essas consistiam na permissividade do sexo entre homens caso o cidadão romano tenha uma postura ativa durante o ato, para manter assim seu status de virilidade e fazer jus ao seu status social. Neste caso, no sexo com mulheres, libertos/as e escravos/as, o homem romano deveria exercer sua função ativa para manter seu domínio e controle sobre os demais (CAVICCHIOLI, 2009).

Não podemos entender estas práticas como uma existência da homossexualidade compreendida como nos dias atuais. As relações entre pessoas do mesmo sexo não as definiam como homossexuais, visto que esta é uma terminologia recente; estas práticas não eram desassociadas do campo conjugal (FEITOSA, 2008, p.132).

Há também a necessidade de ponderar-se sobre a sexualidade da elite masculina. Embora este devesse ser ativo durante os momentos de cópulas, figuras da elite e públicas, como Júlio César, tinham suas preferências sexuais questionadas ou satirizadas, como na passagem de Suetônio⁶: “Julio César era mulher de todo homem e homem de toda mulher”. Importante notar que, apesar dos comentários, sua governança perdurou sem maiores riscos (FEITOSA, 2008, p. 133).

O sexo entre mulheres na sociedade romana não era tão representado iconograficamente. Em Pompéia, nas Termas Suburbanas, há uma pintura em que pesquisadores entraram em consenso, de que se trata duas mulheres praticando sexo oral. Este tipo de prática era tido como desviantes, transgressoras, e teriam sido construídas como uma forma de ironia da sociedade romana. Ao contrário do sexo entre dois homens, entre mulheres eram entendido como antinatural (CAVICCHIOLI, 2009, p. 91).

Ao nos depararmos com o significado do falo para essa sociedade e sua influência na cultura religiosa romana, podemos, em partes, conjecturar o porquê da pouca aceitação social do sexo entre mulheres; há a ausência do falo, do homem- que considerava-se, principalmente o da elite, dominador das relações sociais. A não existência do falo perde o valor simbólico religioso, ameaça o poder social masculino, podendo ser esse o motivo da pouca aceitação social e de reprodução iconográfica.

⁶ Suetonius. De vita duodecim Caesarum, I, L. (FEITOSA, 2008, p.133).

Todavia, estamos falando de uma referência de interpretação fálica, que poderiam ser compreendidas diversamente por homens e mulheres. Não duvidamos da importância do falo e sua relevância imagética para a sociedade romana, mas enquanto objetos considerados como instrumentos simbólicos pelos homens, poderiam ter sido utilizados como objetos para obtenção de prazer pelas mulheres, conforme supôs John Boardman (FUNARI, 1995, p. 191).

O uso de objetos fálicos para fins sexuais foi muito comum na sociedade grega, existindo, inclusive, representação iconográfica do ato. Embora na cultura material romana há uma quase ausência dessas representações, nas literaturas de Marcial e Ovídio, contemporâneos ao período dessa pesquisa, há relatos da prática (CAVICCHIOLI, 2009, p. 89).

Mas devemos ter em mente que quem produziu essas culturas materiais e documentais, em sua maioria, foram homens, ou podem ter sido elaboradas na companhia deles. Presume-se que se trata da naturalização do discurso masculino sobre a sexualidade feminina. Se havia críticas sobre a prática sexual entre feminilidades, é porque possivelmente ela acontecia na prática.

No que versa o relacionamento entre homens e mulheres: a extensão do sentido de propriedade, há muito tempo, tem abarcado as relações maritais de uma forma em geral nos estudos romanos. Há variáveis que devem ser consideradas nesta junção entre destes pares: o casamento não era popular; era conferido/reconhecido apenas aos cidadãos romanos, caracterizado por alianças políticas, interesses econômicos e sociais (CORBIER, 1991, p. 179 apud CAVICCHIOLI, 2009, p. 10). “O amor conjugal era sorte, não base do casamento nem condição do casal (VEYNE, 1989, p. 52).

Os pais outorgavam relacionamentos, assim como os desfazia, pedindo aos seus filhos que se divorciassem. Isto acontecia em detrimento de novas alianças políticas e ou/ econômica. Ademais, Cantarella (1999) considera o casamento como uma instituição de controle do patrimônio, assegurando a reprodução ordenada dos cidadãos e garantindo a conservação dos grupos familiares, dificultando a dispersão de heranças. Aos não cidadãos romanos, majoritários no império romano, não tinham seus casamentos reconhecidos por leis romanas, restando-lhes o rito em suas religiões locais (CAVICCHIOLI, 2009, p. 10).

Sobre a fidelidade conjugal temos alguns dados interessantes. Os homens poderiam ter relações extraconjugais, poderiam ter amantes e/ou concubinas, mas estas não tinham reconhecimento legal, nem ao mesmo se resultassem em filhos: como ilegítimos, não eram

reconhecidos perante a lei; não eram entendidos como família constituída; não recebiam nome e nem herança do pai (CAVICCHIOLI, 2009, p.12).

A mulher não gozava de mesmos direitos que o homem neste aspecto. Caso adultério feminino, segundo uma lei atribuída a Rômulo, a partir de um tribunal doméstico, poderia ser condenada a pena de morte. Uma regra ainda possibilitava o assassinato da mulher infiel: era entendido como uma ofensa à honra familiar do marido. Cantarella (1995) cita uma passagem de Catão, onde é possível perceber a dubiedade moral e da aplicação das leis, em desrespeito à fidelidade dos conjugues: “Se você surpreende sua mulher cometendo o adultério, pode assassiná-la impunemente, mas se ela o surpreende, não pode toca-te nem com um dedo (CAVICCHIOLI, 2009, p. 12).

Do ponto de vista legal, foi somente na época de Augusto que as coisas se modificaram. O *príncipes* propôs e fez aprovar uma lei em que o adultério não seria mais julgado e punido em casa, mas por um tribunal, carecendo de provas públicas - a *Lex Julia de adulteriis*. Assistimos aqui a passagem da punição do âmbito privado para o público. A pena não seria mais de morte, mas a deportação da adúltera a uma ilha geralmente distante e pouco habitada, em que ficara para o resto da vida. O homem com quem esta havia cometido adultério também teria a mesma pena, e seria deportado para outra ilha distante (CAVICCHIOLI, 2009, p. 13).

Há poucos relatos de aplicabilidade desta lei. Veyne (1998) acredita que com o tempo houve uma equiparação moral quanto ao adultério, independentemente do homem ou mulher, eram consideradas igualmente graves (CAVICCHIOLI, 2009, p. 13) Podendo este ser um indício da pouca existência de denúncias de infidelidade, ou quem sabe, até um afrouxamento da sua execução.

Contudo, devemos entender que o sexo no mundo romano não estava restrito ao binômio homem/mulher, esposa/esposo; havia a possibilidade de desfrutar de experiências sexuais fora do casamento, inclusive entre pessoas do mesmo sexo. As práticas sexuais eram atos que não restringiam apenas a busca do prazer, da procriação, mas possuía também uma vinculação com as expressões ritualísticas aos deuses romanos, e com as relações sociais (FEITOSA, 2008). O sexo e suas experiências múltiplas faziam parte de um todo político, social e religioso, e por isso devemos compreendê-las para além das delimitações sexuais.

4.3 As mulheres nas culturas materiais romanas

Na cultura material e literal romana, as mulheres são representadas de diversas maneiras, seja concernente as suas linhas corpóreas, quanto ao seu comportamento moral ou sexual. Em alguns casos elas mesmas são produtoras de suas representações, em outras são reproduzidas pela ótica masculina, em algumas permanece o desconhecimento de sua elaboração. Nossas fontes são definidas pelos homens, mas há padrões iconográficos na arte pompeiana, que independente de autorias, nos auxiliam a entender como elas aparecem no universo material romano.

Digo referências de Pompeia, pois será principalmente o catálogo elaborado por Marina Cavicchioli que utilizaremos como parâmetros para entender o porquê das mulheres serem reproduzidas nas *spintriae* dessas maneiras: aparecem nuas, de cabelos presos ou coroadas, com o corpo curvilíneo com o quadril e seios marcados, e aparentemente, de tamanhos equiparados aos personagens masculinos. Aparecem em práticas sexuais como a masturbação, sexo frontal, por cima ou por baixo do homem, com as pernas levantadas e à tergo (vaginal ou anal). Na encenação, aparecem momentos de tensão ou relaxamento, com a existência de troca de olhares ou ausência delas.

Assim como nossa fonte de pesquisa e as culturas materiais pesquisadas por Cavicchioli (2009), a nudez é ingrediente iconográfico. A autora em sua pesquisa não encontrou corpos femininos isolados e nus; quando só, a mulher era representada com algum tipo de vestimenta, pois era elemento de refinamento e urbanidade. Exceto se forem divindades femininas, assim poderiam ser encontradas nuas e sozinhas. Ao contrário das mulheres, os homens apareciam só e nus com frequência nas culturas materiais romanas. Quando a mulher era ilustrada sem vestimenta (ou com apenas uma faixa nos seios) significava que estava inserida numa relação de gêneros, de intercuro sexual. (CAVICCHIOLI, 2009, p. 96-97).

Nos artefatos arqueológicos investigados, quando em um momento de cópula, as mulheres são grafadas com os cabelos arrumados e presos, sem nenhum ornamento. Parece que não há um teor erótico romano quanto aos cabelos soltos (CAVICCHIOLI, 2009, p. 99-100). Na *spintria* é possível notar esse critério na cunhagem das imagens, cabelos das mulheres presos e arrumados, mas em algumas é possível notar a presença de ornamentos como coroas.

O corpo curvilíneo, com os quadris e nádegas grandes, é presente nas diversas culturas materiais e representações femininas. Embora em algumas poucas consistem um corpo magro apresentado, cujo Canterella (1999, p. 97) acredita ser esta a preferência masculina, Cavicchioli argumenta que, fora algumas apresentações de divindades, que possivelmente tiveram influência grega de assimetria em suas elaborações, justificando as ancas magras, amplamente o corpo feminino é desenhado e descrito na literatura com abundância em suas linhas corpóreas. Os quadris e nádegas grandes, desde a pré-história, são símbolo de fertilidade feminina (2009, p. 95-96).

Os Seios, quando ilustrados em divindades aparecem sendo tocadas, em personagens humanos esse ato é quase despercebido:

Marte toca os seios de Vênus, assim como os sátiros tocam os seios das ménades, gesto que aparece explicitado nas imagens (cd. Fichas 51, 111, 112, 113), e que interpretamos como uma forma de evidenciar um elemento feminino de fertilidade. Já, nas figuras humanas, são poucas as imagens que ressaltam os seios sendo tocados, o que ocorre, por exemplo, na ficha 125 (CAVICCHIOLI, 2009, p. 97-98).

As vezes os seios eram tampados com *fascia pectoralis* (faixa para cobrir os seios), que era uso recorrente na representação feminina no ato sexual, podendo ser utilizadas para manter o pudor, ou como item erótico (CAVICCHIOLI, 2009, p. 97-98).

Segundo Paul Veyne, mesmo quando a mulher é representada por cima, significa que ela está submissa ao homem, conotando em serviços prestados, numa relação de senhor/serva. “A parceira está a serviço do prazer do seu senhor e vai ao ponto de realizar todo o trabalho; se ‘cavalga’ o amante imóvel, é para servi-lo (VEYNE, 1989, p. 197).”

Posteriormente, Veyne (1990) repensa a questão, creditando que com o passar o tempo a mulher romana adquire uma certa emancipação, e o sentido do sexo por cima é invertido. De qualidade submissa, ela passa a ser reconhecida como dominadora, só que malvista pela sociedade romana; o autor recorre a Sêneca para chegar a tal concepção. O escritor romano de fato condena a postura feminina como ativa, compreendendo-a como antinatural, perversa. Porém Sêneca pertencia a elite romana, seu discurso é masculino, elitista, não podendo ser compreendido como uma opinião geral da sociedade, talvez de determinado grupo social. Um discurso dentre múltiplas possibilidades (CAVICCHIOLI, 2009, p. 78-79).

As mulheres, durante o coito, aparecem, com frequencia, com uma ou duas pernas para cima, em diversas culturas materiais, tendo por vezes a (s) perna(s) escontada(s) no ombro do parceiro (CAVICCHIOLLI, 2009, p. 78-79).

O sexo por trás é bastante representado na cultura material romana. Na cultura grega, era malvisto, relegado às prostitutas (Clarke, 2001). Segundo Stwert (1996) era aceito entre as elites, as quais utilizavam um espelho para admirar o ato sexual nesta posição. Inclusive Taylor (2008), em uma iconografia Helena-Persa, apresenta-nos uma mulher que segura um espelho enquanto pratica o sexo à tergo. Na cultura romana, Varone (1994) entende que essa posição era praticada por prostitutas para agradar seus clientes. Blázquez (2007) dizia que os romanos imitavam os modelos gregos, inclusive o do sexo por traz (CAVICCHIOLLI, 2009, p. 82). Os autores citados relacionam esta prática às meretrizes, seja no mundo grego ou no romano.

Cavicchioli acredita que “as representações destas duas espécies de intercursos sexuais visavam o deleite do observador, seja no prazer encontrado na prática apresentada, seja pelo prazer estético das imagens” (2009, p.83). A autora nos elucida que estas posições sexuais não devem ser associadas somente às prostitutas ou escravas, pois foram encontrados objetos e pinturas com tais imagens em casas de elites pompeianas (CAVICCHIOLLI, 2009, p. 84).

No enlace contextual de cópula nas moedas e de outras culturas materiais, há duas reações bem nítidas e distintas: há representações dos pares distantes, tensos, como se houvesse falta de intimidade entre eles; há também cenas em que há troca de olhares entre os personagens na cena de coito, em momento distenso, denotando afetividade, talvez, num momento de compartilhamento do prazer (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015).

A importância da troca de olhares na sociedade romana já foi bem estudada por Mireille Corbier (2007), são encontradas em culturas materiais como pinturas e imagens da época, assim como nas moedas. O entreolhar é compreendido como sinal de desejo carnal e comprometimento entre os pares (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 134-135).

As moedas serão analisadas cuidadosamente e aprofundadas no capítulo seguinte, por isso apresentamos de forma breve como as mulheres foram representadas nesta cultura material. Resguardamo-nos para não esgotarmos analiticamente as imagens, e nem para que o texto se torne repetitivo.

É importante compreender que as representações de feminilidades e de práticas sexuais, em cenários variados, principalmente em momentos de tensão/relaxamento, ou troca/ausência de

olhares, nos faz devanear sobre quem seriam essas mulheres expressadas nas cunhagens. O que análise iconográfica pode nos dizer sobre estas mulheres? Quem seriam estas mulheres? Por que os homens as caracterizavam destas maneiras? O capítulo seguinte nos ajudará a responder tais questionamentos.

5 O FEMININO SOB O OLHAR MASCULINO: RELAÇÕES DE GÊNEROS A PARTIR DAS SPINTRIAE

Há diferentes cunhagens das *spintriae*, de diversas posições sexuais, com representações de falos, de deidades e seres humanos. Porém, devido ao caráter breve do mestrado, optamos por cinco amoedações. Muitas dessas moedas possuem posições sexuais e contextos imagéticos semelhantes, por isso privilegiamos as que se destoavam mais uma das outras, em atos sexuais e gestuais distintos, e que retratassem pessoas de estratos sociais diferentes- de acordo com a nossa análise.

Ao final do trabalho será disponibilizado uma imagem contando todas as tipologias das moedas. Mas alertamos que, devido ao pouco conhecimento e estudo destas, não encontramos um catálogo completo de fácil acesso, que ao mesmo tempo tenha uma resolução satisfatória e seja de fonte confiável. A única encontrada por nós, que mais se aproximava dessas três condições essenciais para o embasamento da pesquisa, foi em um artigo de Terry Buttrey (1973).

Nossas descrições vão a encontro com as análises feitas no artigo de Marquetti, Carlan e Funari, e são semelhantes pelas seguintes razões: primeiramente, não dá para se distanciar muito da leitura imagética de uma cultura material pelo viés iconográfico, visto que relatamos aquilo que se vê, investigando padrões imagéticos. Em segundo lugar, concordamos que as eram moedas utilizadas como objeto de pagamento aos legionários, o que justificaria a disseminação dessas moedas por todo o Império Romano; distanciamos-nos da hipótese de tais autores sobre as intencionalidades políticas inerentes às cunhagens.

Há algumas observações divergentes que fizemos neste ponto, com o intuito de colaborar com os questionamentos, ainda existentes no âmbito acadêmico a respeito das funções desta tipologia de amoedação.

Escolhemos as *spintriae* de imagens cunhadas de personagens humanos- embora suas conotações imperiais e/ou de divindades estejam intrínsecas. Elegemos moedas que expõe a prática sexual entre homem e mulher, que retratem os indícios do feminino pelas representações através do olhar masculino (império/elite, responsáveis por suas produções) e suas relações de os gêneros.

Moeda 1:



Imagem 14: Spintria.
Fonte: CARLAN; FUNARI; MARQUETTI, 2015.

No anverso desta moeda é retratado o sexo frontal, com a mulher com as pernas levantadas, com sua perna esquerda quase posicionada no ombro do homem. Há troca de olhares entre o casal, denotando intimidade e reciprocidade- compartilham o prazer do ato sexual. Os tamanhos das personagens são equiparados, podendo ser um indício de pessoas de poderes sociais equivalentes, pertencentes do mesmo âmbito social, talvez conjugues. A mulher é representada com os seios marcados, quadril curvilíneo, cabelos presos. As figuras não usam coroas e na cena não há representações de falos.

Os ornamentos no leito, como as cortinas, podem ser fatores de identificação de pessoas pertencentes à elite, mas, por não possuir coroas, talvez um grupo de menor importância dentro deste escopo social. O S, símbolo do senado, aparece na parte inferior da amoedação, entre as pernas do homem, sem ser trespassado pelo cravo, que demonstra o aumento do número de senadores pelo imperador, denotando igualdade de decisões entre os poderes (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015).

Reverso: No reverso dessa amoedação há o número romano XII, emoldurado por uma coroa de louros, que alude a simbologia natural de vitória.

O sexo frontal, com a mulher representada com as pernas para cima, é encontrado com regularidade na cultura material romana, em lamparinas, pinturas parietais, seja com uma ou duas pernas para o alto. Tal qual na cultura material, na literatura antiga, na grega com Aristóteles em *Lisístrata*, na romana com Ovídio, essas posições sexuais eram abordadas (CAVICCHIOLI, 2009, p. 78-79).

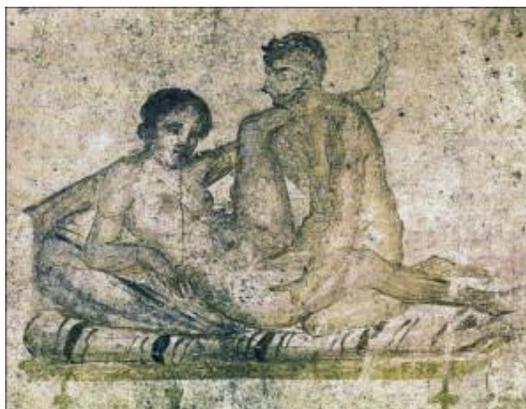


Imagem15: Pintura Parietal, Cada dos Vetti:
Fonte: CAVICCHIOLI, 2009.

A pintura parietal acima foi encontrada em Pompeia e é datada de 62-79 d. C, principado romano, contemporânea às nossas moedas. Há uma similaridade no padrão iconográfico entre ambas culturas materiais. A casa era de propriedade da família dos *Vetti*, como está demonstrada em uma inscrição no recinto, e pertenceu a uma família de libertos em ascensão na cidade (CAVICCHIOLI, 2009, p. 39).

Esta pintura evidência que a apreciação de práticas sexuais não era relacionada exclusivamente aos prostíbulos, mas pertenciam ao gosto popular, sendo encontradas também em casas de elite, e em múltiplas materialidades. Fazia parte do entorno social, influenciada pela cultura romana.

Esta moeda parece-nos retratar um momento de intimidade, descontração, onde ambos desfrutam do prazer. Não há sinais de sátira, presença de falos, sendo a leitura imagética desta moeda ligada ao deleite, a apreciação do amor, do ato sexual.

Moeda 2:



Imagem 16: Spintria.
Fonte: CARLAN; FUNARI; MARQUETTI, 2015.

No anverso, a cena retrata sexo por trás, de forma forçada. A figura da esquerda possui um esquema iconográfico semelhante ao corpo masculino (não curvilíneo), que assume uma postura de ativo/dominador, enquanto a mulher é passiva/dominada, sendo controlada por uma coleira. Este comando demonstra uma relação tensa, de falta de cumplicidade, que é atestada pela falta de troca de olhares. Mesmo que nos pareça impossível um olhar entre os pares em posição à tergo, sem uma dose de contorcionismo, veremos mais adiante uma *spintriae* apresentando a mesma posição com troca de olhares. Os seios da mulher estão evidentes, além desta apresentar ancas largas, que é comumente associada à fertilidade. Não é possível determinar se se trata de sexo anal ou vaginal, sendo quase imperceptível o falo do homem, não contribuindo para a sua elucidação. Ambos personagens apresentam-se usando coroas.

No reverso dessa amoedação há o número romano VI, emoldurado por uma coroa de louros, que remete a um símbolo natural de vitória (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015).

Na parte inferior da moeda é possível perceber dois símbolos distintos: um jarro, um S trespassado por um cravo. O jarro remete ao útero, à fertilidade, o S é o símbolo do senado que neste período era controlado por Augusto- por isso o cravo trespassado no S (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015). O S atravessado com o cravo representa a autoridade do Império Romano. Símbolos políticos, geralmente, definem a legitimidade da moeda e a sua valorização. Ao lado desses símbolos há pequenos falos, que na sociedade romana era associada à sorte, espantando o mau agouro, simbolizando, também, a fertilidade. Estão dispostos um subjacente ao outro como alicerces do leito.

À esquerda, na parte inferior da moeda, segundo Marquetti, Carlan e Funari, há a representação de um terceiro símbolo, a de um falo estilizado:

[..] semelhante a um homem sentado, a cabeça seria a glândula – o falo como símile do chifre e, portanto, da espada já comentado anteriormente, conotaria aqui o poder bélico do homem. No caso desta *Spintrae*, o homem-falo indica o poder de Augusto sobre o Senado (*Senatus*) - S trespassado por um cravo. O senado encontra-se controlado (cravado, imobilizado) por Augusto neste período, embora ainda mantenha uma relativa posição de respeito e realza (2015, p. 133).

No artigo são demonstrados pelos autores duas situações: há moedas com o S cunhado sem o cravo, revelando que Augusto aumentou o número de senadores e, conseqüentemente, há uma equiparação entre os poderes; o S cunhado com um cravo atravessado denota o controle e poder de Augusto sobre o Senado, que é o caso dessa moeda. Qual a razão de cunhar um outro símbolo,

como este falo estilizado, para reforçar o poder e controle do imperador, sendo que ao cravo era atribuído este sentido? Imagetivamente esta moeda é rica em símbolos fertilizadores: jarro/útero, ancas largas, falos, não poderia, esta imagem, ser a ilustração de um feto?



Figura 17: Ampliação da spintria figura 16.
Fonte: CARLAN; FUNARI; MARQUETTI, 2015.

Este ato sexual, seja anal ou vaginal, é abundante na cultura imagética romana. Entretanto ambos os personagens apresentam coroas, e o contexto do leito aparece ornamentado com cortinas, podendo ser outro indício de pessoas pertencentes à elite. O fato de haver uma equiparação dos tamanhos dos personagens podem ser um fator de confirmação de personagens do mesmo estrato social.

Percebam as semelhanças da moeda número dois, da figura 16, com as demais culturas materiais mencionadas no parágrafo acima:



Imagem 18: Afresco de Pompeia.
Fonte: DUGGAN, 2017.



Imagem 19: Lamparina com cena “erótica”.
Fonte: DUGGAN, 2017, p. 112.

Nesta spintria podemos notar que a mulher é representada com ancas largas, que é significante de fertilidade, assim como o jarro cunhado abaixo; tomemos o falo estilizado como feto. Por se tratar de um sexo anal, estéril, com ausência de cumplicidade pela falta de olhares -por isso a necessidade do uso da força (coleira) e, talvez, retratando a relação entre pessoas não casadas -mas férteis, reforçaria o caráter satírico e absurdo da moeda.

A mulher é representada igualmente à figura masculina, e mesmo que a imagem representada seja de submissão, os elementos imagéticos relacionados a religiosidade e cultura romanas fazem-nos pensar em uma situação diferente. O forte caráter religioso, com falos e ancas largas significando fertilidade, o satírico com a apresentação de sexo por trás, estéril, com não conjugues da elite representados, podem ser os responsáveis pela configuração curiosa desta moeda: a resignação feminina talvez não seja o retrato da sociedade patriarcal (controle masculino sobre o feminino), embora ela exista em algumas circunstâncias, mas sim produto do cenário jocoso e religioso em que, talvez, ela tenha sido pensada/produzida.

Interessante pensar que, nesta perspectiva da representação de duas pessoas não casadas, esta moeda pode nos fornecer indícios das relações de gêneros no principado romano. Há uma dominação do homem sobre a mulher, seja pela utilização da coleira ou da posição sexual em si. Num ambiente patriarcal, o homem detinha certo domínio da política e serviços públicos, das relações familiares (até certo ponto); nas relações amorosas, as mulheres, tal qual os homens,

divorciavam-se, ou mantinham relações extraconjugais- embora estas fossem reprovadas em tal sociedade. Filhos frutos dessas relações eram ilegítimos. Qual a melhor contracepção naquela época, senão o sexo anal?

Mas, hipoteticamente, qual o sentido de cunhar uma moeda que implique em situações de adultério, que segundo Veyne (1998), teve suas concepções morais acirradas durante o reinado de Augusto, tornando-se grave tanto para homens, quanto para mulheres? Talvez, pela condenação moral (que mesmo assim, não impede a sua prática), o sexo se defina como sendo anal para reforçar o sentido de deleite, desviando-se do carácter moral/social para entrar no âmbito da diversão.

Apesar de condenável, essas situações sociais e sexuais eram bastantes abordadas nos epigramas⁷, que tiveram grande expressão com Ovídio, e depois Marcial⁸, Juvenal, são também contemporâneos a *pax romana*. Sobre o gênero literário conhecido como epigramas ou invectiva e a popularização do impudico, Paul Veyne nos diz que

O insulto obsceno, que despencava em cataratas, era também um gênero de polêmica literária: Catulo ou Marcial derramavam insultos obscenos às carradas sobre os poetas rivais. Esse emprego da obscenidade era comum entre os senadores, os intelectuais e o povo (2008, p. 112).

Podemos observar a predileção dos romanos para representar o obsceno tanto pela escrita, como é próprio dos epigramas, quanto pelo imagético, pelo viés da cunhagem de moedas com práticas sexuais, por exemplo. O sexo e sua representação faziam parte do cotidiano, da cultura e dos gostos romanos. Não seria possível as *spintriae* serem moedas para deleite e diversão para a majoritária população analfabeta, bem como os epigramas eram para a elite letrada?

Uma outra possibilidade analítica desta imagem cunhada é a representação de sexo vaginal, apesar da posição não nos sugerir isto. Nesta perspectiva, os demais elementos referentes a fertilidade assumiriam um sentido potencialmente gerador (a representação do feto?), tendo características míticas, regeneradora, de prosperidade, bons agouros, do que propriamente satírica.

⁷ Os romanos viam a humanidade abaixo da média e não é o vício que os espanta, mas a virtude. O que teria grande interesse para uma sociologia de um gênero literário bem romano, a sátira (VEYNE, 2008, p.110).

⁸ Por que não te beijo, Filênis? És careca. Por que não te beijo, Filênis? És vermelha. Por que não te beijo, Filênis? És caolha. Quem beija estas coisas, Filênis, chupa (AGNOLON, 2007, p.119). Possivelmente neste epigrama de Marcial, o autor relata que Filênis é tão desprovida de beleza, que somente alguém que praticasse a felação poderia querer beijá-la.

Intercursos sexuais à parte, a cunhagem dessas figuras portando coroas também nos fizeram redimensionar nosso olhar para as funcionalidades da *spintria* e começar a questionar algumas hipóteses. Se eram fichas de bordel, porque a existência desse objeto na cunhagem? Ao representar territórios conquistados e império romano, por que em algumas moedas há a existência de coroas e outras não? Juntamente com a moeda que lemos como a representação de sexo entre dois homens, nos fez conjecturar sobre a viabilidade de variadas feminilidades e masculinidades representadas nas *spintriae* e suas relações.

Se naquela moeda⁹ podemos ter a representação de diferentes masculinidades na Roma Antiga, com relações entre um homem livre e seu escravo ou com um prostituto, nesta temos a representação de dois personagens da elite, quem sabe divorciados, numa situação de adultério, ou podendo ser conjugues numa leitura estritamente patriarcal- que também fazia parte da configuração familiar romana. De qualquer maneira nos fornecem indícios do que poderiam ter sido as relações de gêneros naquela temporalidade. O sexo, parte fundamental e gênese da humanidade, e seu caráter ritualístico (próprio das sociedades antigas, além de Roma), permeia todos os estratos sociais, exerce funções e sentidos múltiplos, sendo a diversão ou mitificação, algumas delas.

Moeda 3:



Imagem 20: Spintria.
Fonte: MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015.

No anverso da moeda, a mulher é representada com os cabelos bem penteados e presos, sendo um padrão iconográfico romano utilizado quando os personagens estão presentes em

⁹ Figura 4, página 41.

intercurso sexual, além de que, para os romanos, cabelos soltos não parecem ser um elemento de erotismo, como para outras sociedades. Ela apresenta-se completamente nua e, quando a mulher era gravada dessa forma, ou possuindo apenas faixas em seus seios, significa que a mesma está inserida em um contexto de relações de gêneros, em momentos de cópulas. Seus seios, assim como seu quadril, estão visíveis e demarcados, remetendo à fertilidade, critério iconográfico relacionada ao misticismo e religiosidade, tanto na cultura romana quanto em outras da antiguidade.

A figura feminina encontra-se por cima do homem, mas não pode ser compreendida como ativa no papel sexual, pois está apenas proporcionando prazer ao outro personagem da cena através da masturbação. O homem está reclinado, com o braço esquerdo apoiado no leito, enquanto o outro está suspenso encostando-o em sua cabeça, numa posição de controle, distensão/relaxamento. A mulher está sentada sobre as pernas do homem, em postura ereta, distante da figura masculina, com ausência de troca de olhares/intimidade: as linguagens corporais indicam uma tensão e ausência de prazer da parte feminina, não há gestos que dê resquícios de cumplicidade/afeto entre os pares.



Imagem 21: Pintura Parietal, Cada dos Centenário.
Fonte: CAVICCHIOLI, 2009, p. 134.

Esta pintura se assemelha a iconografia da moeda, com a mulher por cima, homem deitado, com o posicionamento de seus braços iguais aos da *spintria*. Porém, não é possível distinguir que tipo de intercurso sexual os pares estão realizando, se vaginal ou masturbação. Outro ponto importante é que na moeda, analiticamente a mulher desempenha um papel passivo no ato, embora esteja por cima do homem; seus indícios corporais, como o corpo ereto, indicam tensão, sugere falta de cumplicidade, diferentemente da imagem de Pompeia. Na pintura a mulher está reclinada

sobre o homem, mesmo que não haja o contato visual, há uma aproximação íntima e, além disso, a posição pode corresponder ao sexo vaginal com a mulher por cima, compartilhando prazer, em situação de domínio, tornando-se personagem ativa durante o sexo.

A pintura parietal está exposta na casa do centenário, que leva esse nome em homenagem ao décimo oitavo centenário da erupção, sendo escavada em 1879. Incrições eleitorais nas entradas principal e secundária da construção indicam que o proprietário chamava-se A. Rústio Vero. Esta era uma das maiores casas de Pompeia, com um complexo dividido entre os aposentos do proprietário, casa de banhos, dormitório dos escravos.

Próximo ao espaço do proprietário havia pinturas de várias deidades como Hércules e Hesíone, em um pátio aberto encontra-se representados Teseu, Minotauro, Hermafrodito, em dois quartos interconectados a este ambiente comum havia pequenos painéis eróticos, e no dormitório dos escravos pinturas de Baco. Sexualidade e divindades, como elementos culturais, estavam disponibilizados por quase toda o complexo, sem distinções sociais, tampouco era um ambiente de prostituição.

Na ambientação da moeda não há cortinas ou outros ornamentos que indiquem pessoas pertencentes as “classes” sociais mais altas. Não é possível perceber se há uma diferença dos tamanhos entre as figuras humanas cunhadas, podendo significar uma diferença social entre as partes. Porém, possivelmente, pelos sinais gestuais dos personagens, trata-se de uma relação entre senhor/serva, ou algum homem livre e uma prostituta.

Se a hipótese de retratação social nas cunhagens com o objetivo de unidade de uma ampla e variada gama populacional, escravas e prostitutas também estão inseridas neste contexto. Ademais, a prática sexual da masturbação era bastante retratada pelos epigramatas Ovídio, Marcial, Juvenal, onde tal ato era narrada nas mais diversas situações e estratos sociais, fazia parte do cotidiano romano, mesmo que as vezes rejeitadas (AGNOLON, 2007).

As práticas sexuais, o desejo, as características físicas femininas de ancas largas ou seios marcados faziam referência ao divido e à fertilidade, a valores apotropaicos. O sexo harmonizava-se com as divindades, aos atos mundanos, sendo comum às diversidades populacionais romanas, sendo de fácil assimilação cultural e de identificação com o Império.

Nesta moeda há ausência de um símbolo específico que designe a autoridade da produção monetária. Podemos interpretar isso de duas maneiras: ou por um tempo houve a ausência simbólica da produção, por algum motivo ainda não estudado ou compreendido, restando somente

a coroa de louro emoldurando e o número romano no reverso como insígnia de autoria, ou a imagem corresponde a uma moeda falsificada.

No reverso da moeda há gravado o número romano X, sendo este emoldurado por pequenos pontos e pela insígnia da vitória- a coroa de louros.

Moeda 4:



Imagem 22: Spintria.

Fonte: CARLAN; FUNARI; MARQUETTI, 2015.

Na moeda 4, em seu anverso, há a representação de um homem e uma mulher, num ato se sexo à tergo. A mulher é apresentada em primeiro plano, de costas, e tem o quadril bem demarcado, aspecto muito representado nas culturas antigas, denotando fertilidade desde a pré-história. Na romana, mesmo mulheres esguias e divindades são representadas com esta característica (CAVICCHIOLI, 2009, p. 96).

O homem está sobre o corpo da mulher, com sua mão direita encostada no leito ou poderia estar tocando o seio da parceira. Acharmos essa última possibilidade pouco provável, pois era mais comum o toque nos seios quando havia pares divinos representados; não há indícios de deidades representadas nessas moedas; e também, pelo posicionamento do corpo feminino e das mamas, o contato parece-nos ser dubitável.



Imagem 23: Marte toca os seus de Vênus, sentada num trono, enquanto um cupido os observa.

Fonte: CAVICCHIOLI, 2009, p. 239.

Sobre o tamanho dos personagens cunhados, há uma equiparação, significando parte do mesmo grupo social. Além disso, há troca de olhares entre os pares, podendo suscitar comprometimento, afetividade, intimidade entre ambos. Neste caso, além da paridade social, poderiam ser, nessa moeda, a representação de conjugues. O elemento de submissão feminina encontrada em outras moedas nesta está ausente (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 137).

Sobre a perspectiva das análises de Maquetti, Carlan e Funari, esta moeda representaria a aliança das elites provinciais no período imperial:

Não por acaso, a união política era chamada de coetus (junção, reunião), enquanto a carnal era grafada coitus (coito, relação sexual), no fundo uma só palavra, com duas pronúncias. Neste sentido, os líderes locais “dormiam” com os romanos desde o início das relações de amizade (amicitia), aliança (societas) e contrato (foedus) (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 137).

Embora não concordamos com a leitura de que os homens simbolizavam o Império Romano, e as mulheres o território conquistado, a possibilidade analítica de elites provinciais é interessante para nosso trabalho em alguns aspectos: acreditamos que a poder imagético do sexo e sua universalidade, aos aspectos míticos que a sexualidade empregou em algumas sociedades antigas, seria uma ferramenta de unidade territorial, com finalidades políticas potente e abrangente.

Relembrando a hibridização cultural ocorridas principalmente nas elites locais, como já nos afirmou Kulikowsky (1998), esta imagem poderia muito bem representar essa camada populacional: as elites locais estrangeiras, que contribuíram para a gestão imperial, que estiveram mais propensas ao intercâmbio cultural, e por isso estivessem ali ilustradas. A identificação com os aspectos culturais romanos por essa parte da população imperial era considerável, e o sentimento de pertencimento ao que foi representado, também. A troca de olhares pode ser o indício do comprometimento, do relaxamento dos estrangeiros/elite provincial (o casal representado), para com o império romano (todas as insígnias de poder temporal existentes na moeda).

Esta leitura imagética é uma dentre várias do setor acadêmico. Mais do que a representação de um homem e uma mulher romanos, de mesmo grupo social, pela igualdade de alturas, é essencial nos atermos ao seguinte: a composição da imagem foge da ideia patriarcal, falocêntrica, em que o homem detém todo o poder, marcada pela submissão feminina. As figuras, masculina e feminina, entreolham-se, estão em pé de igualdade e, juntas, desfrutam dos prazeres. Há uma harmonia entre ambos, dificilmente imaginável em uma sociedade onde toda mulher fosse, em todos os sentidos, oprimida pelo homem.

Da mesma maneira temos que ter cuidado ao relacioná-las apenas a prostituição; as prostitutas e escravas também fizessem parte do escopo social romano, e em algumas moedas podem até terem sido representadas. A pluralidade do feminino em Roma, a representação de práticas sexuais encontradas nos mais variados contextos sociais romanos, e em outras culturas, e do critério mítico-religioso do sexo para as sociedades na antiguidade, demonstram-nos duas razões: o sexo não pode ser desassociado da religiosidade/cultura, da sociedade e política romana, tão pouco pode ser restringida apenas ao campo da prostituição, ao impudico e perversão.

São várias perspectivas distintas sobre uma posição sexual, mas assim como Marina Cavichioli (2009), relacioná-las apenas a prostituição não abrange toda a complexidade da sexualidade romana e suas implicações socioculturais. Este padrão iconográfico é encontrado em abundância na cultura material:

Difícil acreditar que tais práticas eram necessariamente de prostitutas ou escravas. Fato é que a dita posição, ao menos do ponto de vista iconográfico, era consumida também pelas elites, uma vez que a quantidade de pinturas em casas de elite e objetos de luxo, como taças de prata, espelhos e joias- utilizadas por mulheres- com tais iconografias abundantes (CAVICHIOILLI, 2009, p. 84).

O cenário em volta dos personagens não possui ornamentos como cortinas, não referindo a uma hierarquia alta, como nos personagens coroados da moeda 2; mas não detêm um cenário simples e sem troca de gestos entre os personagens, não podendo significar relação entre senhor e escrava, ou entre homem prostituta. Essa moeda pode ser intermediária nas relações sociais: não seriam cidadão romanos nativos, mas faziam parte da elite social provincial que colaboravam com o Império.

Abaixo do casal, os pés do leito são feitos de pequenos falos, que tem sentidos de espantar maus agouros, de prosperidade, riqueza. No plano abaixo, ao lado direito, é possível ver um pequeno S grafado, sem o cravo, que remete ao senado. No período da cunhagem dessa moeda, “Augusto aumentou o número de senadores para ter a maioria, por isso, a igualdade de poderes e decisões” (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 139).

O reverso da moeda segue o padrão do número romano sendo emoldurado pela insígnia da vitória- a coroa de louros.

Importante enfatizar que a figura feminina aparece distensa, relaxada, possui o mesmo tamanho que a masculina, onde ambos trocam olhares, intimidade e afeto (possível representação de um casal). A mulher tem mais autonomia, não parece em posição de submissão, mas sim em de partilhar o momento e prazer com a figura masculina.

Há harmonia entre os personagens, e apesar das intenções políticas nas suas fabricações, o teor mítico-religioso, como Cavichioli, acreditamos que estas imagens podem se ater, também, ao deleite e prazer estético das imagens (2009, p. 82).

Moeda 5:



Imagem 24: Spintria.

Fonte: CARLAN; FUNARI; MARQUETTI, 2015.

No anverso a mulher é representada diferentemente das outras moedas: está deitada no leito e entregue as carícias do homem. Sua perna esquerda está levantada, e seu braço esquerdo erguido, apoiando sua cabeça. Trata-se de sexo frontal, com o homem reclinado sobre ela, em posição dominadora, propiciando prazer a mulher, que está distensa, relaxada. Ambos não possuem nenhuma coroa em suas cabeças.

Não é possível perceber se ela está com os cabelos presos ou soltos, mas devido aos padrões iconográficos romanos, durante o intercuro sexual, as figuras femininas são representadas com os cabelos arrumados e atados. Ela está ilustrada nua, com os seios marcados e ancas largas, denotando fertilidade.

Outro aspecto ligado ao misticismo romano é a representação dos falos nas moedas, que estão presentes como os alicerces do leito utilizado pelos personagens. Ornamentos como cortinas podem simbolizar personagens da elite, e os tamanhos equiparados das figuras, manifestando, talvez, pertencimento ao mesmo grupo social.

Assim como a moeda número três, nesta moeda há ausência de um símbolo específico referindo-se à autoridade da produção monetária. Podendo possuir um significado que ainda desconhecemos, ou a moeda ser um artefato falsificado, muito comum na sua temporalidade histórica.

No reverso da moeda segue o padrão de número romano II cunhado, emoldurado pela insígnia da vitória- a coroa de louros.



Imagem 25: AE Tessera, Augustus.
Fonte: DUGGAN, 2017.

Os reversos das moedas analisadas seguem um padrão, de um número romano sendo emoldurado pela insígnia da vitória- a coroa de louros. Entretanto, o design da moeda acima, de

Augusto, apresentada no capítulo II, nos fez refletir o seguinte: o louro ao redor da moeda, tanto no anverso quanto no reverso, é notado nessa moeda imperial, assim como em todas as *spintriae* cunhadas. Se elas são tidas pela maioria de pesquisadores como fichas de prostíbulo, por que tais elementos comuns em moedas imperiais estariam impressos nelas?

Ainda sobre outras leituras, Roma cunhou estas moedas com a representação do louro, significante de vitória e poder. Acreditamos que estas cunhagens não designam a vitória de Roma sobre outrem específico, mas o poder de Roma sobre o Império todo.

6 NUMMI, O JOGO VIRTUAL: ENSINO DE HISTÓRIA, DISCUSSÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM SALA DE AULA

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa historiográfica que tem por objetivo refletir como as mulheres eram representadas em culturas materiais romanas. Utilizamos a Arqueologia de Gênero de Sexualidade como instrumentos analíticos das culturas materiais, e da Arqueologia Pública para desenvolver uma ferramenta pedagógica, a fim de democratizar o conhecimento e apresentar, em partes, os resultados desta pesquisa.

Nossa preocupação é gerar oportunidades educacionais que privilegie o senso crítico e a reflexão, e não a mera reprodução da informação, ainda tão presentes nas aulas de História no ensino básico. Para isso recorreremos à relação dialógica e construtivista, de Paulo Freire e de Vygotsky, respectivamente, pois acreditamos no ensino colaborativo entre os alunos e o professor, contribuindo com a difusão de ideias, dinamização da reflexão e desenvolvimento cognitivo. O professor será mediador e personagem participante- juntamente com os alunos- da construção do conhecimento.

Para este efeito, utilizaremos as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) direcionados aos alunos do ensino regular. A criação de um objeto de aprendizagem é uma das peculiaridades do programa de Pós-Graduação em História Ibérica. Entretanto, como associar questões de gênero e sexualidade ao ensino de História? É possível recorrer à cultura material para ensinar tanto História, quanto promover reflexões sobre gênero e sexualidade? Quais as contribuições das TICs para o ensino de História e reflexões de gênero?

No Brasil existem diretrizes já citadas no primeiro capítulo desta dissertação que apontam a necessidade de discussões sobre gênero e sexualidade em sala de aula, mas isso tem estado aquém da realidade educacional brasileira. Desenvolvemos um jogo virtual que visa contemplar essas problemáticas que transitam na esfera educacional atual, trabalhando com uma temática de importância histórica e sociocultural, além de proporcionar uma atualização de metodologias pedagógicas.

O jogo virtual foi elaborado em parceria com a empresa Singularity Games, em que eu fiquei responsável pelo roteiro e atividades, e a empresa pela parte técnica do objeto de aprendizagem. Visamos contemplar essas problemáticas que transitam na esfera educacional atual,

trabalhando com uma temática de importância histórica e sociocultural, além de proporcionar uma atualização de metodologias pedagógicas com ênfase na interatividade.

6.1 O porquê dos jogos (de entretenimento).

Vivemos em uma sociedade globalizada: os espaços foram reduzidos ao movimento de um dedo; a dinamização das relações sociais, a ação de um clique. Estamos/somos hiperconectados: o fluxo de informações e de pessoas têm se intensificado a cada dia mais. A utilização de tecnologias como ferramentas de ensino deve ser estimulada devido a sua praticidade e a sua indissociabilidade do indivíduo contemporâneo.

A tecnologia está presente desde a confecção de roupas à confecção de órgãos humanos; do desenvolvimento de eletrônicos de última geração, à elaboração de aplicativos que facilitam o dia a dia das pessoas, em quase todos os sentidos; ordene comidas, transportes e também pessoas. Funções múltiplas e variadas, de ordem prático social à relacional pessoal. Poderíamos discorrer sobre as acepções morais de alguns aspectos humanos que a tecnologia insiste em imiscuir-se, mas este não é o propósito de nosso trabalho. Entretanto, se a tecnologia se debruça sobre a humanidade, por que tentar mantê-la longe do ambiente escolar?

Um dos papéis da escola é contribuir para a formação de um cidadão crítico e prepará-lo para sua inserção na sociedade, no mercado de trabalho- indiscutivelmente capitalista e tecnológico. A capacitação, na atualidade, versa sobre a preparação das pessoas à contemporaneidade e suas incongruências: seu caráter competitivo impele à humanidade necessidades adaptativas, seja como meio de permanência ou sobrevivência, em uma sociedade cada vez mais dinâmica. A tecnologia é parte integrante desse sistema.

Uma vez que a tecnologia está no epicentro das relações contemporâneas, como nas áreas de desenvolvimento humano (pessoal, profissional), no âmbito educacional ela também é necessária e fecunda. A geração Z e Alpha, essas que nasceram na década de 90 até 2010, e que nasceram a partir e 2010, respectivamente, tem uma relação diferente e intensa com a tecnologia – confuso (JORDÃO, 2016). Não conheceram um mundo onde a internet era inexistente.

Ou seja, vivemos em uma sociedade capitalista e tecnológica, com gerações que tem afinidade e domínio desta ferramenta.. O mercado de trabalho cobra dos indivíduos um maior preparo para as demandas modernas: a tecnologia e todo o seu aspecto de produção e inovação são levados em consideração. A escola tem ficado aquém da realidade dos estudantes, da contemporaneidade, onde há influência tecnológica nos âmbitos pessoal, social e profissional.

Há uma preocupação com a forma como o ensino educacional é exercido em nossas escolas. Há uma permanência de práticas conteudistas que não privilegia o senso crítico dos alunos, no qual absorver o conteúdo é mais importante que o questionamento e entendimento do mesmo. E as tecnologias continuam a margem do sistema educacional, sendo timidamente inseridas no contexto escolar.

A educação bancária, como diria Paulo Freire em *A pedagogia do Oprimido*, é um modelo educacional atravessado por ideologias de mercado que sucateiam cada vez mais os espaços educacionais, arquetipo este que pode ser percebido especialmente no ensino de História. A disciplina é uma das que mais se limitam ao ensino bancário, onde a falta de criticidade metodológica colabora para um entendimento social, humano e de cidadania imprecisos. Por isso devemos, como profissionais de educação e historiadores, priorizar formas de ensino que subvertam essa metodologia ultrapassada e que incentivem a emancipação dos indivíduos.

A respeito de novas metodologias:

Se pensarmos o jogo digital como uma ferramenta que possibilita, também, o ensino em história, estaremos estabelecendo um trabalho ligado ao ponto de vista do aluno, às estratégias pedagógicas e ao conhecimento. Ao ponto de vista do aluno por ser algo que está próximo de seu cotidiano; às estratégias pedagógicas por perceber as possibilidades que as novas tecnologias nos permitem explorar; e ao conhecimento por permitir o contato com pesquisas recentes dentro da Academia (MENARI, 2017, p. 80).

Essa problemática fez com que as TIC's ganhassem espaço nas profissionalizações da área da educação, como acontece com o nosso programa de mestrado. Paralelamente a estes estudos, enquanto trabalhava na escola pública, ao ministrar uma aula sobre Grécia antiga para os 6º anos, percebi o quanto os alunos sabiam e se interessavam sobre o conteúdo estudado. Ao questioná-los sobre os seus conhecimentos prévios sobre Grécia Antiga, tive uma surpresa como resposta: os

domínios sobre mitologia Grega foram adquiridos através do jogo God Of War¹⁰. A partir de então comecei a pensar como poderia utilizar o jogo citado como modelo para desenvolver o meu próprio objeto de aprendizagem.

Estudos tem demonstrado que a tipologia de games de entretenimento¹¹ colaboram para uma melhor compreensão e fixação do conteúdo por parte dos estudantes, quando comparado com jogos onde a finalidade é pedagógica. Isto acontece pelo fato de que os jogos pedagógicos¹² não são divertidos, logo acabam não sendo tão atrativos para os estudantes. Uma outra explicação seria também pela diferença de investimentos entre jogos com finalidade pedagógicas e de entretenimento: possuem investimentos diferentes, que influenciam no acabamento e nas aparências dos jogos, por isso a predileção dos alunos pelos de entretenimento (COSTA, 2008, p. 11). Optamos então por trabalhar com um jogo de entretenimento conhecido como RPG.

RPG (Role-Playing Game) é um jogo de representação de papéis, onde todos os participantes, exceto um – denominado Mestre – escolhem, formam e representam um personagem, dentro de um mundo imaginário (ou não), seguindo algumas regras. Esses jogadores não jogam uns “contra” os outros, e sim, uns “com” os outros. Nesse jogo, o importante não é vencer, e nem sequer competir, mas sim, a diversão, ou seja, o aspecto lúdico do jogo (COSTA, 2008, p. 70).

O RPG trata-se de um jogo essencialmente colaborativo: em nosso objeto, enquanto o mestre virtual ditará as regras, um aluno manuseará os personagens, entretanto, para resolver os desafios será necessário a ajuda do grupo para a sua resolução e prosseguimento no jogo. Além disso, o RPG Maker é uma interface que fornece artifícios audio-visuais podendo proporcionar o desenvolvimento de um objeto de aprendizagem inclusivo.

Optamos pelo programa RPG Maker para desenvolvermos o nosso jogo, onde o objetivo é fazer os personagens escaparem do museu. Para passar de cada etapa/sala do jogo/museu, o jogador/estudante deverá resolver atividades que remetam ao tema da pesquisa. Embora estas sejam disponibilizadas ao decorrer do jogo, esta não será a sua finalidade. O seu principal objetivo é o entretenimento, é, através dos desafios propostos, colocar os personagens para fora do museu.

¹⁰ A narrativa se concentra em torno de três grandes eventos da vida pessoal de Kratos, o protagonista da história. O primeiro é a trajetória do herói antes de se consolidar como o novo Deus da Guerra. O Segundo momento é a ascensão de Kratos ao posto de novo Deus da Guerra. E, por fim, o conflito entre o guerreiro e os deuses olímpicos(MORAIS, H. A, 2017, p. 38).

¹¹ Nesta pesquisa, está se chamando de jogo de entretenimento, todo jogo que, em geral, é utilizado prioritariamente como meio de diversão e entretenimento (COSTA, 2008, p. 9).

¹² Jogos elaborados para fins pedagógicos (COSTA, 2008, p. 9).

6.2 A metodologia empregada

Em um primeiro momento, almejamos proporcionar aos alunos um ensino que priorize a aprendizagem conceitual para que dê aos mesmos a capacidade de elaborar abstrações e aguçar seu senso crítico. Para isso recorreremos ao trabalho de Circe Bittencourt sobre o ensino de História através de conceitos, pois acreditamos que

[...] o conhecimento histórico escolar, comparado ao historiográfico, produz por intermédio da aquisição de conceitos, informações e - acrescenta o autor francês Henri Moniot - valores, especialmente os cívicos, que se relacionam à formação da cidadania. A especificidade dos conceitos históricos a ser apreendidos no processo de escolarização tem conotações próprias de informação intelectual e valorativa, e a precisão conceitual torna-se fundamental para evitar deformações ideológicas (BITTENCOURT, 2004, p. 195).

A formação dos conceitos e o desenvolvimento cognitivo foi discutida por vários estudiosos, dentre eles, destacam-se Piaget e Vigotsky. Aquele acreditava que a formação dos conceitos era devido à evolução fisiológica dos indivíduos, que dependendo do seu amadurecimento, estaria apto para absorver informações, elaborar conceitos. Embora Piaget considere os conhecimentos externos, é fundamental para o desenvolvimento cognitivo do aluno os fatores internos e biológicos (SILVA, 2014, p. 56).

Vigotsky, ao contrário de Piaget, acredita que os fatores externos incidem mais no desenvolvimento cognitivo do indivíduo que o fator interno. Para Vigotsky é importante a interação entre esses fatores: através do amadurecimento fisiológico do indivíduo, somado aos conceitos elaborados durante sua vida e suas relações sociais, tornam-se essenciais para o desenvolvimento cognitivo do mesmo (SILVA, 2013, p. 56).

Acreditamos que o senso comum do indivíduo e/ou o conhecimento adquirido durante suas relações sociais são importantes para se trabalhar os conceitos históricos, quando devidamente mediados pelo professor. Trabalhar os conceitos que o indivíduo traz consigo e transpô-los ao conhecimento histórico são fundamentais para a compreensão do conteúdo (SILVA, 2013, p. 57).

É importante lembrarmos, tal qual afirmava Pierre Bourdieu (1997), que cada aluno traz consigo uma bagagem de conhecimentos que são introjetados pelo seu meio social, denominada pelo autor como capital cultural. Os indivíduos trazem de suas relações interpessoais tanto os seus

conhecimentos, quanto seus preconceitos, e o espaço escolar é onde os conhecimentos são desenvolvidos e também o local onde seus preconceitos podem ser desestruturados (SILVA, 2013). Por isso é interessante conversarmos com os alunos para saber o que eles pensam sobre conceitos de gêneros, poder e cultura antes da realização do jogo virtual, pois, no final do jogo, haverá um aprofundamento dos conceitos com a intermediação do professor para a realização do último exercício.

Um dos nossos objetivos é fazer uma aula que fuja da metodologia tradicional conteudista, e que proporcione um melhor entendimento histórico pelos alunos, bem como refletir em ações coletivas frente a um problema. Acreditamos que a

[...] leitura, interpretação e criação de textos; expressão oral; resolução de situações-problemas; trabalho em grupo (cooperação), socialização etc. são práticas fundamentais para a educação de qualquer ser humano, e por isso são considerados objetos de conhecimento nas escolas em algum momento. Todavia, sabe-se que a escola enfrenta dificuldades em fazer com que seus alunos realizem e aprendam de fato essas atividades fundamentais. É aí que entra o RPG (COSTA, 2008, p. 72).

Por nosso jogo tratar-se de um RPG, logo colaborativo, dividiremos a sala em grupos para a realização do jogo, que terá a duração aproximada de 30 minutos. Durante a execução do jogo, há várias habilidades que serão trabalhadas, como leituras e interpretações tanto textuais quanto imagéticas, conhecimentos da noção e importância da contextualização para o entendimento de um determinado tema histórico, além do desenvolvimento das relações interpessoais e colaborativas para a execução das atividades.

Como método avaliativo priorizaremos qualitativamente a produção dos alunos, tanto em seu desempenho coletivo, quanto individual. Nos preocupamos com uma avaliação que faça o aluno expressar-se a respeito da temática abordada com a sua própria linguagem, pois como os mesmos analisarão também o seu próprio contexto social, talvez desta forma os mesmos se sintam mais à vontade para colocarem o seu ponto de vista, através da fala.

Celso Ferrarezi Jr (2014) nos explica que os alunos se expressam através da linguagem oral e escrita, e estas são frutos de um processo que se constrói na cultura, por isso pensamos em uma avaliação que integre elementos tanto da cultura de privilégio quanto da cultura popular. A primeira podemos entender como os conhecimentos tanto da História Clássica quanto da utilização do sistema de linguagem dominante, àquela que se exige a escrita de um português pautado nas

formalidades gramaticais. A segunda versa tanto sobre os conhecimentos prévios dos alunos, quanto a utilização da sua própria linguagem oral para a elaboração de suas respostas.

Por estas razões elencadas, a apreciação da produção dos alunos contemplarão as modalidades de avaliação diagnóstica, ao tentar compreender os conhecimentos prévios conceituais dos alunos; avaliação investigativa, na qual deverão pesquisar e comparar como eram as produções monetárias na antiguidade e as relações de gênero naquela época, dentre outros aspectos; e, por fim, uma avaliação aberta, dialogada, na qual os alunos poderão se expressar da maneira que quiserem, utilizando sua própria linguagem, pensando a sua própria realidade, a partir dos conceitos estudados e debatidos na última sala/atividade do museu.

Nós acreditamos que uma avaliação de tendência qualitativa apresenta melhor os resultados do ensino/aprendizagem. Por isso, após o jogo, a avaliação será aberta com debates em sala de aula sobre as atividades desenvolvidas. O professor poderá acompanhar/avaliar a aprendizagem dos alunos no seu comprometimento com o jogo, os sucessos alcançados na realização dos desafios e a participação nos debates em sala de aula.

6.3 A seleção dos conteúdos

O Conteúdo trabalhado no objeto de aprendizado permeará a pesquisa historiográfica, mas não a abrangendo sua totalidade, pelas características explícitas de práticas sexuais em suas cunhagens. Entendemos também que seria interessante expormos as técnicas empregadas nas produções dessas moedas, explicitando quais as autoridades por detrás de suas produções e suas intenções, para que eles tenham um contato mais aprofundado com o mundo numismático.

Posteriormente chegaremos às produções das *spintriae*, para enfim abordarmos a temática de nossa pesquisa -gênero e sexualidade na antiguidade romana, findando o trabalho na realização de avaliações formativas/qualitativas, incentivando o trabalho investigativo de teor coletivo e individual.

Foram selecionados cinco tipos de amoedações, nas quais todas serão dispostas e analisadas iconograficamente, bem como brevemente contextualizadas, divididas em quatro salas do museu numismático. Os conteúdos (contextualização e análise iconográficas) serão utilizados como

parâmetro pelos alunos para a resolução do desafio, para que estes possam passar de fase no jogo virtual. As moedas utilizadas nas 3 primeiras salas são de representações de imperadores e seres mitológicos, e a última, abordará o tema da pesquisa.

A decisão de inserir apenas partes da pesquisa no OA deve-se aos seguintes fatores: 1) Devido a extensão da pesquisa e seu tema delicado, tivemos que fazer um recorte, para que este se adequasse à brevidade do jogo e à faixa etária dos alunos; 2) para que os alunos tenham a compreensão das relações de gênero e sexualidade na antiguidade romana, principalmente apresentadas nas cunhagens das *spintriae*, é indispensável o conhecimento mítico-religioso do contexto histórico; 3) Por essas razões, e pelas *spintriae* possuírem imagens de práticas sexuais explícitas, optamos por abordar uma amoedação imageticamente ponderada, e outras que abordem aspectos míticos-religiosos de maneira mais direta.

O ensino de História Antiga foi por um tempo distanciado das políticas de ensino, no estado de Minas Gerais, dando privilégio a História Regional/Nacional. Atualmente, os conteúdos devem ser abordados, mesmo que minimamente, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio. Pela temática de nossa pesquisa ser delicada, optamos em direcionar nosso objeto de aprendizagem aos alunos do ensino médio, pela maturidade dos indivíduos, que nos permitirá abordar o tema com mais tranquilidade e profundidade.

6.4 O Jogo Nummi

Pelo jogo transcorrer em um museu de numismática, nomeamos o jogo como Nummi. A narrativa transcorre dentro da instituição museal numismata, onde duas irmãs são deixadas no escritório da mãe, enquanto ela faz uma palestra em no auditório local. Esta esquece suas anotações, e suas filhas, ao perceber o ocorrido, tentam entregá-las a ela, mas alguém ativou as medidas de segurança do museu, deixando-as fechadas no escritório. Para conseguir escapar das travas de segurança e cumprir o objetivo, as jovens deverão resolver *puzzles* para liberar a passagem do escritório, transcorrer às salas do museu numismático, até escaparem.

Antes de adentrarmos ao jogo propriamente dito, haverá uma introdução, um diálogo entre as personagens envolvidas, apresentando-as aos alunos, bem como o ambiente virtual, seu enredo

e objetivo. O RPG Maker nos possibilita utilizar ferramentas audiovisuais, nas quais nos possibilitaram fazer um AO inclusivo, onde além há a visualização das personagens e dos diálogos, além dos textos existentes (que serão poucos, somente para nortear os alunos na execução dos exercícios). O tempo estimativo do jogo é de trinta minutos, com a utilização de cinco moedas, divididas em quatro salas: no caso, os alunos deverão resolver quatro atividades para finalizar o jogo. A contextualização e iconografia abaixo estão disponíveis para que os membros da banca de defesa da dissertação possam compreender as atividades propostas no jogo.

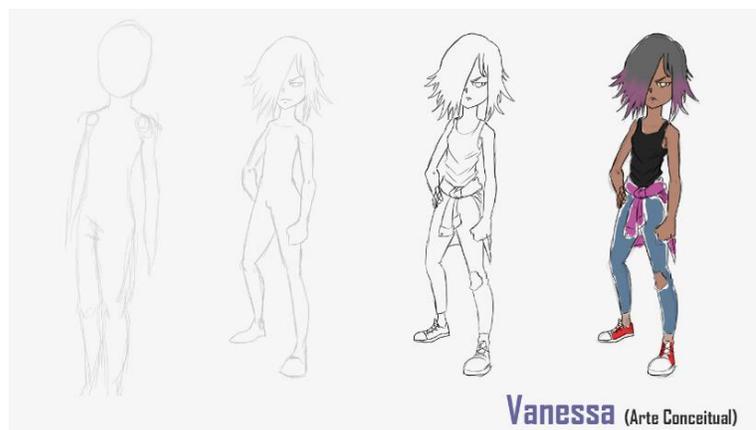
Artes conceituais:



Singularity Games, 2018.



Singularity Games, 2018.



Singularity Games, 2018.

Mapa do jogo:



Singularity Games, 2018.

Sala 01:

Moeda de prata, datada cerca de 46 a.C.
 Fonte: Oficina Pedagógica, 2007.

Contextualização: Em diversos idiomas europeus da atualidade, a palavra moeda vem do termo latino *moneta* (quem avisa, previne, aconselha). Na antiguidade romana relacionavam estas qualidades à deusa Juno (divindade protetora do casamento), que era esposa e irmã de Júpiter. Os romanos acreditavam que a deidade Juno Moneta os avisara, em diversas ocasiões, sobre o acontecimento de catástrofes da natureza, como terremotos, e de desastres militares (OFICINA PEDAGÓGICA, 2007, p. 7).

A palavra moeda derivou-se do qualitativo *moneta* de Juno. Esta relação existe por causa do mito de que Juno teria dito aos romanos a fazerem somente a “guerra justa”, garantindo desta forma que dinheiro nunca lhes faltasse (OFICINA PEDAGÓGICA, 2007, p. 8). A proteção divina associava-se à publicidade do lugar para garantir a segurança: Juno tornou-se a divindade protetora da cunhagem, o templo de Juno foi a primeira casa da moeda de Roma, no século III a.C.

Análise iconográfica: No anverso aparece a imagem do busto da deusa Juno, com a inscrição *Moneta* ao lado.

No reverso temos a cunhagem dos instrumentos utilizados para a produção das moedas na antiguidade: o objeto a esquerda trata-se de uma pinça em que era utilizada para pegar o disco monetário- pedaço de metal aquecido; o objeto centralizado é o molde fixo responsável pela cunhagem do reverso; na parte superior da imagem é o molde móvel, responsável pela cunhagem da imagem do anverso; na extremidade direita o martelo utilizado para bater o molde móvel no metal aquecido, que será prensado na molde fixo. Desta maneira eram produzidas as moedas na antiguidade (OFICINA PEDAGÓGICA, 2007, p. 13). Há a inscrição *T. CARISIUS*, que identifica

o responsável pela cunhagem, e a moeda é emoldurada por uma coroa de louros, que remete a um símbolo natural de vitória.

Desafio: Nesta sala os alunos terão uma referência do templo de Juno, aprenderão sobre a fabricação de moedas na antiguidade romana, e posteriormente construirão a sua própria moeda à maneira romana.

Sala 02:



Fonte: MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015.

Contextualização: Durante o período do apogeu do Império Romano, nas moedas, houve uma mudança na utilização do busto do Imperador pelas representações de práticas sexuais. Segundo os pesquisadores Carlan, Funari e Marquetti, indícios de que a relação entre governo/erotismo/práticas sexuais já esteve presente antes nas cunhagens monetárias, porém de maneira atenuada, com a presença divindades relacionadas à fertilidade, como Vênus, Baco, ou animais a eles consagrados. Entretanto, o uso das representações de atos sexuais ou de deidades relacionados a estas práticas intensifica-se no Império (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 119).

No mundo Romano, a deusa Vênus tinha significado importante, era reverenciada em diversas ocasiões e ligada a diferentes qualidades.: como protetora do poder, das prostitutas, seus valores eram ligados às práticas sexuais. No ambiente cultural mais privilegiado, a fertilidade, que também é relacionada a Vênus, traduz-se por riqueza. Nota-se uma mistura dos valores fertilidade/riqueza/poder, tornando-os flexíveis no imaginário do povo, relacionando novamente a imagem da deusa e as práticas sexuais (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 120).

Análise iconográfica: Trata-se de uma moeda romana feita de prata, conhecida também como denário, que circulou bastante durante o final da República e início do Império, produzida por Júlio César, em Roma - 44 a.C. No anverso há a imagem cunhada do busto do imperador com

véu, representado como *Pontifex Maximus*, com a legenda de ditador eterno; no reverso temos a figura de Vênus, que traz em sua mão direita uma Vitória com asas. Conhecida como deusa do sexo, a presença de Vênus, que traz consigo uma Vitória alada na mão direita, já inclui uma ligação entre a prática sexual, a vitória/poder e o governo de César (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 120).



Augusto (Divus)/Touro. (15/13 a.C.) AR Denario (18mm, 3,77g).
Fonte: MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015.

Contextualização: Animais fortes como o touro, são relacionados à força, virilidade, agressividade. Pode ser entendido como uma variação do falo (órgão sexual masculino) ou dos deuses ligados às práticas sexuais e à fecundidade, fertilidade. O touro, assim como o leão e a águias são associados às manifestações dos deuses (as), aplicados a eles principalmente pelo seu poder gerador (MARQUETTI, F. R.; CARLAN, C. U.; FUNARI, P.P, 2015, p. 11).

Análise iconográfica: No anverso da moeda aparece o busto do imperador Augusto, enquanto a inscrição entorno da imagem significa Divino Augusto, que reforça a potência, o poder de Augusto, igualando-o a um Deus. No reverso há a imagem de um touro em posição de ataque, estabelecendo a igualdade entre o imperador e os poderes da agressividade e da fertilidade do animal (MARQUETTI, F. R.; CARLAN, C. U.; FUNARI, P.P, 2015, p. 122,123).

Desafio: O exercício dessa sala é ligar a moeda com a sua respectiva informação correta, como um jogo de memória + ligar colunas, para isso será necessário fazer uma análise iconográfica das moedas que será realizada com a mediação do professor.

Sala 03:

Ar Stater (22mm, 8.96g) – Ilhas da Trácia, Thasos. Batida cerca de 500-463 a.C.

Fonte: (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015).

Contextualização: As cenas com elementos de nudez surgem nas moedas antes do Império Romano. Na moeda trácia, uma das primeiras encontradas, é representada uma cena de sexo, que ocorre entre figuras mitológicas. Nesta moeda é representada imagetivamente o rapto da jovem ninfa por um sátiro: estes eram tidos como “bestas sexuais” que perseguiam ninfas e pessoas para satisfazer seus desejos, mas era uma representação da religiosidade grega (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 124,125). Apesar do ato brutal, entre essas figuras mitológicas simbolizavam uma celebração natural da fertilidade no campo, por isso a agressividade contra a imagem feminina é entendida como cruel, mas necessária- para que as forças da natureza renasçam (MARQUETTI, 2014).

Análise iconográfica: A imagem apresenta os personagens olhando-se de frente; a figura do sátiro indica a prática sexual contra a vontade da ninfa, que por meio da violência conquista-a. Essa ninfa era uma Nereida, filha de Nereu, deus marinho. As Nereidas eram representadas por golfinhos para indicar sua origem marinha. O golfinho remete ao mar, às conquistadas territoriais além-mar, que foram tomadas à força, mas que resultaram em ganhos para a comunidade, como a riqueza e fartura (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 12).

Desafio: Vamos explorar a questão mítica-simbólica da moeda: os alunos deverão fazer análise iconográfica de uma imagem e procurar uma moeda semelhante (no caso a moeda Trácia). Os alunos utilizarão a seta para mover o cursor e apertar enter para selecionar a peça. O espaço cinza é o local para onde as peças podem se mover. A imagem abaixo, no jogo, estará modificada para a moeda trácia.



Singularity Games, 2018.

Sala 04:



LON-E98F21. C1st AD. Copper alloy. Museum of London.
Fonte: DUGGAN, 2017.

Contextualização: Abaixo do casal aparece a letra *S*, entre as pernas do homem, remete ao senado. No período dessa cunhagem, o imperador Augusto aumentou o número de senadores para ter maioria em caso de votações, por isso, a igualdade de decisões e poderes. Os senadores lutaram contra reis etruscos que dominavam a cidade, e por isso, desde a monarquia o Senado é a principal tradição romana. Mantiveram esse poder na época republicana e durante o Império (MARQUETTI; CARLAN; FUNARI, 2015, p. 129).

Análise iconográfica: No anverso desta moeda é retratado o sexo entre homem e mulher, onde há a troca de olhares entre o casal, denotando intimidade e reciprocidade- compartilham o momento do ato. Os tamanhos das personagens são iguais, podendo ser um indício de pessoas de

poderes sociais equivalentes, pertencentes do mesmo âmbito social, podendo até mesmo ser um retrato de uma relação entre um casal.

Reverso: No reverso dessa amoedação há o número romano XIII, emoldurado por uma coroa de louros, que remete a um símbolo natural de vitória.

Desafio: Na parte final do jogo, e ponto central deste trabalho, a intermediação do professor será essencial. Antes da realização dessa atividade, os alunos pausarão o jogo, e todos discutirão novamente os conceitos de gênero, sexualidade, e como eles são aplicados na investigação histórica. A Abordagem conceitual dará margem para que os alunos empreguem tais conceitos em diferentes temporalidades históricas, inclusive no entendimento dos mesmos na contemporaneidade. Após o debate, os alunos irão responder a seguinte pergunta: As relações de gêneros e sexualidade na Antiguidade, ou em qualquer temporalidade histórica, são definidas pelo o que? Ao responder com a palavra-chave Cultura, o jogo se encerra.

7 CONCLUSÃO

As moedas *spintriae* possuem representações de práticas sexuais em suas cunhagens. Esta cultura material foi elaborada a mando do imperador romano, sendo fabricada por homens: as imagens femininas, nelas constituídas, são discursos masculinos acerca de suas sexualidades e seus desempenhos nas relações de gêneros. Embora artesãos estivessem por trás da produção em si, as escolhas imagéticas têm origem na elite romana- que ordena sua manufatura.

A investigação nos aponta que as moedas pagas aos legionários explicam a sua disseminação por todo império e não restringe-se somente aos lupanares: não havia ligação entre imagem e numeral, que dificultaria a utilização dessas moedas como objeto relegado apenas à prostíbulos; há também insígnias de poderes imperiais impressos nas maiorias das moedas.

Nossa hipótese de finalidade das moedas é a de propiciar um sentimento de união no vasto império. Acreditamos que elas contribuía para o compartilhamento de elementos culturais comuns aos romanos, além do sexo fazer parte do cotidiano dos indivíduos; as representações imagéticas suscitariam identificações que externassem ao cidadão itálico nativo.

Juno Moneta, divindade protetora das moedas, a qual tem um templo em sua homenagem, sendo este o principal espaço de acunhações romanas; Vênus, deusa da fertilidade, amor e desejo sexual; e Marte, deus da guerra: a ligação destas deidades proporcionariam às moedas *spintriae*, com iconografias de práticas sexuais diversas e pagas aos legionários, um sentido potente de difusão de um ideal de unidade. Devido ao caráter apotropaico do sexo para as sociedades antigas, como a romana, e do desfrute imagético que o ato sexual proporciona, e ser comum a todas as pessoas/culturas, um elemento potencial de identificação com o Império.

O mito de Vênus e Marte como relação pacificadora das guerras entra no contexto de *pax romana* e contenção de dissidências internas. Para criar uma ideia de unidade, a representação social deveriam estar empregadas nas produções imagéticas das acunhações; a possível relação entre dois homens em uma *spintria* nos fez abrir o leque de possibilidade de representações sociais- em especial das mulheres.

As mulheres foram representadas pela ótica masculina nas *spintriae* das seguintes maneiras: os corpos femininos são curvilíneos, com as ancas largas e seios marcados, critérios iconográficos romanos ligados à fertilidade; cabelos sempre presos e arrumados, característica presente em

encenações de intercurso sexuais; as vezes as mulheres aparecem coroadas, outras não; ornamentos de cortinas enriquecem a composição da moeda, mas estão ausentes em todas, expondo a existência de estratos sociais distintos; a equiparação dos tamanhos das figuras grafadas nas moedas podem ser indícios de pertencimento ao mesmo grupo social, podendo ser também produto de uma valorização do feminino na jurisdição contemporânea às moedas, sendo igualmente apresentadas como os personagens masculinos.

O reflexo de uma maior autonomia feminina advindo destas melhoras jurídicas podem estar relacionadas as representações femininas nas posições sexuais: a mulher é apresentada em sexo frontal, com as pernas para cima, por traz, a mulher por cima em posição de domínio; há momentos de tensão e relaxamento, de distanciamento com a figura masculina e de cumplicidade/intimidade, com troca de olhares durante o ato.

Numa sociedade estritamente patriarcal é difícil imaginar mulheres sendo ativas durante a cópula, ou em momentos de compartilhamento de prazer como iguais frente ao masculino: as relações de poder permeiam em todas as esferas da vida humana, do micro, na atividade sexual, ao macro, no plano social. E percebemos que socialmente, nesta temporalidade histórica, algumas mulheres eram regentes de negócios familiares, participavam da política, assim como durante o ato sexual elas gozam de autonomia, são ativas durante alguns atos e têm estaturas equiparadas às masculinas.

A representação da mulher não se trata de uma preferência estética masculina do corpo feminino, ou de suas atribuições e desenvolturas sexuais: elementos acima apresentados relam o poder mítico existentes nas características físicas demarcadas nos corpos, e da potência que o ato sexual exerce na cultura romana. Os dados analisados nos demonstraram diversos tipos de feminilidades: elementos de referências a pessoas pertencentes às elites, conjugues, casos extraconjugais, a relações entre senhor e escrava, ou até mesmo com possíveis prostitutas.

A correlação com a iconografia de pompeia demonstraram imagens similares as moedas nos mais diversos contextos: seja casas de elites, homens livres, lupanares, reforçando o pressuposto de que redimensionar o sexo na antiguidade à práticas impudicas, ligadas apenas à prostíbulos, é tentar perceber a antiguidade por olhares modernos e conservadores, desconsiderando toda a particularidade cultural que a “sexualidade” é empregada na Roma Antiga, em outras sociedades de mesma temporalidade, ou até mais antigas.

As moedas com cunhagens de práticas sexuais, além de proporcionar bem-estar econômico com a posse da moeda, poderia acarretar no bem-estar individual e logo coletivo. O sexo, o falo, transcendem as questões fisiológicas para os mesmos: significam sorte, fertilidade, religiosidade, poder e, claro, prazer.

As mulheres e suas práticas sexuais representadas nas cunhagens são consequência do homem romano elitista, engloba, por razões ideológicas, as várias dimensões da esfera social romana, podendo ser compartilhadas por estrangeiras (os) que estiveram sob processo de hibridismo cultural, ou que tivesse, em sua cultura, elementos similares a da romana.

Unir todos esses elementos à propaganda imperial talvez seja um bom artifício para manter a paz e satisfação popular. As moedas propiciavam o deleite imagético próprio do significado do ato, os conectavam com o mítico e proporcionavam bem-estar advindo da aquisição monetária. Esse arcabouço de significados contidos nas representações sexuais tornam-na uma potência simbólica em prol do Império Romano, e também nos dão indícios da interpretação feminina pelos romanos.

Estudos de gênero e sexualidade, como este realizado, está cada vez mais em evidência devidos aos anseios contemporâneos relativos às igualdades sociais. Diretrizes escolares também nos apontam para a importância do debate em sala de aula a respeito do tema, mas com a crescente onda conservadora no país, faz dessa tarefa um desafio.

Por isso pensamos em um objeto de aprendizagem que fosse atrativo para os alunos, que desvinculasse do ensino tradicional, trazendo a relevância das discussões de gênero e sexualidade para dentro da sala de aula. O jogo virtual de escape Numi, ambientado em um museu, nos propicia o alcance de tais objetivos.

Como resultado de nosso objeto de aprendizagem, estudos tem demonstrado que a tipologia de games de entretenimento colaboram para uma melhor compreensão e fixação do conteúdo por parte dos estudantes, quando comparado com jogos onde a finalidade é apenas pedagógica. A diversão e a fuga de métodos tradicionais de ensino (conteudistas), tem se demonstrado essenciais para motivar e captar o interesse dos alunos, e seu consequente aprendizado. Ademais, o RPG Maker é uma interface que fornece artifícios audio-visuais, podendo proporcionar o desenvolvimento de um objeto de aprendizagem mais inclusivo.

REFERÊNCIAS

AGNOLON, Alexandre. **Uns epigramas, certas mulheres: A misoginia nos epigramata de Marcial (40. D.C.- 104.D.C).** São Paulo: Usp, 2007.

BATISTA FREIRE, J. **O jogo: entre o riso e o choro.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

BARROS, José D'Assunção. A Nouvelle Histoire e os Annales: entre continuidades e rupturas. **Revista de História**, Salvador: UFBA, v.5, 2013, p. 308-340.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política.** v.I. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BITTENCOURT, Circe. **As aprendizagens em História.** In: Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004, p. 181-199.

BLÁZQUEZ MARINEZ, José Maria. **Historia económica de España en la antigüedad.** Madrid: Real Academia de la História, 2011.

BOURDIEU, P. **Capital Cultural, Escuela y Espacio Social.** México: Siglo Veinteuno, 1997.

_____. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.** In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). *Escritos de Educação.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989).** São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

BUTTREY, T. "The *Spintriae*" as a Historical Source". **The Numismatic Chronicle** 13, 1973, p. 52-63. url: <http://www.jstor.org/stable/42664663>.

_____. Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANTARELLA, E. **Pompei. I volti dell' amore.** Milano: Mondadori, 1999.

CARLAN, Claudio Umpierre. Linguagem e Imagem: Numismática como documento. **Revista E. F.e H. da Antiguidade**, Campinas, no 28, Julho 14 2014/Dezembro 2014.

_____. Claudio Umpierre. Iconografia e Mitologia nas Moedas Romanas. **Todas as Musas.** São Paulo: Ed. Todas as musas, v.III, Jul-Dez, 2011.

_____. Claudio Umpierre. **Iconografia e Simbologia: A imagem como fonte histórica. Diversidades epistemológicas.** A teoria aplicada à pesquisa histórica. Orgs.: Pedro Paulo A. Funari, Margarida Maria de Carvalho, Natália Frazão José- 1.e.d.-Curitiba: Editora Prismas, 2016.

CARLAN, Claudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo. **Moedas: A Numismática e o estudo da História.** São Paulo: Ed. Annablume, 2012.

CAVICCHIOLI, Marina Regina. **As Representações da Sexualidade na Iconografia Pompeiana.** Dissertação de Mestrado no Instituto de Filosofia e ciências Humanas da Unicamp. Editora da Unicamp, Dezembro de 2004.

_____. **A sexualidade no olhar: Um estudo da iconografia Pompeiana.** Campinas, SP: Ed. Abril, 2009.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

_____. CHARTIER, Roger. **A história cultural.** Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.

CLARKE, John R. **Looking at Lovemaking.** Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 2001.

_____. **Le sexe à Rome.** Paris: Ed. Lamartinière, 2003.

COSTA, Leandro Demenciano. **O que os jogos de entretenimento têm que os jogos com fins pedagógicos não têm:** princípios para projetos de jogos com fins pedagógicos. Dissertação – Departamento de Artes e Design. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DUGGAN, Eddie. Stranger games: the life and times of the spintriae. **Board Game Studies Journal**, Suffolk: Ed. University of Suffolk, v.11, 2017, p. 101-121.

FAIRCLOUGH, Norman: **Language and Power.** Londres: Ed. Longman, 1990, p.84,91.

FEITOSA, L.M.G.C. História, gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo: Ed. Usp, v.13, 2003, p. 101-115.

_____. **Amor e sexualidade:** o masculino e o feminino em grafites de Pompéia. São Paulo: Ed. Annablume/ FAPESP, 2005.

_____. Gênero e sexualidade no mundo romano: A antiguidade em nossos dias. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 48/49, Editora UFPR, 2008, p. 119-135.

FERRAREZI Jr., Celso. **Pedagogia do silenciamento:** a escola brasileira e o ensino de língua materna. 1ª. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FISHBURN, G. (2007). “Is that A Spintria In your Pocket or Are You Just Pleased to See Me?” In: **Regarding the Past: Proceedings of the 20th Conference of the History of Economic Thought Society of Australia**. Ed. by P. Earl and B. Littleboy. University of Queensland, p. 225–236.

FREDEL, Karla Maria. **Arqueologia de Gênero nas cidades de Pelotas - RS - Brasil e Habana Vieja - Habana - Cuba / século XIX**. Erechim, RS: Ed. Habilis Press, 2015.

FREIRE, Paulo (1970). **Pedagogia do Oprimido**. 47^a Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. I a vontade do saber; II o uso dos Prazeres; III O cuidado de si. Tradução Maria Thereza C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FUNARI, P. P. A. Romanas por elas mesmas. **Cadernos Pagu**, Campinas: Ed.: Unicamp, v.5, 1995, p. 179-200,

FUNARI, P. P. A.; CARLAN, C. U. **Uma abordagem das relações de poder em Roma, a partir da cultura material e das inscrições latinas**. In: José Renato de Araújo Sousa; José Lourenço Pereira da Silva. (Org.). Educação, Política e Religião no Mundo Antigo. 1ed.Teresina: EDUFPI, 2012, v. 1, p. 49-60.

FUNARI, P. P. A . **Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências**. 2013.

GHENO, D. A.; MACHADO, N. T. G. Arqueologia Histórica – Abordagens. História: **Questões & Debates**, Curitiba: Ed. UFPR, n. 58, jan./jun. 2013, p. 161-183.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. Morfologia e História. Tradução de Federico Carotti. 1a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALBAWACHS, Maurice. A memória coletiva. **Revista dos tribunais**. São Paulo: Ed.:Vértice, 1990.

JACOBELLI, L. **Le pitture erotiche delle Terme Suburban di Pompeii**. Rome: L’Erma di Bretschneider, 1995.

JARDIM, Rejane Barreto; PIEPPER, Jordana Alves. Aproximações e divergências: história social, história cultural e a perspectiva gênero. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul: Ed.: UCS v. 9, n. 18, p. 87-97, jul./dez. 2010.

JOGO DE APRENDER. **O que é RPG**. Disponível em:<http://www.jogodeaprender.com.br/rpg_oq.html>. Acesso em: 2 de maio. 2018.

JORDÃO, Matheus Hoffmann. **A mudança de comportamento das gerações X,Y,Z e Alfa e suas implicações**. São Carlos: Ed.: Universidade de São Paulo, 2016.

JORNAL DA UNICAMP. (2017). Base Curricular é conservadora, privatizante e ameaça autonomia, avaliam especialistas. **Processo de construção da BNCC é marcado por divergências**. Universidade de Campinas, Campinas. <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/12/04/base-curricular-e-conservadora-privatizante-e-ameaca-autonomia-avaliam> [Consultado em 15/01/2018].

JUNQUEIRA, N. M. **O corpo feminino na arte e literatura gregas: Heródoto e a cerâmica ática do V a. C.** In: MARQUETTI, Flávia Regina; FUNARI, Pedro Paulo A. (Orgs). Sobre a pele. Imagens e metamorfoses do corpo. 1ed. São Paulo: Intermeios; Fapesp, Campinas: Unicamp, 2005, v. 1, p. 51-67.

JUSTAMAND, Michel; FUNARI, Pedro Paulo A. e ALARCÓN JIMÉNEZ, Andrés. **Arqueologia da Sexualidade**: representações das genitálias femininas e masculinas nas pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016.

KULIKOWSKI, Michael. **Late Roman Spain and its Cities**. Baltimore et Londres: Johns Hopkins University Press, 2004.

LAURENCE, R. **Roman Pompeii: space and society**. London: Routledge, 1994.

LE GOFF, Jacques. **Memória-História**. In Enciclopédia Einaudi. V.1. Verbetes “História”, “Memória”, “Documento/Monumento”, “Passado/Presente”, “Idades Místicas”, “Antigo/Moderno”, “Decadência”. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARQUETTI, F. R. Cap. 1. **Da sedução e outros perigos**. O mito da Deusa Mãe. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.

_____.; FUNARI, P. P. A. Ritos e representações no Paleolítico: uma leitura semiótica. **Revista de História Regional**, São Paulo: Ed. Usp, v.16, 2012, p. 154-180.

_____.; CARLAN, C. U.; FUNARI, P.P. **Muito além do prazer. As moedas romanas e as posições sexuais: relações de poder**. Campinas, nº 29, jan-dez 2015.

MENARI, André. (2017). **Em busca do homem de prata: o rei Argantônio e o caso tartessos**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Alfenas-MG, Programa de Pós-Graduação em História Ibérica, Alfenas.

MORAIS, H. A. (2017). **A didática da história nos videogames: “God of war” e suas dimensões frente à cultura histórica.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2017.

MUÑOZ, Francisco A. La pax romana. **Cosmovisiones de Paz en el Mediterráneo antiguo y medieval.** Orgs.: Muñoz, Francisco A.; Molina Rueda, Beatriz. Granada: Universidad de Granada, 1998, p. 191-228.

MUSEUM OF LONDON. Acessado em 14/06/2017. Fonte: <http://collections.museumoflondon.org.uk/online/object/794653.html>

MUSEU BRITÂNICO. Disponível em: http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?assetId=1606161001&objectId=3622219&partId=1

_____, Disponível em: http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?subject=16808&ILINK%7C34484,%7CassetId=951032&objectId=3028084&partId=1

_____, Disponível em: http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3336375&partId=1&object=24780&page=1

PANOFSKY, E. **Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença.** In: Significado nas Artes Visuais. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986, p. 47-65.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: apresentação dos Temas Transversais. **Secretaria de Educação Fundamental**, Brasília, MEC/SEF, 1997.

PRIORE, Mary Del. **Historia das Mulheres: as vozes do silêncio.** In: historiografia Brasileira em Perspectiva/ Marcos Cezar de Freitas (org.). – São Paulo: Contexto, 1998.

PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO. (2017). Disponível em: <https://www.programescolaseмпartido.org/> [consultado 14/06/2018].

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história.** In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar (Org.). Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

RODRÍGUEZ, Héctor Uroz. Imágenes sexuales y de fecundidad. Religión, mito y oligarquía en Iberia. **Sexo y Erotismo: Roma em Hispania.** Museo Arqueológico de Murcia, 6 de mayo- 5 de julio de 2009, p. 23-43.

ROLDÁN HERVÁS, J. M. **Introducción a la Historia Antigua.** Madrid: Ediciones Istmo, 1975.

RIPOLLÈS, Pere P. Las acuñaciones antiguas de la península Ibérica: dependencias e innovaciones. **XIII Congreso Internacional de Numismática**, Madrid, 2003: actas-proceedings-actes / coord. por Carmen Alfaro Asins, Carmen Marcos Alonso, Paloma Otero Morán, Vol. 1, 2005, ISBN 84-8181-264-1, págs. 187-208

OFICINA PEDAGÓGICA: **As diversas faces da moeda-** volume I/ Regina Maria da Cunha Bustamante, Org. VI. PR-1/UFRJ, 2007

SILVA, C. R. **As moedas contam Histórias:** hipóteses sobre as *spintriae* e as práticas sexuais no principado romano. 2017.

SILVA, C. R. **Reflexão sobre museus interioranos e sua importância para abordagens educacionais:** o caso do museu Carlota Pereira da Silva. Universidade Federal de Alfenas/MG, 2013.

SERIQUE, Israel. **Pax Romana e a Eirene do Cristo.** FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 21, n. 1/3, p. 119-134, jan./mar. 2011.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SUETONIUS. **The Twelve Caesars.** Translated by Robert Graves, 958.

VEYNE, Paul. “O Império Romano”. In Veyne, Paul (org.). **História da Vida Privada:** Vol. I: Do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

_____. **Sexo & Poder em Roma.** Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1988.

ANEXO: CATÁLOGO DAS *SPINTRIAE*

Catálogo das *spintriae*.
 Fonte: BUTTREY, 1973.